



volume 10

eu não mentiria para você

# gossip girl

Cecily von Ziegesar



gossipgirl.net

temas < anterior próxima > faça uma pergunta respostas

*Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

## oi, gente!

Já se sentiu a garota mais sortuda do mundo? Bom, é claro que não, porque esta sou eu. Neste momento, estou tomando banho de sol na über-social e incrivelmente linda Main Beach em East Hampton, olhando os meninos mauricinhos tirando suas camisas pólo Lacoste em tons pastéis e passando Coppertone nos ombros bronzeados. Está vendo, existe um motivo para qualquer nova-iorquina que não queira sair da cidade passar os verões nos Hamptons, e é o mesmo motivo pelo qual as pessoas usam sandálias de tiras Christian Louboutin ou voam na primeira classe: o melhor é simplesmente o melhor.

E por falar no melhor, ninguém faz melhor do que a Eres. Sou uma garota modesta, mas até eu acho que fico maravilhosa com o sutiã do biquíni cor de manga e os shorts da mesma cor. Tá legal, talvez eu não seja assim tão modesta, mas por que deveria ser? Se você estivesse olhando este lindo corpinho deitado nas areias brancas da praia de East Hampton, concordaria comigo. Como aprendi na escola particular e exclusivamente de meninas no Upper East Side, não se faz alarde sobre o que não é verdade.

Graças a Deus o verão está aí, e enfim nos reduzimos ao trabalho árduo de pegar leve. Depois de um mês de junho movimentado na cidade, julho chegou com uma brisa suave do Sound e reservas em todos os melhores restaurantes dos Hamptons. A Manhattan quente e úmida fica aqui perto, mas preferimos andar por aí descalças com nossos biquínis Eres ou Missoni de estampa de tapeçaria e sarongues de *batik* Calypso, ou rodar em nossas Mercedes CLK 500 conversíveis e platinadas pela Main Street de East Hampton em busca da vaga eternamente esquiva e dos rapazes de calções Billabong.

Somos os caras de cabelo banhado de sol, voltando de Montauk com nossas pranchas de surfe presas nos *racks* do teto de nossos Cherokees. Somos as meninas rindo nas nossas toalhas de praia cor de lima ou framboesa, ou estacionando para algum mimo pós-sol no Aveda Salon em Bridgehampton. Somos os príncipes e princesas do Upper East Side e agora mandamos na praia. Se você é um de nós, isto é, dos escolhidos, eu o verei pela ilha. Parece que a temporada já está a todo vapor, em especial agora, que alguns de nossos rostos preferidos decidiram nos dar a honra de sua presença. E eles são...

### a dupla dinâmica

Só para sua informação, não consigo acompanhar nenhuma das duas. O boletim do tempo dessas duas parece mudar todo dia. Será que são amigas? São inimigas? "Muy amigas"? Amantes? Você sabe de quem estou falando: **B** e **S**, e a única coisa de que tenho certeza é que elas agora são ícones certificados e oficiais da moda. Sim, nós sabemos disso há muito tempo, mas parece que a elite fashion finalmente entendeu. Depois de conhecer **B** e **S** no set de filmagem de *Breakfast at Fred's* no mês passado, um certo estilista influente de-chinelo-de-veludo-com-monograma — ele, o cara de Palm Beach, de dentes recapeados e bronzeado o ano inteiro — decidiu manter as duas meninas em sua mansão em Georgica Pond para se inspirar. Espero que seu pequeno zoológico (que soube que inclui vários cães de companhia, duas lhamas e duas modelos esquálidas de olhos de pires arrancadas do ostracismo estoniano para estrelar sua próxima campanha publicitária) não fique com

inveja demais das recém-chegadas. Ah, a quem estou enganando? Estas duas sempre fazem todo mundo ficar com inveja. Afinal, temos muito o que invejar nelas.

### **é verão, e viver não é fácil...**

...para os outros. Parece que algumas meninas realmente têm toda a sorte do mundo e todos, menos nós, vivem na maior dureza. Por exemplo: O coitado do **N**, trabalhando todo dia na casa enorme do treinador ou amuado em sua piscina em Georgica Pond com toda a sua solidão. Por que ele está tão triste? Pelo colapso do romance com aquela caipira piranhuda e grudenta? Pode acreditar, ela não reconheceria um biquíni Eres nem que alguém o atirasse em sua cabeça loura de farmácia. Mas perai: eu estou disponível...

A coitada da **V**, presa em seu próprio círculo dos infernos: vivendo com o amor de longa data **D**, mas sem beijá-lo, tirando meleca da calça cargo preta Carhartt enquanto os garotinhos hiperativos de quem está cuidando arrotam o alfabeto.

E o coitado do **D**... Bom, talvez ele não mereça tanta piedade, uma vez que está traindo **V** com aquela enjoada que faz ioga, e agora **V** está enfiada no quarto rosa-claro de **J**, a irmã mais nova de **D**. Além disso, ele ainda tem seu “emprego” e uma lata aparentemente sem fundo de café solúvel Folgers. Às vezes parece que ele gosta mais de café e poesia ordinários do que de mulheres. Nem consigo imaginar isso!

### **seu e-mail**

**P:** Cara GG,

Não sei a quem mais posso recorrer, então, por favor, me ajude. Tentei chegar na minha linda vizinha de cima, mas não deu certo. Depois conheci a colega de quarto incrível dela, e deu certo totalmente... Ou parece que sim. Tivemos um lance romântico de verão-na-cidade e ela até disse que talvez eu possa visitá-la nos Hamptons. Depois, no dia seguinte, bati na porta do quarto dela e a garota tinha ido embora. Sem móveis, nem roupas, nem bilhete, nada. O que é que tá pegando? Eu ligo para ela, ou é assédio demais?  
— Largado e Magoado

**R:** Meu caro L&M,

Pode ser muito difícil segurar os melhores de nós. Se tiver que acontecer, ela vai voltar e encher você de beijos suaves como pétalas. E se não tiver, guarde com carinho suas lembranças e coloque na conta da natureza fugaz dos romances de verão. Nesse meio-tempo, se você estiver disponível, quem sabe eu não posso ajudar a curar seu coração magoado? Mande uma foto!  
— GG

**P:** Cara GG,

O flagra mais esquisito de todos os tempos: uma versão impostora e alien de duas meninas que meio que conheci em Nova York, uma loura gata e uma morena magrinha, rindo na praia perto do Maidstone Arms, juntas. Eram como Louis Vuitton de camelô — de longe, pareciam verdadeiras, mas de perto... Bom, algumas coisas não dá para falsificar. Quem são elas?  
— Visão Dupla (ou Quádrupla)

**R:** Caro VDoQ,

Agora que certas loura e morena viraram as musas de um estilista muito famoso e extravagante, vamos ver cada vez mais imitadoras. Isso vai deixar os meninos doidos. A pergunta é, quem vai chamar a atenção das verdadeiras?  
— GG

## flagras

**B** comprando malas novas — uma busca que a levou à Barneys, depois à Tod's, depois à Bally. Será que ela não se cansa nunca? É óbvio que não, e nem o AmEx preto de **B**, que a mãe acaba de devolver depois da farrá de compras internacional de 30 mil dólares. Nossa! **S** na banca de jornal na esquina da 84 com a Madison, abastecendo-se de cada revista de moda e fofoca que existe, olhando disfarçadamente as colunas, procurando o próprio nome. Uma garota precisa de alguma coisa para ler na praia. **N** com um jeitão abatido, pegando seis latas de Corona morna naquela loja de bebidas vagabunda em Hampton Bays. Não se sabe se ele estava fazendo estoque para um churrasco romântico ao pôr-do-sol na praia ou só afogando suas mágoas. Dadas as besteiras na festa de encerramento de *Breakfast at Fred's*, provavelmente a última opção. **V** e **D** juntos (mas não como você pensa) na bodega da esquina da 92 com Amsterdam, abastecendo-se de víveres para seu lar comunitário. Eles parecem tanto que são casados há muito tempo — muito papel higiênico e nenhum sexo. **K** e **I** na Union Square Whole Foods distraidamente esbarrando os cestos de compras nos outros clientes enquanto a limusine preta esperava do lado de fora. Um conselho, meninas: vocês podem estar estocando agrião, biscoitos de arroz e água com gás sem sabor para levar para os Hamptons, mas quando se servirem de cinco (ou seis, ou sete) das amostras de trufas, vão estourar a dieta do biquíni. Ainda assim, como é bom. **C** saindo de novo de um hiato de uma semana na cena social. Por acaso ele se escondeu em sua suíte de cobertura preferida no novo Boatdeck Hotel na Gansevoort Street... E ele não estava só: uma certa loura bronzeada, cujas raízes parecem ter crescido pelo menos um centímetro, estava ao lado dele. Lembra dela? Eu sei que **N** se lembra. Gente, julho vai ser abafado e alvoroçado, mas vocês sabem que eu nunca descanso. Vocês sempre saberão quem está chegando, quem está saindo, quem está estourando nas festas mais badaladas em Gin Lane, Further Lane e todas aquelas boates bregas dos Hamptons, e quem está escapulindo sob o manto frio da noite. Afinal, eu estou em todos os lugares. Bom, pelo menos em todos os lugares que valem a pena.

Pra você que me ama,  
gossip girl

## s e b entram na casa dos espelhos

— Olá? Olá? — Blair Waldorf e Serena van der Woodsen olharam o saguão pouco decorado do retiro moderno-meados-doséculo de Bailey Winter em East Hampton. Do lado de fora, as hortênsias floresciam, o pólen voava e a temperatura subia, mas dentro era frio, *clean* e claro. Blair largou a enorme bolsa Tod's de couro salmão no piso zebreado e gritou novamente:

— Oláááá!

— Alguém em casa? — Serena colocou no alto da cabeça os óculos de sol Chanel de armação de madeira. Estava acostumada com casas cheias de antigüidades, mas, se tivesse uma casa de veraneio, ia querer que fosse assim: reluzente, *clean* e sem antigüidade alguma.

— Vocês estão aqui, estão aqui, estão aqui! — O *couturier* da alta roda deslizou pela escada de ébano encerada como um bebê gigante na manhã de Natal, batendo palmas deliciado e gritando por sobre o coro de ganidos dos cinco pugs que vinham atrás dele.

Blair mandou três beijos no ar para o estilista e percebeu, pela primeira vez, que ele era tão baixinho que sua cabeça es tava exatamente no mesmo nível que o queixo dela. Depois de fornecer o figurino para *Breakfast at Fred's*, a refilmagem para adolescentes do clássico *Bonequinha de luxo* com Audrey Hepburn, estrelado por ninguém menos do que Serena, a melhor e mais antiga amiga de Blair, Bailey convidara as duas para que fossem suas musas em sua casa de veraneio em Georgica Pond. Elas o inspirariam para sua nova linha Verão/Inverno by Bailey Winter, uma coleção só para as passarelas de seu visual mais excitante de verão e inverno.

— Muito obrigada por nos receber — ronronou Blair enquanto cinco cachorrinhos farejavam entusiasmados as unhas com esmalte rosa-claro South of the Highway sob sapatilhas de linho branco Bailey Winter, é claro.

— Não seja tímida! — gritou o estilista por sobre o ombro direito de Blair, sobressaltando Serena, que ainda estava parada na soleira da porta, absorvendo a cena. — Entre aqui e me dê um beijão agora mesmo!

Serena seguiu o exemplo de Blair, depositando sua bolsa de lona verde Hermès no chão bem encerado e abraçando o estilista diminuto. Os pugs giravam em volta dela, esfregando os queixos babões e gordos em suas pernas já bronzeadas.

— Ah, meu Deus, comportem-se! — Bailey repreendeu os cães, embora eles não dessem a mínima, abanando como loucos os pequenos traseiros louros. — Meninas, permitam-me que os apresente. Estes são Azzedine, Coco, Cristóbal, Gianni e Madame Grès. — Ele assentiu para os cinco cachorros de olhos esbugalhados. — Meninos, estas são as garotas: Blair Waldorf e Serena van der Woodsen, minhas novas musas. Sejam bonzinhos!

— Devo levar as malas? — perguntou uma voz grave com um sotaque vagamente alemão. Blair se virou e viu um rapaz desengonçado de cabelo embaraçado entrar na sala, vindo do corredor ensolarado que levava aos fundos da casa. Blair pôde ver uma piscina quase negra de fundo infinito através da vidraça de parede inteira atrás dele. O rapaz vestia uma camiseta laranja puída que mal cobria os bíceps cor de caramelo, e bermudas cargo verde-oliva esfarrapadas que iam até abaixo dos joelhos. Onde ela o vira antes? Num catálogo da Abercrombie?

De cueca em um outdoor na Times Square?

Em seus sonhos?

— Ah, o-láááá, Stefan — guinchou Bailey. — As meninas vão ficar na casa de hóspedes.

— Perfeitamente. — Stefan sorriu, pegando as bolsas abandonadas de Serena e de Blair.

— Tem mais no carro — informou-lhe Blair, admirando como os bíceps de Stefan se contraíam enquanto ele lutava com a bolsa abarrotada.

— Mas que menina terrível! — cochichou Bailey, vendo o olhar de Blair. Ele colocou um braço bronzado, embora um pouco laranja, nos ombros dela, apertando-a. — Ele é uma coisa, não é?

Blair assentiu com entusiasmo, ainda que a visão dos braços retesados e o cabelo queimado de sol de Stefan a fizessem pensar no um dia, talvez ainda, amor de sua vida, Nate Archibald. O sol sempre parecia produzir mágica no corpo de Nate. Ele podia estar usando uma camisa pólo de nerd de quatro anos atrás e a bermuda cáqui Brooks Brothers pregueadas que a mãe sempre lhe comprava, mas, com aquele bronzado, ele ainda era ridiculamente gato.

Ao chegar de carro à casa de concreto e vidro de Bailey alguns minutos antes, Blair não pôde deixar de olhar disfarçadamente a entrada da casa do vizinho, procurando pelo carro de Nate. A família dele sempre passava o verão no Maine, mas ela soube que ele estava na nova casa de praia dos Hamptons enquanto trabalhava para o treinador. Ela nunca estivera, mas sabia que ficava em algum lugar por perto. Não que realmente tenha pensado nisso, nem nada.

Mas é claro que não pensou.

Eram as últimas férias de verão de toda a sua vida — sim, a universidade também teria férias de verão, mas Blair esperava que fossem cheias de estágios importantes em revistas de moda, escavações arqueológicas no deserto de Mumbai ou pesquisa “antropológica” no sul da França. Dali a apenas oito semanas ela colocaria as malas no novo BMW creme (um presente de formatura de seu pai viajado e gay, mas ainda assim um doce) e iria para New Haven começar sua nova vida como aluna de Yale. Até lá, ela estava decidida a aproveitar o

máximo de sua vida como musa da moda. Ia passar os dias tomando licor *limoncello* e vodca gelada à beira da piscina e as noites amassando os músculos do braço de Stefan. Ou procurando por Nate. Ou sem procurar por Nate. Tanto faz.

— Sua casa é linda.

O som da voz de Serena arrancou Blair de seus devaneios e ela parou de admirar os braços modelados de Stefan, examinando a melhor amiga, que estava sentada no chão, cercada dos cães de Bailey, sorrindo feliz. Usava um vestido Marni longo de algodão branco com alças finas e debrum de crochê roxo, que em qualquer outra produziria um efeito “titia hippie de São Francisco”, mas é claro que em Serena era totalmente encantador.

— Fico feliz que meu humilde lar atenda aos padrões severos de Serena van der Woodsen — respondeu Bailey.

Seis quartos, sete banheiros, aviário, casa de hóspedes, heliponto e quadra de tênis? Um humilde lar, sem dúvida.

Serena aninhou Coco nos braços e beijou sua cara adoravelmente deformada. A pug arfou e bufou feliz. Serena não rolava no chão com um cachorro desde que namorou o meio irmão de Blair, Aaron. O cachorro dele, Mookie, babou todo o quarto de Blair e assustou Kitty Minky, a gata de Blair, fazendo-a urinar em toda parte, mas Serena gostava dele assim mesmo. Ela se perguntou se Bailey deixaria Coco dormir com ela na casa de hóspedes à noite, como um ursinho de pelúcia vivo.

— Alguém tem uma quedinha por você, hein, Coco? — piou Bailey, afagando a cadelinha sob o queixo fofo como se ela fosse um bebê peludo. — Vamos, vamos. Vamos fazer um tour.

Blair franziu a testa para os outros quatro cachorros, que a encaravam com expectativa. A última coisa que queria era baba de vira-lata em sua túnica de linho Calypso.

— Por aqui, meninas. — Bailey acenou, liderando os cinco cães e as duas meninas como um bando de patos pelo corredor cavernoso, entrando na parte principal da casa. O corredor era revestido de pinturas circulares vermelhas de Elsworth Kelly, tomando toda a parede, que Blair reconheceu de uma matéria sobre a casa de veraneio de Winter na edição do verão passado da *Elle Decor*, e se abria para uma cozinha enorme com bancadas de concreto. Uma enorme tigela de teca, cheia de limões amarelos, estava no meio de uma bancada. — Esta é a cozinha — explicou o anfitrião jovial. — Mas só o que vocês realmente precisam saber é que o bar fica bem ali. — Ele apontou para uma mesa de metal coberta de uma pilha assimétrica de garrafas de vidro. — Permitam-me.

Bailey despejou uma das bebidas claras sobre gelo, espremeu umas folhas de hortelã e passou dois martinis completos a Blair e Serena, que teve que colocar Coco debaixo do braço para pegar a bebida.

— O que é isso mesmo? — Blair ergueu as sobrancelhas escuras e perfeitamente arqueadas, cheia de desconfiança.

— Só um chá de hortelã para minhas meninas! — Bailey esvaziou a taça de martíni num longo gole, depois serviu-se novamente. — E a geladeira está abastecida, então podem atacar. Só não me contem nada... É temporada de biquíni, sabiam?

— Tudo bem — concordou Blair, revirando os olhos para dentro. Os velhos sempre falavam de cuidar do que comem, mas ela pretendia consumir o máximo de sorvete Cold Stone Creamery e pão Balthazar que pudesse e ainda ficar maravilhosa no novo biquíni Bluemarine marfim e azul-celeste.

Nham-nham.

— Venham, venham. — Bailey abriu as portas para o ensolarado pátio de pedra-lipes. — Esta é a piscina, e este — continuou ele, apontando um bangalô baixo de concreto que parecia uma versão em miniatura da casa principal — é sua segunda casa. A casa de

hóspedes. Eu diria que vocês ficarão bem confortáveis aqui. Temos um ar-condicionado no máximo e os lençóis são importados da Úmbria, e Stefan providenciará qualquer coisa de que precisarem.

Qualquer coisa?

— Só há mais duas pessoas muito importantes que vocês *precisam* conhecer — disse Bailey entusiasmado e bateu palmas alegremente, derramando o que restava do coquetel. — Svetlana! Ibiza! Frente e meio, por favor!

Mais cachorros?

— Já vamos, senhorrr Winterrr!

Dois amazonas pernudas irromperam da casa de hóspedes — a casa de hóspedes delas — e correram para Blair, Bailey e Serena. Os cães explodiram num coro de latidos de êxtase.

— Eu ser Svetlana — anunciou a garota de cabelo louro-esbranquiçado na altura do traseiro e nenhum quadril que se pudesse ver. Vestia um minúsculo biquíni laranja-néon, e dois mínimos triângulos laranja cobriam os peitos inexistentes.

— Eu *sou* Ibiza — pronunciou a outra menina com cuidado. Tinha o cabelo cortado em camadas, tingido de castanho, emoldurando o rosto quase de raposa, olhos azuis brilhantes e um sorriso bonito que era meio estragado por dois aparelhos proeminentes. O maiô de listras lavanda e dourado era um daqueles horrorosos e complicados trajes de banho recortados que, de trás, pareciam um biquíni. Um recorte circular cuidadosamente colocado na frente revelava o umbigo bem encrespado.

Eca!

Ibiza, o que mais parecia uma marca de carro do que um nome, colocou as mãos no braço de Blair e beijou o ar duas vezes. Blair estremeceu de pavor, percebendo que, a não ser pelos terríveis problemas ortodônticos, a menina era muito parecida com ela. Blair se encolheu com o aperto da garota e examinou a outra modelo, que era, olhando bem de perto, uma versão diluída de Serena, tirando a elegância, o porte e a criação da Nova Inglaterra. Mas o que é que estava acontecendo?

— Ibiza e Svetlana serão os rostos da nova linha, queridas. Nos anúncios, entendem? — explicou Bailey com um suspiro de satisfação. — Vocês duas são a inspiração, é claro.

É claro.

— Elas estão aqui para observar vocês. Para *ser* vocês, na verdade — continuou ele, erguendo teatralmente a taça de martíni como se estivesse estrelando *Rent* na Broadway. — Quero que elas capturem a sua essência!

Que coisa estranha...

— É um prazer conhecer vocês. — Serena estendeu a mão para as meninas, virando-se primeiro para sua sócia. Serena sempre era infalivelmente educada, mas nem ela pôde deixar de estremeecer por dentro. Além da voz fina e do gosto discutível no maiô, Svetlana era igualzinha a ela, mas não era possível. Parecia o Halloween da quinta série, quando ela e Blair se vestiram de professoras, com peruca, cardigãs feios da Talbots e mocassins marrons. — Vai ser como uma festa do pijama gigante! — gritou Bailey como uma menininha de seis anos.

Ibiza e Svetlana deram uma risada falsa.

— Guerra de travesseiro! — gritaram elas em uníssono com o forte sotaque da Europa oriental.

— Meu Deus, vocês duas são divinas! — Bailey atirou a taça no gramado verde aveludado e bateu as mãos novamente num aplauso acelerado.

Blair olhou as imagens quase idênticas dela e de Serena. Para todos os outros, elas deviam parecer bonecas Barbie felizes, despreocupadas e desnutridas, mas Blair sempre foi mais

perceptiva do que a média das garotas. É claro que Ibiza e Svetlana deviam só ficar sentadas esperando que Blair e Serena entrassem por seus poros, mas Blair podia ver outra coisa naqueles olhos de conta estrangeiros. Alguma coisa calculada e decididamente cretina.

E ela sabia do que estava falando.

Não interessava a estas duas ficar em segundo plano. Sem dúvida Ibiza e Svetlana tinham outra coisa em mente.

Bom, então tá.

Blair virou-se e sorriu para Serena, de repente muito feliz por estar com a melhor amiga, e pegou sua mão.

— Vamos dar uma esfriada — cochichou ela com malícia.

— Boa idéia. — Serena entendeu de imediato. Ela libertou Coco de seu abraço. Depois a dupla saltou na piscina tentadoramente azul, de sapatos e tudo, guinchando ao caírem na água na temperatura do corpo.

— Aiii! — gritou Bailey enquanto a água clorada da piscina espirrava em suas calças de linho branco. — Ora essa, isto — anunciou ele a ninguém em particular — é inspirador.

*Hilfe!* Stefan, rápido! Meu bloco! *Bitte*, meu bem!

Blair afundou a cabeça na água luminosa e ondulante, sentindo o cabelo escuro girar em volta dela. Veio à tona bem a tempo de ver Ibiza virar-se para Svetlana, com um ar conspirador.

E as macacas de imitação chegaram à beira da piscina e mergulharam para o fundo feito mísseis, os ossos batendo na água.

Bem-vindas a sua nova família, meninas!

## n reconhece uma dona-de-casa desesperada quando vê uma

- Nate? Naa-teeee? Onde você está se escondendo, meu groselhinha?

Esse grito abafado e distante fez arrepiar os pêlos clareados pelo sol da nuca bronzeada de Nate. Ele escolheu intencionalmente o sótão sujo mas deserto da casa do treinador Michaels para escapulir rapidinho de mais um dia de servo contratado na parte não-tão-da-moda de Long Island.

Escapulir, é claro, significava para a terra dos chapados. Inalar THC, exalar CO2.

Ele deu um longo trago no baseado recém-enrolado e soprou uma nuvem de fumaça quente e seca para fora da janelinha, esforçando-se para ouvir de onde vinha a voz. A voz em questão pertencia a Patrícia, também conhecida como “Babs”, a esposa do treinador Michaels, sempre presente e em geral tomando banho de topless na beira da piscina. Nate estava trabalhando na casa dos Michaels em Hampton Bays desde a formatura – ou, no caso dele, semiformatura, uma vez que ainda não recebera o diploma, devido ao incidente infame do roubo do Viagra. E embora Babs sempre fosse simpática – levando-lhe copos altos de chá gelado com limão enquanto ele tripulava o cortador pelo adorador gramado do treinador, insistindo que ele comesse uma fatia de torrada de canela com manteiga quando ele aparecia de manhã, de olhos baços e pronto para trabalhar -, nos últimos dois dias ela estava... Bem, simpática demais. Ele podia ficar chapado durante a maior parte do tempo, mas era esperto o bastante para perceber que Babs Michaels sem dúvida estava a fim dele.

Mas não estamos todas?

Nate parou e concentrou toda sua energia em escutar a casa silenciosa, mas o único barulho que ouviu foi o martelar de seu coração doidão e nervoso. Levou o baseado à boca de novo e parou – talvez a maconha o estivesse deixando paranóico, mas pensou ter ouvido alguma coisa. Pareciam passos se aproximando.

*Merda!* Nate apagou o baseado apressadamente no peitoril de madeira áspera, lançando uma chuva de faíscas no chão. Que ótimo - não só estava prestes a ser flagrado fumando um baseado no trabalho, como ia incendiar a droga da casa. Ele enfiou o baseado no bolso - não tinha sentido desperdiçar - e abanou freneticamente a fumaça pela janela aberta.

- Está aí em cima, Nate?-A voz de Babs trovejou do pé da escada do sótão. - Estou sentindo cheiro de coisa... *ilegal?* Sabia que também fui adolescente? E não faz muito tempo!

Nate ainda agitava as mãos freneticamente quando Babs apareceu no alto da escada. Um sorriso tímido se espalhou pela cara enrugada e meio queimada de sol dela. Seu cabelo tingido de ruivo estava puxado num rabo-de-cavalo malfeito. Um halo efervescente de vermelho se projetava de sua testa.

- *Ai* está você. - Babs suspirou. - Não me ouviu chamar?

Nate sacudiu a cabeça, de repente muito preocupado de estar chapado demais.

- Bem - continuou ela, andando para ele e passando pela pilhas de caixas de papelão, os brinquedos velhos e todo o lixo que ela e o treinador guardavam ali em cima. - Sabe o que meu marido disse? Enquanto ele estiver fora, você é *meu*.

- É-é-é - gaguejou Nate. O treinador ia passar a semana toda numa conferência de lacrosse em Maryland, provavelmente aprendendo novas técnicas para torturar os meninos do ensino médio. Nate de repente entrou em pânico: e se ele não tivesse apagado completamente o baseado? Será que suas calças iam pegar fogo?

Ai.

- O caso, Nate - continuou Babs, passando os dedos pelo guidom de uma bicicleta Schwinn enferrujada que estava pendurada no teto -, é que eu preciso de uma ajuda. Você me faria um favor?

- Claro - assentiu ele. - Estou aqui para isso.

- Bem, esse favor em particular pode estar fora da descrição do seu cargo - admitiu ela. - Mas se você for bonzinho e me ajudar, talvez eu não fale nada sobre o fato de meu sótão feder como um show do Greatful Dead. O que me diz disso?

O que se pode dizer a uma chantagista?

- Eu ... Desculpe - gaguejou Nate. - Não vai acontecer de novo.

Babs riu.

- Não pode esperar que eu acredite nisso. - Ela sorriu, empurrando a bicicleta invertida para Nate, que ainda estava empoleirado na janela. - Mas não importa. Preciso de uma mão, e você tem duas. - Ela pegou as mãos dele agora calejadas, examinando-as. - Duas mãos muito fortes e capazes.

Nate se perguntou se não devia avisar ao treinador Michaels que havia um motivo para que seus filhos não fossem parecidos com ele: Babs deve ter traçado cada entregador que chegava com as compras dela!

- O que posso fazer pela senhora? - perguntou ele, tentando parecer educado e animado, embora ouvisse a própria voz tremer de puro pavor.

Babs soltou as mãos dele e abriu o primeiro botão da blusa de algodão rosa.

- Decidi preparar uma surpresinha para o treinador. Ela abriu outro botão.

- Sei-respondeu Nate num tom monótono. E ele viu um colo impressionante: nenhuma marca de bronzeamento, graças ao regime vespertino de banhos de sol de topless.

Que legal.

- Decidi fazer uma tatuagem. -Ela riu, abrindo o último botão da blusa, deixando-a escorregar pelos ombros e cair no chão. - Só uma coisinha para o treinador descobrir quando chegar em casa.

- Ótimo. - Ele assentiu. *Contato visual, contato visual, contato visual.*

- Mas tenho que cuidar muito bem dela – sussurrou Babs com a voz rouca, virando-se de costas para Nate e revelando a tatuagem de uma borboleta mínima, as asas verdes abertas no couro lustroso da parte inferior das costas. – Mas não consigo alcançar - continuou ela. - Sabe meu tatuador, o Matty? Ele disse que tenho que passar essa pomada a cada duas horas.

Nate examinou a tatuagem, tentando desesperadamente clarear a cabeça. O que devia fazer nesta situação? Babs era legal, mas, assim tão perto, sua pele parecia uma luva de beisebol velha e surrada, e o perfume dela era como sabonete de banheiro de posto de gasolina.

Não admira que o treinador Michaels precise daquele Viagra.

E por falar no homem: ele acabaria com Nate, e não só no sentido figurado, se soubesse que a mulher tinha tirado a blusa na presença dele. Por outro lado, se ele não passasse a pomada em Babs, ela ia contar ao treinador Michaels que ele estava fumando maconha no trabalho. Era provável que o treinador não desse o diploma a Nate no final do verão, o que significaria que ele não iria mais para Yale e destruiria basicamente toda a sua vida.

Suas opções eram um tanto limitadas.

- Onde está a pomada? - perguntou ele a Babs, fechando os olhos enquanto passava. Ele vasculhou o cérebro de chapado, procurando alguma coisa assexuada para falar. - Humm, depois disso tenho que tirar aquele cortador de grama do sol, se não pode explodir. Não quero começar um incêndio.

Tarde demais, meu bem. Tarde demais.

### ***as mentes distorcidas pensam do mesmo jeito***

- Ai, merda - murmurou Dan Humphrey, queimando a língua na água quente com café solúvel Folgers que servia de substituto para uma xícara de café normal.

Já ouviu falar em Starbucks, meu filho?

Dan colocou um Camel meio torto na boca e tentou ao mesmo tempo tirar um trago enquanto soprava para esfriar o café, o que era totalmente impossível. O café espirrou da caneca de cerâmica calombenta cor de berinjeleira que a mãe tinha feito anos atrás, antes de se mudar para a Hungria ou para a República Tcheca ou sei lá onde morava, e caiu no piso sujo de linóleo amarelo. Ele definitivamente não era uma pessoa matinal.

Dan pôs a lamentável caneca numa parte semi-abarrotada da velha bancada de fórmica da cozinha e foi até a geladeira bege dos anos 1970, na esperança vã de encontrar alguma coisa comestível para mastigar no metrô. Só tinha vinte minutos para chegar ao trabalho - um emprego dos sonhos na Strand, o esparramado sebo de vários andares em Greenwich Village - e se não comesse agora, quando chegasse a hora do almoço estaria semimorto de desnutrição.

Prendendo a respiração para evitar a exposição a algum cheiro infeliz, ele enfiou a cabeça no eletrodoméstico barulhento e deu uma olhada no cenário: um pote antigo de CorningWare com uma mistura coberta de mofo verde e penugento, uma tigela de cerâmica transbordando de restos de vegetais não-identificáveis, um pote de plástico transparente contendo ovos meio cozidos em que a irmã, Jenny, desenhara carinhas antes de ir para a Europa havia mais de um mês. Não era nada bonito.

- Nem se incomode com isso - murmurou uma voz atrás dele. - Eu olhei ontem à noite. Não há nada de remotamente comestível aí dentro.

Ele fechou a geladeira e deu um sorriso amarelo para Vanessa Abrams, cujo *status* evoluíra de melhor amiga a namorada e, depois, a colega de apartamento. Depois de muitos altos e baixos - todos envolvendo o olho errante e excitação de Dan -, eles decidiram que era melhor ser amigos que dormiam em camas e quartos separados. Era só por acaso que estes quartos ficavam no

mesmo apartamento, porque Vanessa tinha ficado sem-teto graças à irmã totalmente cretina e seu novo namorado tcheco.

- É, é uma droga. - Dan largou o cigarro na pia, onde ele se apagou com um chiado. - Estou com tanta fome.

- Hummm - grunhiu Vanessa, colocando uma caneca de medidas com água no microondas, o único recipiente limpo que pôde encontrar. Ela derramou café no chão ao tentar colocar uma colher na xícara. Também não era lá uma pessoa muito matinal.

Um casal perfeito.

Ela se içou para a bancada abarrotada da cozinha, as pernas brancas que precisavam ser depiladas se esticando de uma cueca samba-canção azul-marinho surrada de Dan. Era estranho vê-la ainda usando uma coisa dessas, algo tão *intimamente* dele, quando os dois não estavam mais juntos. Isso o deixou ... triste.

Todas as noites, na última semana, Dan ficava acordado na cama, perguntando-se o que Vanessa estava fazendo no quarto ao lado. Ele a ouvia se levantar para ir ao banheiro e pensava em esbarrar por acaso com ela no corredor escuro e familiar do apartamento. Eles caíam nos braços um do outro, beijando-se furiosamente até o quarto de Dan. Ele afagaria a cabeça careca de Vanessa, adorando a sensação do cabelinho curto, macio e conhecido no peito dele, o jeito como as orelhas dela ficavam sempre tão quentes quando ela se excitava...

Dan de repente começou a sacudir a cabeça como se sua fantasia fosse uma água presa nas orelhas.

- Você está bem? - perguntou Vanessa, olhando-o desconfiada. Ela se deslocou de lado na bancada, colocando-se ao lado do microondas.

- Humm, tô - Dan praticamente gritou, agora com os dedos mindinhos alojados nas orelhas. - Acho melhor pegar a estrada. Tenho que trabalhar. A roda tem que girar. Sabe como é isso!

- Por que está gritando? - perguntou ela em voz baixa, as sobrancelhas unidas inquisitivamente.

- Ah, desculpe. - Dan riu. Ele secou o café de um gole só, ignorando a sensação de ardência na garganta, e passou por Vanessa para pegar o exemplar enrolado do *New York Review of Books* para ler no metrô. - Então, tchau. Um bom dia pra você - acrescentou ele, resistindo ao impulso de beijá-la.

- Tchau - disse ela às costas dele.

Mas peraí, isso não foi estranho?

Com a *Review* enrolada e seguramente enfiada sob a axila úmida, Dan quicou escada de granito abaixo na direção da lendaria e suja sala dos funcionários na Strand. A escada escura tinha cheiro de livro mofado, o que deveria ser desagradável, mas na verdade era um dos cheiros preferidos de Dan.

Ele tinha trinta segundos para esconder o jornal, pegar o crachá no armário e se apresentar ao térreo para o serviço. Nenhum dos gerentes da livraria tinha senso de humor com coisas como atrasos. Eram pseudoacadêmicos liberais irritadiços que se ressentiam de empregados de verão jovens como Dan, que eles só chamavam de "o garoto novo" ou "ei, você", apesar de ele estar trabalhando em tempo integral há quase um mês e de usar um crachá todos os dias, como eles próprios.

Mas quanto *glamour*.

Dan irrompeu na salinha, batendo a porta na parede por acidente, assustando um cara magricela de cabelo louro e curto com gel e óculos de aro de chifre grandes demais para sua cara quadrada e de olhos arregalados.

- Desculpe - murmurou Dan, disparando para o armário designado: um cubículo minúsculo só a alguns centímetros do piso de concreto empoeirado e com décadas de pontas de cigarro. Ele entrou com a combinação de nerd, 28/8/49, o nascimento de Goethe, autor de seu livro favorito, *Os sofrimentos do jovem Werther*, depois atirou o jornal dentro do armário e pegou o crachá de plástico com seu nome.

- *New York Review of Books*, hein? - perguntou o louro.

- O quê? É. - Dan prendeu o crachá vermelho na camiseta preta desbotada, olhando com desconfiança o estranho.

Dan não o percebera ali antes. Era o primeiro dia dele? Será possível que Dan tecnicamente não fosse mais "o garoto novo"?

- Meu nome é Greg. - O estranho sorriu. - É meu primeiro dia.

Carne fresca na terra dos livros mofados. Parece até uma festinha.

- Legal. Bem-vindo ao inferno - ladrou Dan, no fundo emocionado por agora ser mais antigo ali do que alguém.

- Pra falar a verdade, nem acredito que estou aqui - continuou Greg ansiosamente, olhando a sala como se fosse a Capela Sistina e não um canto sujo e sem janelas num porão infestado de ratos. Ele vestia uma camisa de manga curta no estilo caubói e uma bermuda cáqui que fazia Dan se lembrar de Vanessa. Na outra tarde, quando o ar-condicionado pifou na sala de estar, ela cortou espontaneamente as pernas da calça cargo preta preferida para fazer uma bermuda. Meu Deus, ele sentia falta dela.

- Sempre quis trabalhar aqui, sabia? - continuou Greg.

- Trabalho é trabalho - respondeu Dan, desinteressado. É claro que ele sabia exatamente do que Greg estava falando, mas era meio divertido imitar a atitude dos outros funcionários mais antigos da Strand. Isso o fazia se sentir durão, como se pudesse apagar o próximo cigarro nas costas da mão de Greg. - Vi um carrinho cheio de jornais de literatura velhos lá em cima, perto do elevador. Acho que você deve dar conta disso até a hora do almoço.

- Para mim, parece ótimo! - Greg ficou esfuziante. Mas não tenho só que esperar aqui? Aquele cara, o Clark, me disse para descer e que ele me encontraria logo, mas isso foi há uns 15 minutos...

- Bom, o Clark sabe o que está fazendo - interrompeu Dan. - Tenho que subir, mas vejo você por aí, Jeff.

- É Greg - o garoto o corrigiu. - Alguém já te disse que você é a cara daquele sujeito dos Raves, Dan Qualquer Coisa?

Dan ficou paralisado a meio passo.

- Humphrey. O nome dele é Dan Humphrey - informou-lhe Dan. - Bom, na verdade, meu nome é Dan Humphrey.

- A carreira de Dan com os roqueiros dos Raves durou exatamente uma apresentação no Funktion do Lower East Side. Ele nem acreditava que alguém podia se lembrar daquela noite. Certamente ele não se lembrava. Uma garrafa inteira de Stoli pode fazer isso com você.

- Ah, cara, tá falando sério? - Greg atravessou a salinha e estendeu a mão. - Você é o Dan Humphrey? Você é o Dan Humphrey, o poeta? Nem acredito que estou te conhecendo! É claro que faz todo o sentido ... Você *tinha que trabalhar* na Strand. - Ele empurrou os óculos de nerd para cima do nariz. - É perfeito. Nem acredito. Eu adorava sua poesia, cara. Tem alguma coisa nova que eu possa ler?

Dan se sentiu corar de imediato. Antes de sua improvável passagem como astro do rock, ele publicou um poema chamado "Putas" na revista *New Yorker*. Ele foi o zunzum do mundo da literatura por exatamente cinco minutos e, embora suas lembranças dessa época fossem calorosas e vagas, ele não acreditava que houvesse alguém além do pai que se lembrava de seu leve roçar na fama poética.

- Bom, os poetas têm que trabalhar - mentiu Dan com vigor. - Estou reunindo algumas idéias para um livro. É por isso que ando chegando atrasado ultimamente.

- Cara, mas isso é uma honra, eu nem acredito. Estou conhecendo um poeta da *New Yorker*. É incrível.

- Não é lá grande coisa. - Dan agitou a mão como se estivesse enxotando o elogio.

O Senhor Modéstia.

- É perfeito - continuou Greg, metendo as mãos nos bolsos da bermuda pouco abaixo dos joelhos. - Olha, eu nem acredito que vou perguntar isso, mas estou tentando organizar um salão, sabe como é, uma coisa meio informal, um monte de gente que gosta de livros e se reúne de vez em quando só para falar de literatura, poesia, cinema e música. E blogs. Mas só de vez em quando. Tenho certeza de que você deve estar muito ocupado, mas quem sabe não quer aparecer por lá?...*Ou*, quer dizer, se estiver ocupado demais, tudo bem, mas...

- Um salão - Dan interrompeu o tagarelar de Greg. Na verdade parecia meio... incrível. Ele veio trabalhar na Strand esperando ter nos intervalos um monte de discussões estimulantes sobre os clássicos da literatura e filmes estrangeiros, mas até agora a conversa mais profunda de que participou envolveu dois colegas filando cigarro. - Parece legal.

- Ah, cara, que ótimo! - gritou Greg excitado, a voz falhando. - Ainda estou trabalhando nos detalhes, sabe como é, esboçando uma declaração de objetivos, pensando em como recrutar os membros.

- Uma declaração de objetivos. - Dan assentiu pensativamente.

- Talvez eu possa ajudar nisso.

- É mesmo? - perguntou Greg. - Mas que incrível. - Ele tirou uma caneta retorcida do bolso da camisa e pegou a mão de Dan. - Vou te dar meu e-mail. - E escreveu o endereço na palma da mão de Dan. - Me mande algumas idéias e eu trabalho nelas. E também precisamos de um nome. Estava pensando que podíamos misturar os nomes de alguns poetas mortos, como Wadsworth Whitman ou Emerson Thoreau. Eles não se importariam mesmo.

Não, eles só vão se revirar no túmulo.

- Legal. - Dan puxou a mão do aperto de Greg e olhou o endereço escrito nela. - Vou entrar em contato - acrescentou ele, tentando não parecer ansioso demais, embora definitivamente estivesse. Ele precisava de novos amigos, agora que Vanessa estava completamente cansada dele.

Numa palavra: deprimente. Mas também... meio bonitinho. De uma forma muito deprimente.

### ***ah, os lugares aonde vou!***

- Tá legal. - Vanessa suspirou, ajoelhando-se no carpete do quarto de brincar no quinto andar da casa na Park Avenue da família James-Morgan. - Só vamos dar uma última olhada na bolsa e vamos sair daqui. Prontos?

- Pronto! - Nils e Edgar gritaram em uníssono. Eram gêmeos e por isso faziam grande parte das coisas em uníssono, fosse derramar suco de frutas vermelhas nas antigas poltronas estofadas de seda marfim da mãe ou gritar a plenos pulmões (provavelmente para lembrar à mãe de que eles existiam). Eles eram lindos do jeito deles, mas ficava particularmente difícil ver isso quando se era responsável por enxugar as várias partes do corpo e se certificar de que eles passaram o dia com essas partes do corpo intactas e sem danos. E era exatamente esta a situação em que Vanessa se encontrava. Ela tinha sido demitida de seu primeiro emprego sério de Hollywood, como diretora de fotografia de *Breakfast at Fred's* e, num momento de desespero pessoal e financeiro, aceitou o emprego de babá.

E, além disso, ela estava de porre na hora. É óbvio.

Era quase deprimente demais pensar que duas semanas antes ela estivera em ensaios privativos no quarto de um importante astro do cinema no Chelsea Hotel, fazendo o que mais adorava, e agora estava em um sótão eduardiano servindo de babá no Carnegie Hill com uma mancha de geléia de uva na calça Levi's e dois meninos remelentos a seus pés, enquanto as estrelas de cinema tomavam banho de sol na praia, só a alguns quilômetros de distância, nos Hamptons. Não que ela fosse de babar ovo de celebridade, mas ainda assim...

- Lá vamos nós. Lenços de papel? - perguntou Vanessa.

- Sim! - gritaram os gêmeos, brandindo dois maços de Kleenex. Eles os atiraram na bolsa de viagem rosa e verde Lilly Pulitzer.

- Sacos de biscoitos?

- Sim! - Eles sacudiram dois sacos plásticos cheios de biscoitos sabor queijo cheddar.

- Caixas de suco?

- Sim!

- Não atirem! - Vanessa de imediato se lembrou das manchas cor-de-rosa que tanto tentou limpar nas cadeiras antigas.

- Atirar o quê? - Allison Morgan, também conhecida como *Srta.*, subiu decidida pela escada estreita e entrou na sala de brincar ensolarada, os *stiletos* de pele de cobra Jimmy Choo estalando no piso de taco claro.

- Mamãe! - Os meninos abandonaram a bolsa de viagem e se lançaram de cara na sua saia de *bouclé* marfim Chanel na altura dos joelhos.

- Preparando a mala para o passeio? - perguntou a Srta. Morgan num tom superfalso e agudo, afastando-se dos gêmeos.

Mas que percepção incrível, mamãe.

- Pensei em irmos ao Zoológico do Central Park - explicou Vanessa.

- Ah, querida - cacarejou Allison. - Central Park? Você se lembra do que aconteceu da última vez.

É claro que Vanessa se lembrava: ela jamais se esqueceria da visão de Dan vestido de short de atletismo amarelo fluorescente e patins, de mãos dadas com outra garota. Uma garota horrivelmente petulante, de cabelo comprido e roupa de lycra. Foi tão hilariamente bizarro e tão completamente doloroso. Fumando um cigarro, o cabelo desganhado de astro do rock, a camiseta suja, a calça de veludo cor de vômito que chegava a ser ridícula - *esse* era o Dan Humphrey que ela conhecia.

E amava?

Mas é claro que não era a isso que a nova chefe belicosa de Vanessa estava se referindo. Ela queria dizer que os gêmeos estragaram as roupas comendo sanduíches de sorvete e passaram metade da noite gritando "cocô de sorvete!" por causa do açúcar.

Mas Vanessa não conseguia parar de pensar em Dan. Agora que as coisas estavam de volta ao normal. Ou *quase* normal. Talvez fosse só a falta de sono, ou o fato de que ela ficou aliviada demais por ele ter dado o fora na loura gostosona tonificada de ioga e pirada em saúde, e pelo velho Dan estar de volta. Mas que droga, hoje de manhã, na cozinha, Vanessa mal conseguira não beijá-lo. Ele estava tão gracinha, tomando um café vagabundo naquela caneca calombenta, as remelas de sono ainda grudadas nos olhos. Era quase... natural, como Vanessa sempre imaginou a vida dos dois juntos. Só que eles *não estavam* juntos. Eram só... amigos. E ela não queria fazer nada para estragar isso, como enterrar o nariz no cabelo quente, delicioso e fedido a cigarro dele. Não, ela não estragaria de jeito algum.

Mentirosa.

- Olha Vanessa, ainda bem que ainda a peguei aqui. O som da voz áspera de chardonnay-demais-na-noite-anterior de Allison trouxe Vanessa de volta à Terra. - Vamos passar alguns dias em nossa casa em Amagansett. A cidade está insuportavelmente quente e os meninos adoram a praia.

- Praia! - gritaram Nils e Edgar, em uníssono, é claro, tomando o anúncio como uma dica para correr num frenesi por todo o quarto.

- Está vendo como já estão animados? - observou a Srta. Morgan. - Mas então, o que me diz? Temos um quarto extra na ala superior da casa... Muito confortável, muito privativo. Você ia passar o dia com os meninos e estaria livre para sair, digamos, lá pelas 18h, quando eles se sentam para jantar. Seu pagamento continuaria o mesmo, é claro.

Vanessa pensou na situação: ali estava ela, enchendo de suco e biscoitos uma bolsa de viagem ofensivamente de patricinha enquanto dois micromaníacos corriam em volta, gritando sobre "ondas". O que mais ela faria? Mais uma noite olhando as rachaduras no teto do quarto de Jenny,

que ainda tinha cheiro de solvente de tinta, perguntando-se o que Dan estava fazendo do outro lado da parede, fantasiando sobre o gosto de seus beijos com bafo de café e cigarro?

Ela odiava o sol, nem mesmo tinha maiô e basicamente desprezava qualquer coisa que tivesse a ver com praia e gente seminua, bronzada e totalmente irritante que a olhava feio. Mas sua vida estava um porre neste exato momento, então, pensando bem... Não parecia tão ruim.

- Amagansett - pronunciou Vanessa lentamente, como se fosse uma doença, uma área genital, ou um país do Extremo Oriente de que ela nunca ouvira falar. - Parece ótimo.

Ah, é mesmo ótimo. Mas só sob as circunstâncias corretas.



[temas](#) [◀ anterior](#) [próxima ▶](#) [faça uma pergunta](#) [respostas](#)

*Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

## oi, gente!

Interrompo sua programação normal para lhes trazer uma notícia de última hora.

Meus informantes são *os melhores*. Você deve se lembrar de um leitor preocupado que escreveu há alguns dias sobre uma dupla de impostoras que tinha se infiltrado na sociedade dos Hamptons, né? Por acaso elas não são impostoras: a dupla horrenda que tem uma semelhança perturbadora com B e S são duas semideusas da Estônia que certo estilista contratou para que sejam os rostos de seu mais novo empreendimento, uma linha pronta-entrega que ele lançará no outono. Parece que isso duplica (quadruplica) o problema. E eu aqui pensando que os cientistas tinham acabado de descobrir como clonar uma ovelha! A Estônia é tão avançada tecnologicamente. Mas podre mesmo é a história sórdida dessas garotas. Os detalhes estão chegando enquanto falo aqui! Aposto o que quiser que B vai ser a primeira a pirar, mas, antes disso, vamos reservar um segundinho para pensar nas possibilidades - não seria bom ter sua própria sócia à disposição de vez em quando? Sei que eu teria adorado uma em maio passado, nas provas da escola, quando só o que *este* corpo queria fazer era se espreguiçar no Sheep Meadow. E que tal evitar os *brunches* chatos de família no Le Cirque? Ou ter mais duas mãos para trabalhar em alguma obra de caridade em nosso lugar? E mais não é um pouquinho melhor? Mas então, mais corpos = menos espaço em nossas praias já lotadas nos Hamptons. Talvez não seja uma má idéia se livrar dessas sócias. (Você pensou mesmo que entrar para a universidade significaria esquecer todas as respostas do SAT?)

Se você está apenas assentindo para meus comentários das praias lotadas e não viveu isso em primeira mão, pense nisto como um serviço de utilidade pública: não importa quantas pessoas inundem os Hamptons no verão, este é o único lugar para ver e ser visto. Então feche esse laptop, pegue uma bolsa de praia e coloque sua bundinha no jatinho particular mais próximo! Num piscar de olhos, chegará ao Hampton

Jitney - só deve levar mais algumas horas de trânsito infeliz de um quebra-mola a outro. Mas confie em mim, valerá a pena quando você estiver arrastando os pés na areia reluzente. É a glória!

Como vocês todos ficam desamparados sem mim, vou dizer exatamente o que precisam levar...

### **lista de bagagem para uma partida apressada aos hamptons**

- Óculos de sol enormes Chanel ou do tipo aviador vintage. Os óculos de sol das impostoras são como as modelos impostoras: parecem bons à primeira vista, mas de perto são um horror.

- Clarins FPS30 com hidratante. Toda essa história de bronzear-até-torrar saiu de moda com as sapatilhas do ano passado.

- Protetor labial Kiehl FP5 15 com toque de cereja. Só porque você está evitando as marcas de bronzeamento, não quer dizer que seus lábios tenham que ficar nus.

- Uma bolsa náutica com monograma e toalha combinando. Uma espécie de equivalente de grife dos crachás nas roupas nos acampamentos de verão. Se você perder uma toalha, cruze os dedos para que aquele gato a encontre e depois que o gato encontre *você* para devolver a toalha.

- Água Metromint sabor hortelã. É um fresco em um dia quente ao sol. Além disso, refresca seu hálito, tornando-a mais beijável. Muá! Muá! Muá!

- Seus melhores amigos. Você vai precisar de alguém para passar Coppertone nas costas e todos sabemos que sua paixão de verão não é bem uma solução de longo prazo...

### **seu e-mail**

E por falar em ficadas de verão, parece, pelos e-mails de vocês, que todos estão passando por sérias dificuldades de relacionamento. Deixe-me ajudá-los:

**P:** Cara GG,  
Estou morando com meu ex-namorado/amigo e agora pretendo passar alguns dias fora. Não é nada pessoal só umas férias. Qual é o protocolo? Eu digo a ele ou só deixo que ele deduza?  
- Colega de Apartamento de Partida

**R:** Cara CdAdP,  
Só porque você sabe como são os beijos de seu colega, não quer dizer que

deva sair e atirar as regras da casa pela janela da cobertura. Deixe-me compartilhar os fundamentos: 1) a comida é comunitária a não ser que tenha uma etiqueta afirmando o contrário; 2) telefone se não for para casa à noite- nós ficamos preocupados! e 3) se você não está nos convidando para suas férias, o mínimo que pode fazer é deixar um bilhete e um presentinho. (Andei dando uma olhada nas novas bolsas de praia Marc by Marc Jacobs, mas talvez seja só coisa minha.) Bon voyage!

— GG

**P:** Cara GG,

Sei que meu ex-namorado está morando na mesma rua que eu neste verão, mas não consigo descobrir que casa é. Me ajude!

— Assédio no Bairro

**R:** Cara Assédio,

Talvez você deva usar o truque de João e Maria e ajudá-lo a achar o caminho até você. Se ele é como todos os caras que eu conheço, uma trilha de roupas descartadas dará certo!

— GG

## flagras

A esposa de um famoso treinador de lacrosse - vamos chamá-la de B mais velha - saindo de um estúdio de tatuagem em Hampton Bays. Fico me perguntando aqui para quem a experiência foi mais dolorosa: para ela ou para o tatuador que teve que vê-la de topless? O ex-entusiasta da ioga D fumando feito uma chaminé na calçada da Strand. Parece que os dias de cachorrinho-decadente acabaram. Isto é, a não ser que alguém mais possa colocá-lo em forma... A irmã mais nova dele, J, em Praga, desenhando um cara totalmente lindo enquanto ele desenhava o mercado local- é bom ver que a viagem não mudou a garota! Um certo carregador-de-macaco de Manhattan, C, fazendo estoque de autobronzeador Fake Bake na Chocolate Mousse. Nham! Será que os Hamptons vão acomodar outro visitante? V comprando bermudas e uma camiseta listrada de preto e branco na Club Monaco na Broadway. Mas como a menina está no clima do verão... Se B dividindo coquetéis com suas sócias - não seria esquisito se as quatro se tornassem grandes amigas?

Tudo bem, queridos, por hoje é só. Tenho manicure agendada para esta tarde e ainda não consegui decidir entre o rosa claro Bikini com um Martini, bege-dourado Cabana Boy, ou Shop Till Drop coral. Decisões, decisões. Pelo menos não tenho como errar!

Pra você que me ama,  
gossip girl

## *b e v livram-se das roupas*

- Me diga de novo - Serena suspirou, folheando preguiçosamente as páginas brilhantes da *Vogue* japonesa do mês, esparramada na cama de carvalho minimalista -, por que estamos aqui dentro num dia como o de hoje?

O dia estava claro como vidro e fazia 32 graus, com uma leve sugestão de brisa do mar. Serena desviou os olhos da foto em dose de uma modelo japonesa louríssima com cílios pintados chupando um pirulito vermelho-maçã. Podia ver um trecho frio e convidativo de sombra sob os guarda-sóis de lona branca instalados na beira da piscina. Hoje definitivamente era um tipo de dia para ficar de bobeira com metade do corpo na água.

- Você sabe a resposta para isso - rebateu Blair, que remexia toda irritada o armário de nogueira escura onde Anabella, a arrumadeira de Bailey Winter, tinha pendurado todas as suas roupas. - Juro que uma dessas merdinhas pegou a droga do meu vestido *Dolce de verão*. Aquele com os ilhoses. Não consigo achar em lugar algum. - Ela começou a tirar perigosamente os vestidos dos cabides de madeira e atirá-las no chão.

Bom, é para isso que servem as arrumadeiras!

- Humm - murmurou Serena. Não havia nada de especial em Blair tendo um acesso de raiva, embora Serena esperasse que ela escolhesse as roupas depois disso. Mas desde que elas chegaram à casa modernista e enorme de Bailey Winter, Blair dera mais ataques do que era normal, até para ela.

Ora, isso realmente diz alguma coisa.

Blair estava convencida de que as modelos europeias piranhas Ibiza e Svetlana estavam lá fora para pegá-la. Ficava acusando as duas de roubar suas roupas ou usar o hidratante *La Mer FPS 45* e insistia que Ibiza, a morena, imitava cada movimento dela, de seu novo corte de cabelo na altura do queixo à escolha das roupas. Serena não podia deixar de admitir que a dupla tinha uma semelhança perturbadora com ela e Blair, mas elas pareciam inofensivas. Só eram irritantes, como as macacas de imitação da oitava série na *Constance Billard*.

A imitação não é a forma mais sincera de elogio?

- Que se dane - anunciou Serena, fechando a revista e saindo da cama. Ela bocejou. - Não vou apodrecer aqui o verão todo só porque queremos evitar umas meninas esquisitas e vesgas com aparelho nos dentes. Eu vou nadar.

- Mas não consigo encontrar meu novo abrigo azul de bolinhas *Ashley Tyler* - gemeu Blair. - Que sentido tem ser uma musa se não estou produzida para inspirar? Se essa Ibiza pegou emprestado, juro que vou arrancar os braços desnutridos dela.

Falou como uma verdadeira musa.

- Vamos, Blair. - Serena pegou um *Gauloise* do maço amarfanhado na cama bem-feita ao lado dela, acendendo-o com o isqueiro de prata *Dunhill* que tinha afanado do irmão, Erik. Tinha o mono grama dele gravado, *EvdW*: - Só vista qualquer coisa e

vamos nessa. Está ótimo lá fora.

Vestir qualquer coisa? Não tenho nada para vestir, droga, por causa daquelas merdas de macacas de imitação. - Blair atirou as mãos no ar, como se as pilhas de roupas de algodão fino e seda em volta dela fossem invisíveis.

- Então só vista alguma coisa feia e veja se elas imitam – propôs Serena, exasperada. Ela adorava Blair, adorava de verdade, e elas eram grandes amigas desde sempre, mas às vezes ela queria dar um tabefe naquela bundinha perfeitamente tonificada.

- Pensando bem... - Blair se atirou na cama e arrancou o Gauloise da boca de Serena. Ela inalou fundo e semicerrou os olhos azuis, pensativamente. - Isso me deu uma idéia.

- Que dia maravilhoso! - Blair abriu as portas de vidro impecavelmente limpas da casa de hóspedes e andou para o feroz sol da tarde, os braços nus esticados no alto. - Vem, Serena. Vamos tomar um pouco de sol.

- Estou indo, estou indo - Serena riu, tropeçando para fora do bangalô sombreado, a pedra-lipes quente do sol, ardendo na sola dos pés de unhas recém-feitas. Ela segurava uma revista enrolada na mão, um cigarro aceso na outra e os óculos de sol de aro de chifre Crutler and Gross cobriam a maior parte do rosto. Tirando isso, ela estava completa, total e ultrajadamente nua.

- Talvez a gente deva pedir um pouco de café gelado ao Stefan - sugeriu Blair, acomodando o traseiro exposto numa espreguiçadeira de teca. Os únicos acessórios eram uma pulseirinha de tornozelo Me&RO de ouro e os gigantescos Ray-Bans pretos.

- Que estar acontecendo? - perguntou Ibiza, tirando o corpo de 45 quilos da piscina. Era tão magra que parecia uma daquelas crianças do Terceiro Mundo que pediam dinheiro nos comerciais de TV, totalmente vestida no maiô recortado lavanda e dourado de grife.

- Como assim? - Serena atirou a revista casualmente para Blair, na espreguiçadeira ao lado.

- Suas roupas - acusou Svetlana, ainda na água, o cabelo descolorido e ressecado achatado na cabeça. - Vocês não usar roupa nenhuma!

- Ah, meu bem. - Blair suspirou teatralmente e virou-se de bruços. O sol abrasador era agradável no bumbum pelado. - Não soube?

- Soube do quê? \_ perguntou Ibiza, olhando o corpo nu e empinado de Blair.

- Acho que a última edição da Vogue da Estônia ou sei lá o que vocês costumam ler deixou de cobrir a tendência ao nu. \_ Blair bocejou. - É a ultimérrima moda.

Serena apagou o cigarro numa concha marinha grande em uma mesinha de vidro ao lado da espreguiçadeira. Tentou não olhar para Blair, para reprimir o riso

incontrolável e a gargalhada histérica que soltaria se fizesse.

- A última moda é ficar nua? - Svetlana olhou a minúscula calcinha do biquíni, que ela provavelmente encomendou pelo correio do catálogo da Victoria's Secret. A água distorcia seu corpo, então era quase como se ela tivesse mesmo quadris e curvas.

Só uma ilusão de ótica.

- Sim, é claro - ralhou Ibiza, arrancando as alças do maiô recortado. Seu corpo, com as marcas de bronzeado circulares, parecia um tapete de Twister. - Muito melhor assim. Na verdade, muito europeu.

- O topless é tão *ultrapassado*. - Serena deu um bocejo exagerado, olhando a revista e tentando não perder a cabeça. - Blair e eu fazemos topless na praia desde que tínhamos 11 anos.

- No mínimo - interveio Blair. Achatada de barriga, ela baixou a cabeça e fechou os olhos.

- Tudo bem. - Ibiza mordeu a isca. Ela pulou numa perna só e depois na outra, tirando o resto do maiô horroroso. Ele caiu no chão com um espadanar molhado. - É claro que não quero que vocês ficar desconfortáveis, sim?

- Sim - concordou a infeliz Svetlana. Ela tirou o triste biquíni de bolinhas vermelhas e o largou na beira da piscina. Depois pulou na água e nadou constrangida, o corpo um lampejo esquelético de uma brancura subnutrida.

- Ainda bem que poder só relaxar agora, sim? - perguntou Ibiza, parecendo confiante mas pouco à vontade parada ali, o corpo de tapete de Twister completamente pelado, como se não soubesse muito bem o que fazer. Blair percebeu que os peitos dela eram totalmente assimétricos, como se tivessem sido colados errado. Talvez tenham sido mesmo. - Já ver o gato que morra na casa do lado? - Ibiza começou a dizer numa tentativa fraca de conversar despreocupadamente enquanto estavam nuas. Ela sacudiu as mãos como se estivessem queimando.

- Talvez a gente *deva mesmo* pedir um café gelado ao Stefan - sugeriu Serena, ignorando-a.

- Sim, parece muito bom. - Ibiza assentiu e depois andou lenta e deliberadamente até a mesa do guarda-sol. Puxou uma das pesadas cadeiras de madeira e se sentou nela com os joelhos dobrados, não muito causalmente. - Eu chamar. Stefan! Stefan!

Serena prendeu a respiração, tentando escutar o som de passos se aproximando.

- *Agora* - sibilou Blair.

Na deixa, elas pularam das espreguiçadeiras e dispararam a correr pelo gramado aveludado, rindo histericamente, chegando ao grupo de árvores frondosas no perímetro do jardim amplo e ensolarado.

- Olha, olha! \_ Serena se abaixou atrás da moita de um carvalho bebê, apontando a cena de que acabaram de fugir: Stefan aparecera vestido em sua camiseta branca apertada de sempre e a bermuda cargo. Também exibia uma bandana elástica bonitinha de gorgorão na testa para evitar que o cabelo caísse nos olhos castanhos, que estavam arregalados de choque. Ibiza se sentou diante dele em todo seu estampado de bolas pálidas-e-bronzeadas. Ela estufou o peito, tentando parecer sexy, mas seus seios de formato desigual só apontavam para lados diferentes. Svetlana escolhera aquele minuto para finalmente sair da piscina, pingando água. Ela pegou o iPod, enfiou os fones no ouvido e começou a dançar, agitando os braços esqueléticos e brancos. Parecia um flamingo albino.

- Ratfucker! - cantou ela alto, errando as palavras da última música do Coldplay.

Serena e Blair riram tanto que quase fizeram xixi. Serena se sentia corada e tonta, quase como uma criança de novo. Uma onda muito forte de *déjà vu* a inundou e ela foi transportada a um momento exatamente igual a este, só que anos antes, quando elas eram muito mais novas. Ela e Blair estavam tirando os maiôs Lands' End atrás de uns arbustos na casa dela em Ridgefield, Connecticut. Nate ameaçava persegui-las, e elas riram tanto que ficavam se espetando nos galhos e metendo os pés nos buracos errados dos shorts terracota.

- Mas que p... ?

Serena mal acreditava em seus olhos - era quase como se ela o tivesse conjurado. Nate estava parado diante das duas, as sobranceiras franzidas, limpando as farpas do traseiro da bermuda cáqui depois de pular a cerca de madeira entre as duas propriedades.

- Nate! - Serena correu e atirou os braços nele, esquecendo-se de que estava totalmente pelada. Ele a abraçou também, afagando sem jeito o ombro nu. Ela riu e quicou de volta ao lado de Blair, escondendo as partes pudendas com uma moita.

Blair sorriu diabolicamente. De certa forma parecia tão correto correr para Nate desse jeito. Havia algo de tão *óbvio* nos três ali juntos de novo, mesmo que dois terços do grupo não estivessem com roupa alguma.

- Tira, Nate! - gritou Blair, correndo atrás dele como se fosse arrancar sua bermuda cargo. Ele se abaixou atrás de um carvalho.

- Nadar nus? - perguntou Nate, olhando de trás do tronco fino da árvore.

Serena sorriu ao examinar o velho amigo ou namorado ou o que quer que Nate fosse - ela nem tinha certeza. Aquela expressão confusa, aqueles olhos verdes

sonolentos e chapados - ele não mudou nadinha. Mas, pela primeira vez, Nate não estava olhando para ela - ele encarava, de boca escancarada, *Blair*.

- O nu é a nova roupa - disse-lhe Blair categoricamente.

Ela colocou a mão na curva roliça dos quadris. - Não ouviu falar?

É claro que Blair sabia que ele estava por ali em algum lugar, mas não esperava que ele encontrasse *as duas*. Durante todo o seu relacionamento, ela sempre o perseguiu e tentou pren- Tira, Nate! - gritou Blair, correndo atrás dele como se fosse arrancar sua bermuda cargo. Ele se abaixou atrás de um carvalho.

- Nadar nus? - perguntou Nate, olhando de trás do tronco fino da árvore.

Serena sorriu ao examinar o velho amigo ou namorado ou o que quer que Nate fosse - ela nem tinha certeza. Aquela expressão confusa, aqueles olhos verdes sonolentos e chapados - ele não mudou nadinha. Mas, pela primeira vez, Nate não estava olhando para ela - ele encarava, de boca escancarada, *Blair*.

- O nu é a nova roupa - disse-lhe Blair categoricamente.

Ela colocou a mão na curva roliça dos quadris. - Não ouviu falar?

É claro que Blair sabia que ele estava por ali em algum lugar, mas não esperava que ele encontrasse *as duas*. Durante todo o seu relacionamento, ela sempre o perseguiu e tentou prendê-lo - ela queria só algemá-lo à cama, e não de um jeito obsceno, mas para poder ficar de olho nele e ter certeza de que não ia fazer alguma idiotice. Mas agora Nate estava ali e obviamente procurava por elas. *OU*, a julgar pelo modo como a olhava, ele andara procurando por *ela*.

- É isso aí - confirmou Serena, cruzando os braços no peito banhado de sol. O fato de Nate não estar olhando para ela a fez se sentir ainda mais nua. Ela nunca clamou pela atenção de Nate, mas a queria. Sempre a quis. Exatamente neste momento Blair deu um puxão no cotovelo de Serena, levando-a para a piscina de Bailey Winter.

- Peraí, aonde vocês vão? - gaguejou Nate.

Blair segurava a mão de Serena com força enquanto elas corriam.

- Dá uma boa olhada! - gritou ela enquanto as duas corriam pelo caminho de lajotas até a porta de tela. \_ E pense em nós hoje à noite!

Não se preocupe, ele pensará.

### **[newyork.craigslist.org/ groups](http://newyork.craigslist.org/groups)**

Anúncio da Reunião Inaugural do Salão Literário Song of Myself (Manhattan)

Alegrem-se, honrados artífices das palavras! Temos o prazer de anunciar um novo e exclusivo grupo literário na grande tradição dos salões europeus de Gertrude Stein e Edith Sitwell.

Somos dois humildes servos da palavra escrita: um jovem poeta e letrista arrogante e com fama sem i-internacional, o outro um leitor e pensador que aprecia Wilde e Proust acima de todos os demais. Procuramos por jovens de mentalidade semelhante que adorem ler, escrever e *conversar* sobre ler e escrever, e talvez beber um Chianti ou o que for. Pensem nas seguintes declarações/perguntas. Leremos todas as respostas com atenção e mandaremos convites para

nossa reunião inaugural a um grupo cuidadosamente selecionado de nova-iorquinos sagazes.

1. A poesia merece um papel mais central na cultura de hoje. Deveria haver um programa *American Poet Idol*. Concorda ou discorda?
2. Qual é a palavra de que mais gosta? Qual a palavra de que menos gosta? Escreva uma frase usando as duas ao mesmo tempo. Por exemplo: *Caos. Lanche. Sentada no meio do caos da barata marrom-iridescente, Bonita comeu um lanche de asas de borboleta.*

Os interessados devem anexar uma foto. Precisamos ter certeza de que não têm 12 anos. Ou 112.

Ansiamos por conversas inspiradoras! (Leve sua bebida!)

## *a grande escapada de n*

- Aí está você!

Babs Michaels estava junto à bancada de fórmica de sua cozinha em ruínas, arrumando com habilidade fatias de melão num prato de ovos mexidos e torrada amanteigada. Nate esfregou os olhos injetados com a base da mão e bocejou - por um segundo, a visão de uma mulher bronzeada preparando o café-da-manhã lhe deu um flashbaek estranho de quando era criança. Ele costumava descer correndo até a cozinha de sua casa no Upper East Side e encontrar Cecille, a chef de Barbados dos pais, preparando torrada de canela ou uma tigela de aveia irlandesa para ele antes de ele ir para o St. Jude' s de manhã.

Mas ele não era mais criança, não tinha mais que ir à escola, e Babs, com o robe roxo fino como papel e a pele esticada e dura, definitivamente não era Cecille. Além disso, ele já havia comido dois Pop-Tarts congelados de morango em sua casa de Goergica Pond.

- Bom dia - murmurou Nate, olhando desconfiado enquanto Babs colocava o prato carregado na mesa, cantarolando com a voz rouca.

- Precisa de um bom café-da-manhã hoje, não é, Nate? Toda aquela suadeira e o esforço no sol quente. - Ela foi para lado de Nate, colocando a mão fria no bíceps direito dele, que se projetava da camisa pólo azul-marinho Ben Sherman.

- T-t-tá legal. - Nate se livrou de seu aperto decidido, tomando um lugar à mesa. Ele estava mesmo faminto, e o prato de ovos mexidos e torrada levemente amarronzada parecia tentador, mas mesmo em seu estupor de início de manhã, Nate podia ver aonde isso ia levar. Ele ia começar a comer, Babs ia lhe servir mais suco de laranja que acabara de tirar da lata, pediria a ele para passar mais pomada em sua tatuagem, depois ia sugerir que talvez eles devessem se ensaboar juntos na tal banheira de que o treinador não parava de falar. E antes de ele se dar conta, ela o algemaria na cama e esfregaria as viscosas fatias de melão em seu corpo nu ou

coisa assim.

Dizem que o caminho para o coração de um homem é o estômago.

A idéia de ficar nu na cama com Babs deixou Nate completamente nauseado, mas ele ainda podia sentir um certo anseio na boca do estômago. Mas é claro que não era por Babs adejando em volta dele com um robe roxo de nylon que mal cobria a bunda semitonificada e semimole de meia-idade. Tinha mais a ver com a lembrança de Blair, vestida só com o mais leve brilho de suor e loção, sorrindo-lhe maliciosamente quando ele a descobriu na véspera no jardim de seu vizinho extremamente gay. Ele a vira nua muitas vezes, mas, parada ali, em plena luz do dia, os ombros delicados um pouco mais bronzeados do que o resto do corpo, ela nunca esteve mais linda. Ele localizou a conhecida marca de nascença em formato de maçã no quadril e teve de usar de toda a força de vontade para não agarrá-la e beijar a marquinha.

- Qual é o problema, querido? - perguntou Babs, parando atrás da cadeira dele e inclinando-se sobre ele para que seus peitos estranhamente duros roçassem a parte superior das costas de Nate. - Não está com fome esta manhã?

Irrompendo da cadeira como se tivesse sido eletrocutado, a voz de Nate saiu muito mais alta do que ele pretendia:

- Sabe de uma coisa, eu devia, humm, bom, eu preciso dar um telefonema.

- Um telefonema?

- É. - Ele corou violentamente. - Tudo bem? Quer dizer, pode me dar permissão? Sei que tecnicamente estou no trabalho e tudo.

- Não precisa de minha permissão - sussurrou ela. Não há nada que eu negaria a você, Nate. Nada.

- Obrigado! - Ele praticamente voou da cozinha e correu ao deque dos fundos. Remexendo no bolso da bermuda cargo em busca do Motorola Pebl, ele começou a rolar a lista de contatos e rapidamente discou a primeira entrada: Anthony Avuldsen, seu colega de time de lacrosse e o cara que já o salvara uma vez naquele verão, quando ele se viu enrolado num romance complicado com uma caipira gostosa que acabou se transformando em mais problemas do que valia a pena.

E não são todas assim?

Nate estava prestes a desligar depois de cinco toques quando Anthony atendeu com um grito simpático e exagerado.

- E aí?

- Cara. Cadê você?

- Indo para a praia - gritou Anthony por sobre o som do carro, que berrava "Back in Black" do AC/DC tão alto que o telefone tremia. - Dá pra você sair?

Nate olhou a piscina pequena, retangular e cintilante e o gramado meio crescido além dela. A idéia de cortar a grama lhe deu vontade de chorar; pensar em se virar e voltar para aquela casa e ser molestado por Babs lhe deu vontade de sair correndo.

E vem me falar de ficar entre a cruz e a espada.

- Sair - repetiu Nate devagar. - É, vamos fazer isso. Estou na casa do treinador nos Bays. Dá pra me pegar?

- Pegar você? - gritou Anthony. - Legal, é, tudo bem. Me dá uns dez minutos.

Nate enfiou o telefone no bolso e respirou fundo, preparando os nervos.

- Está tudo bem? - Babs abriu a porta de vidro deslizante da varanda e trotou para fora. O robe roxo tinha se aberto e estava pendurado nos ombros como uma capa, revelando a roupa de baixo complicada, de renda e estampa animal. Lembrava a Nate do traje de banho que sua agora falecida avó francesa e excêntrica usou na viagem da família às ilhas Turcas e Caicos quando ele era criança.

Ah, mas que coisa sedutora!

- Na verdade não estou me sentindo muito bem. -Ele não estava mentindo, uma vez que a idéia do que poderia acontecer se não saísse dali o deixava totalmente enjoado. Estremecendo de dor, mas tentando não exagerar, Nate soltou uma tosse ridícula.

- Coitadinho - piou ela, usando uma das mãos para fechar o robe fino. Ela colocou a outra palma na testa franzida de Nate. - Você parece meio quente.

Instinto maternal e Instinto selvagem - que mistura perturbadora.

- É - concordou ele, recuando. - Não sei se posso cortar a grama hoje.

- Não, claro que não. Devemos tirar essas roupas e ir direito para a cama. Posso preparar um bom chá de ervas para você...

- Eu realmente preciso ir - Nate interrompeu o cenário quase pornô e perturbador que Babs descrevia. Ele não queria participar das fantasias de Mrs. Robinson dela em um joguinho imoral de enfermeira. - Na verdade, acho que ouvi minha carona ali fora.

- Precisa descansar e pegar leve - piou Babs. - Não se preocupe com o trabalho. Vou dizer ao treinador que você precisou descansar. Ele está acabando com você.

- Obrigado, Sra. M. - Nate assentiu com gratidão enquanto saía da varanda. Esquecendo-se de que devia estar doente, ele gritou de prazer quando ouviu uma buzina de carro e viu o BMW preto de Anthony virar com descuido na entrada de carros do treinador. Salvo.

- Tem certeza de que só está fingindo que está doente? -Anthony tirou os olhos da rua por um momento para examinar Nate, que estava afundado no banco de couro creme reclinado, protegendo os olhos do sol intenso com a mão.

- Não, cara, eu estou bem-Nate lhe garantiu, mexendo as aberturas do painel para que o jato frio do ar-condicionado fosse diretamente para seu rosto. - A Babs só estava, sabe como é, pegando meio pesado.

- Mas que merda! -Anthony riu, abaixando o som, que berrava o último disco de Regning Sound. - Eu tenho que ouvir essa história.

- Não tem nada para ouvir - murmurou Nate, sorrindo contra a vontade. - Pode acreditar, vai te dar semanas de pesadelo.

Nate olhou pela janela a paisagem que passava voando: os campos de grama verde, o céu azul intenso, as casas de telhados enormes batidos pelo clima, tudo num borrão, um afluxo de imagens que ele não conseguia separar em suas várias partes, quase do mesmo modo como o verão não passava de um fluxo de vários momentos que ele não conseguia separar em acontecimentos distintos. Ele suspirou. Havia algo de inacreditavelmente deprimente em perceber que os únicos momentos memoráveis do verão tinham sido um fiasco total de festa em Nova York onde ele foi abandonado pela namorada, e ontem, quando pegou Blair e Serena nadando nuas ou sei lá o que elas estavam fazendo.

- Ontem eu vi Blair Waldorf e Serena van der Woodsen nuas - anunciou Nate de repente, pegando o baseado que tinha enrolado e escondido no maço de Marlboro de alguém naquela manhã. Ele abriu a janela e acendeu.

- Suruba a três? - perguntou Anthony, assentindo para Nate passar um dos cigarros. - Você é um cara de sorte mesmo.

Nate sacudiu o maço e passou o cigarro para Anthony.

- Não - explicou ele, embora uma imagem mental muito intrigante estivesse começando a se formar em sua cabeça.

Ah, é mesmo?

- Elas estavam nadando nuas no jardim do meu vizinho - continuou ele, exalando uma nuvem de fumaça de maconha para fora da janela. - Foi tão estranho.

- Nadando nuas? - repetiu Anthony, acendendo o cigarro e virando à esquerda ao mesmo tempo. - Não brinca. - A Blair, cara, ela simplesmente... - Nate se interrompeu quando sua visão foi toldada pela imagem de Blair, nua, meio suada, rindo para ele. Ele só queria abraçá-la de novo. - Eu ouvi, cara - concordou Anthony, assentindo vigorosamente. - Quer dizer, você teve... um troço. E é nosso último verão. É tipo assim... Carpe a droga do diem, né?

- Carpe diem... - Nate pensou nisso. Aproveite o dia.

Ele deu outro trago fundo e engoliu em seco, fechando os olhos. Carpe a droga do diem. Que idéia. Era muito... inspiradora. Ele se virou e sorriu para Anthony. Ele era um gênio.

Ou talvez ele só estivesse alto?

- É sério, cara - continuou Anthony, prendendo o baseado. - Eujá te falei, não foi? Está na hora de levar a diversão a sério.

Nate assentiu. Estava mesmo na hora de ele levar a diversão a sério. Dane-se o treinador Michaels e a esposa piranhuda dele, dane-se o gramado e a responsabilidade. Ele ia aproveitar a droga do dia.

E talvez mais alguém também.

## *a arte esquecida da escrita epistolar*

DE: Steve N. [holdencaufiedl@yodel.com](mailto:holdencaufiedl@yodel.com)

PARA: <anon-239894344239894344@craigslist.org>

Assunto: Re: Anúncio de Reunião Inaugural do Salão Literário Song of Myself (Manhattan)

Data: 9 de julho, 16:37:07

A quem possa interessar:

Foi com grande prazer que li seu anúncio. Quero desesperadamente estar cercado de pares de mentalidade semelhante que sejam tão apaixonadamente devotados ao poder da palavra escrita quanto eu.

No espírito da verdadeira iconoclastia, recuso-me a responder a qualquer de suas perguntas. Suspeito que vocês só estejam realmente interessados em espíritos independentes que não estão dispostos a se submeter a seus testes tolos. Tranqüilizem-se, tenho uma vida correta e morrerei assim.

Atenciosamente,

Steve

DE: Cassady Byrd <[brntebyrd@books.cqm](mailto:brntebyrd@books.cqm)>

PARA: <anon-239894344239894344@craigslist.org>

Assunto: Re: Anúncio de Reunião Inaugural, do Salão Literário Song of Myself (Manhattan)

Data: 9 de julho, 20:04:39

Nem acreditei quando vi seu post. Caracal Mal posso esperar para nos reunirmos e conversarmos ... talvez até mais! **!!**

O verbo que mais gosto é "amar." O que menos gosto é "odiar". Vocês vão odiar o quanto vão me amar. Arrut!

Minha foto está anexada...

Bjs

CB (vulgo Charlotte Brontê)

DE: Bosie <[lord\\_alfred\\_douglas@earthlink.com](mailto:lord_alfred_douglas@earthlink.com)>

PARA: <anon-239894344239894344@craigslist.org>

Assunto: Re: Anúncio de Reunião Inaugural do Salão Literário Song of Myself (Manhattan)

Data: 9 de julho, 22:31:14

Vi seu anúncio. Violentamente intrigado.

Meus livros preferidos:

*O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde *Entrevista com o vampiro*, Anne Rice

Filme preferido: *Party Monster*, com Macaulay Culkin

Música preferida: "Walk on the Wild Side", de Lou Reed

Palavra que mais gosto: Morder Palavra que menos gosto: Sufocar

Eu o mordi e sufoquei.

Como podem ver por minha foto, sou um cara que gosta de se produzir.

## ***no que se refere aos hamptons, v é uma virgem total***

- Chegamos! - anunciou a Srta. Morgan enquanto navegava a Mercedes creme por uma entrada de carros circular de conchas rosa-claras.

Até que enfim. Depois de quatro horas medonhas presos no trânsito da via expressa de Long Island, eles finalmente chegaram à mansão nouveau-vitoriana de telhado cinza dos James-Morgan-Grossman em Amagansett. Vanessa saiu ansiosa do carro, sentindo o esmagar estranho das conchas sob os pés. O céu assumia um tom de rosa enevoado do pôr-do-sol e o ar tinha cheiro de churrasco distante e grama recémaparada. Ela sentiu uma onda súbita de alívio - talvez sair da cidade fosse exatamente o que precisava.

A Srta. Morgan andou na frente dela, abrindo o pesado e antigo portão vermelho. Os meninos cambalearam para dentro, empurrando Vanessa, que sorria feito uma boba para nada em particular. Não que Vanessa se importasse com essas coisas, ou em geral sequer percebesse, mas ela não conseguiu deixar de ficar pasma com, bom, tudo aquilo. As janelas altas emoldurando a entrada da frente. As latas de listras náuticas azuis e brancas cheias de suprimentos para praia do lado de dentro da porta. A enorme sala de estar se derramando diante dela. A piscina turquesa convidativa pouco além dali. Era tudo tão diferente dela - mas, ultimamente, tudo que era igual a ela era um porre. Talvez ela devesse adotar a vida tranqüila e ensolarada que estava bem aqui. Quem sabe aqueles pensamentos sombrios não a estivessem ajudando em nada?

Vanessa seguiu os meninos até a cozinha imensa, onde a Srta. Morgan verificava os bilhetes

deixados pela empregada, o jardineiro e o rapaz da piscina. Era tudo tão... bem-cuidado. Vanessa podia ver os dias quentes de verão que teria pela frente: lendo a *New Yorker* à beira da piscina, de vez em quando parando para fotografar a superfície cintilante em preto-e-branco. Ela ia trotar para dentro e preparar um sanduíche de gouda defumado na cozinha bem abastecida, depois o comeria enquanto vagava pelo perímetro da propriedade bem tratada, desfrutando da paz e da quietude.

Lar, doce lar.

- Manhêêêêêêê, estamos com foooooomeeeeeeeee - gemeu Edgar, arrancando Vanessa de seus devaneios. Ah, sim, *eles*. - Vanessa vai preparar alguma coisa para vocês. -A Srta. Morgan sorriu e afagou a cabeça dele, sem se incomodar em olhar para Vanessa.

- Tudo bem. Claro. - Vanessa baixou a bolsa preta da marinha no piso encerado de madeira clara e abriu a pesada geladeira de aço inox. Dentro havia pilhas de artigos frescos, recipientes de salada orzo e filés de salmão com curry guarnecidos de groselha amarela. Onde estavam as sobras de nuggets de frango frias, ou pelo menos manteiga de amendoim e geléia?

Atrás dela, Edgar e Nils começavam a lutar no meio do chão. Vanessa em geral os deixava fazer isso, na esperança de que eles se cansassem como os cachorrinhos que ela uma vez filmou na Union Square. Ela esperava pegar uma briga de cães ou ver um dos falcões comedores de rato, que a prefeitura tinha soltado, pegar um chihuahua, mas foi obrigada a se contentar com uma brincadeira de filhotes. Ela imaginou que um dia os meninos mostrariam a barriga feito os cães, a língua pendurada para fora de lado, arfando.

- Meninos! -ladrou a Srta. Morgan, depois alisou a saia cáqui preguiçada. O top marfim era debruado com uma faixa de cetim marrom e grosso. Olhando para sua cara estranhamente tensa e as maçãs do rosto definidas, era difícil dizer se tinha 32 ou 55 anos. - Podem subir para se arrumar para o jantar.

Ela deu as costas a Vanessa, os saltos de madeira das sandálias baixas batendo no chão.

- Vanessa, vamos comer filés de salmão e, se puder, prepare uma salada fresca, talvez um molho de iogurte e endro para o peixe, sim? Seria adorável.

Peraí. Preparar? O que Vanessa parecia? Uma... uma ... *Empregada*? Ah. Sim. Só que ela nunca cozinhou nada na vida, a não ser macarrão frito com Ragu em conserva.

- Pode deixar - disse-lhe Vanessa ao começar a procurar pelo endro na gaveta de mantimentos. No segundo andar, ela podia ouvir os meninos provocando explosões e gritando. Ela se virou para pegar um monte de verduras. Será que isso era endro? Coentro? Uma droga de capim? E então deu com uma visão assustadora.

A bunda magra, branca e com covinhas da Srta. Morgan.

Ai. Meu. Deus. Vanessa rapidamente girou o corpo. Mesmo com o ar refrigerado batendo em seu rosto, podia sentir as bochechas arderem. Ela soltou um pigarro alto - será que a Srta. Morgan se esquecera de que ela estava ali ou o quê? - e se virou, colocando as verduras bem na frente da cara.

Ela espiou por entre as folhas e viu que a patroa, de mãos nos quadris, estava parada ali só com as sandálias baixas, uma calcinha vermelha simples e um sutiã preto rendado.

- Algum problema? - perguntou ela.

\_ Humm, não, claro que não. - Vanessa começou um exame súbito e pouco característico da cutícula. Suas mãos certamente estavam ásperas! Mas não conseguiu deixar de dar uma longa olhada de lado enquanto a Srta. Morgan, a mulher liberada do século XXI, desafivelava o sutiã e o deixava cair despreocupadamente no braço de uma cadeira da cozinha.

Vanessa se encheu de coragem e olhou a chefe nos olhos. \_ Humm, pode me dar licença por um segundo? Gostaria de colocar minhas coisas no quarto. - Ela *precisava* sair dali.

- No alto da terceira escada. - A Srta. Morgan começou a vasculhar a bolsa de lona com monograma, presumivelmente procurando alguma coisa para vestir.

Esperemos que sim!

Vanessa atirou a bolsa da marinha no ombro e subiu a ampla escada de madeira de dois em dois degraus. Tentou expulsar da cabeça a imagem da calcinha da Srta. Morgan.

Quem usava fio-dental, além de mulheres de trinta anos superansiosas que gostavam que a calcinha aparecesse acima dos jeans de cós baixo?

*Tres passé.*

E o que aconteceu com os limites? Era como se Vanessa fosse o gato da família, e não um ser humano de verdade. Ela precisava voltar ao mundo real, em meio a pessoas que a respeitavam e não agiam como se ela fizesse parte da mobília. Ela estava nos Hamptons de visual perfeito há não mais de 15 minutos e já estava pronta para ir embora.

Chegando ao terceiro lance de escadas, Vanessa subiu até sua suíte no sótão. Pelo menos tinha alguma privacidade e talvez até algum luxo ali, né? Ela chegou ao último degrau e olhou em volta, procurando por uma porta que pudesse fechar. Mas não, a escada ia direito ao quarto do sótão, onde o teto inclinado era tão baixo que ela precisou se acocorar para entrar. Mas. Que. Droga.

Respirando fundo para se acalmar, ela foi direto para o meio do quarto quente e apertado - a única rota possível que podia tomar sem ter que se agachar. Largou a bolsa no chão e tentou abrir uma janelinha. Emperrada. Mais do que emperrada. *Lacrada com tinta.* Merda, merda, merda.

Vanessa tirou a camiseta preta desbotada e repentinamente suada e abriu a bolsa. Deixou de lado o cortador de cabelo e o maiô amarelo e preto com listras de abelhão que tinha pegado na gaveta de calcinhas de Jenny, procurando pelo top preto de algodão com alças.

- Que ótimo, você achou.

Ela se virou e viu a Srta. Morgan, agora felizmente com um vestido de verão branco, parada no alto da escada do sótão. Que bom, ela estava vestida. Vanessa, infelizmente, não estava.

Não era bem esse verão que Vanessa tinha em mente.

### **Air Moil – Par Avion – 10 de julho**

Oi, Dan!

Como estão as coisas na cidade? Eu aaaaaamooo Praga. Passo minhas tardes em cafés ao ar livre, fingindo desenhar, mas na verdade olhando todos os meninos europeus - e que vista! (Não faz mal olhar, né?) Então a única coisa de que realmente sinto falta é de você e papai. Responda, por favor. Não se preocupe, não precisa mandar um romance, só algumas linhas. Conhecendo você, sei que provavelmente vai mandar um haicai.

Te amo!

Jenny

### ***ler é fundamental***

Descendo de dois em dois degraus a escada raquítica da Strand, Dan foi do térreo à sala dos empregados, no porão, em trinta segundos, de longe sua melhor marca. Estava deprimido desde a noite anterior, quando chegou em casa depois de ler com Greg os e-mails dos membros do salão e achou um bilhete na geladeira dirigido a ele e a Rufus. Era escrito na letra infantil de Vanessa: *Fui trabalhar nos Hamptons. Mando e-mail com detalhes. Deixei meio sanduíche de peru na geladeira.* - V. Dan abriu a geladeira e encontrou o sanduíche com outro bilhete. Dizia simplesmente: *Me coma.* Ele não acreditava que ela simplesmente tinha... ido embora.

Ele se atirou no trabalho durante o dia todo, tentando tirá-la da cabeça, o que de repente acabou dando-lhe uma recompensa, enquanto arrumava biografias ultrapassadas na prateleira. A sensação de vazio de imediato o encheu de empolgação. E ele *precisava* compartilhar isso.

Dan abriu com o ombro a porta com a placa PRIVATIVO, gritando a plenos pulmões:

- Greg? Você está aí?

É claro que era totalmente desnecessário gritar, uma vez que a sala tinha mais ou menos o tamanho de um elevador. Greg estava lá dentro, revirando o armário tosco.

\_ Que foi? - Greg pareceu meio assustado, mas deu um sorriso largo, empurrando o aro de tartaruga pelo nariz comprido e fino. Bateu a porta do armário verde-vômito. O que é que tá pegando? Estou encerrando meu dia agora mesmo.

\_ Nem vai acreditar no que eu achei. - Dan brandiu um livro de capa dura marrom-chocolate, surrado e minúsculo. - No minuto em que vi, tirei da prateleira e corri para cá. - Tecnicamente, os funcionários não deviam sair do térreo durante seu turno de trabalho, não havia sequer uma cláusula sobre emergências, mas Dan sempre obedeceu à regra de que as regras existiam para serem

quebradas.

\_ O que é? - perguntou Greg todo animado, descendo do banco baixo aparafusado no chão.

\_ Tã-tããã! - Dan agitou o livro no alto. - Primeiro, adivinhe. Dê um chute, por favor.

\_ Não posso! - Greg estendeu a mão de brincadeira e tentou pegar o livro dele.

\_ Não, senhor. - Dan enfiou o livro atrás das costas.

Greg estendeu a mão em volta, ainda tentando pegar o livro.

- Deixe eu ver, vai.

Dan colocou o livro de frente para ele, segurando-o vira-do para cima, na palma das mãos.

\_ Tenho em minhas mãos uma obra-prima esgotada... De um dos mais importantes romancistas americanos de meados do século ... Publicado por uma editora seminal de São Francisco ... Em 1952 ...

- Não. - Greg se sentou no banco, como se fosse desmaiar. - Brinca.

- É sério - confirmou Dan. - *O despertar do poeta!* Do filho-da-mãe do Sherman Anderson Hartman.

- Isso é o Santo Graal ou coisa parecida - murmurou Greg, pasmo. - Posso ver? - perguntou ele, a voz meio trêmula.

- Mas tenha cuidado. Algumas páginas estão bem roídas pelas traças, o que é uma tragédia, mas acho que não posso reclamar, quer dizer, uma vez que é difícil achar um exemplar dele em qualquer lugar. Ouvi histórias de pessoas que o desenterraram de sebos em cidades universitárias do MeioOeste; mas aqui, em Nova York? Quais são as probabilidades?

Greg colocou as mãos sobre as de Dan, envolvendo os dedos do amigo e o livro em seu aperto.

Aí, hein, pegador.

- Na verdade, tive uma idéia melhor, Dan - sussurrou Greg seriamente, unindo as sobranças finas e louras. - Por que não lê um trecho para mim?

Dan deu de ombros. Ele *tinha mesmo* uma boa voz para leitura. Ele olhou o relógio. Devia estar lá em cima, arrumando livros, mas ninguém vinha à sala dos funcionários - ele podia ter o luxo de mais alguns minutos. Além disso, algumas coisas eram mais importantes do que o trabalho.

Dando um pigarro; Dan folheou o livro até um ponto ao acaso e começou a ler:

- *"Emily chegou por volta da meia-noite. Viera de trem. Ela viu o modo como ele sempre a retratava, em seus sonhos febris da madrugada, quando atirava longe a caneta e lançava o papel para fora da mesa, incapaz de escrever, incapaz de se concentrar, incapaz de pensar em qualquer coisa que não fosse seu pescoço gracioso, a curva de seus quadris. Ela parecia a pura idéia de uma mulher, e não era melhor, perguntava-se ele, do que a realidade da situação? Não seriam as idéias, afinal, tão superiores à realidade?"*

Dan fez silêncio, ainda aninhando o livro surrado com reverência, e Greg ficou sentado, encarando Dan como quem olha um vitral complicado ou alguém que se despe em uma janela de apartamento, vários andares acima.

- É um crime - murmurou Dan sombriamente. Como isso pode estar esgotado?

- É um crime mesmo - concordou Greg, levantando-se e colocando as mãos no alto do livro. Dan fitou seus olhos verdes arregalados e brilhantes por trás das lentes dos óculos grossos. -

Felizmente existem pessoas como nós, para manter essas coisas vivas.

- Tem razão. - Dan assentiu solenemente.

- Dan - sussurrou Greg com a voz rouca -, estou feliz mesmo por termos nos conhecido.

- Eu também - concordou Dan, olhando o relógio novamente. Não queria ficar muito tempo longe do trabalho, mas, antes de poder sequer distinguir os números em seu relógio-calculadora Casio, ele sentiu os braços longos de Greg envolvendo-o.

- Este é um ótimo presságio para nossa primeira reunião amanhã. - O hálito quente de Greg pinicou no pescoço de Dan enquanto ele o abraçava. - Vamos ter tanto o que conversar.

- É-é-é-é - gaguejou Dan. Caraca, Greg era meio nerd, mas ele realmente apreciava o livro. - Olha, por que não guarda pra mim? - ofereceu ele, estendendo o livro a Greg.

Greg o abraçou de novo, desta vez com mais força. - Puxa vida - arfou ele. - Estou honrado.

Dan sorriu para ele e subiu a escada. Por que ele sempre atraía os nerds?

Humm, talvez porque ele também fosse meio nerd?



[temas](#) [◀ anterior](#) [próxima ▶](#) [faça uma pergunta](#) [respostas](#)

*Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

## oi, gente!

Justamente quando a gente pensava que não podia ficar mais quente, o termômetro sobe mais dez graus. Ou talvez seja só meu computador - ele praticamente superaquece com seus e-mails fumegantes! Parece que as pessoas estão reagindo à temperatura largando as roupas e ficando molhadas... E dando um show na vizinhança.

De que condenados estou falando agora? Bom, todos nós sabemos que nos Hamptons não se pode atirar uma pedra sem pegar em alguém que você conhece (até parece que é diferente de Manhattan). Mas aqui temos mesmo *jardins* e *cercas*. Um conceito doido, né? Filas e mais filas de cercas-vivas separando os fabulosos e lindos dos fabulosos e lindos. Dizem que boas cercas fazem bons vizinhos, então devíamos todos nos restringir estritamente a nossa propriedade. É o que eu acho. Mas e se seu vizinho é um gato e de vez em quando fica nu? É claro que isso é hipotético ... Não sei realmente de ninguém que tenha nadado pelado na piscina e depois convidado um vizinho para uma visita. Mas andei ouvindo boatos sobre B e S fazendo exatamente isso, e vocês sabem que estas meninas sempre estão criando tendências. Sou a primeira a contar: hora de derrubar a cerca, gente. As cercas que se danem. Os bons vizinhos se divertem muito.

Então, olá, meus vizinhos gatos, venham me achar. Estou deitada ao lado da minha piscina, curtindo minha própria forma de A-C: álcool-colegiais. Bocejo. Só mais um dia de trabalho.

### **seu e-mail**

**P:** Cara GG,

- Sei que devia estar lá na praia com o resto da sociedade civilizada, mas infelizmente fiquei presa na cidade para os cursos de verão. Quem sabe se eles realmente falam a sério sobre toda essa história de política de comparecimento? De qualquer forma, estou doida para ir para aí, está um calor danado. Socorro!
- Sufocando na Cidade

**R:** Cara SnC,

Coitadinha. Parece que você pode usar sua sócia agora mesmo! Mas se não tiver essa alternativa, aqui vão algumas dicas rápidas para ficar fria na cidade:

- 1) Encontre sua piscina no terraço mais próximo. Se não tiver uma amiga que tenha a dela (ou se ela também tiver saído da cidade), tente a Soho House ou o Hotel Gansevoort. Se estiver mesmo desesperada, compre uma piscininha de criança, leve para seu terraço e não se esqueça das cem garrafas de Evian. Agora, isso é o que eu chamo de festinha particular.
  - 2) O ar-condicionado da Barneys é de matar. Acho que lá não está um sol terrível, mas se estiver experimentando biquínis, é quase como estar na praia.
  - 3) Três palavrinhas: Tasti D-Lite. (Ou são duas palavrinhas, uma delas com hífen?) Tá legal, eu sei que Tasti D é supervalho, mas você sabe que quer uma coisa gelada e doce. E se realmente não vai para a praia neste verão, faça-me o favor de esquecer as calorias e lamber algum gelato de amêndoa da Cones. Nham.
  - 4) Você disse que está fazendo cursos de verão, né? Humm, mas e aí, não tem ar-condicionado? Se não souber a resposta, é melhor dar mais uma olhada na política de comparecimento!
- GG

### **as regras da toalha de praia**

Aos sortudos que continuam na boa na praia, não se preocupem, eu não me esqueci de vocês. O mais importante a se lembrar neste verão - e isto é para o

seu próprio bem, além do bem dos outros - é que quando os nova-iorquinos transportam a cena social dos bares chiques de Manhattan para as praias arenosas dos Hamptons, nós transportamos nossas regras sociais também. Afinal, temos que ter algum tipo de ordem aqui. Então, para os desavisados, as regras tácitas da etiqueta na praia a que devemos obedecer são:

1) Use grandes óculos de sol se vai ficar olhando os outros. E você sabe que vai.

2) Deixe pelo menos um metro e meio entre a sua toalha e a do vizinho (e isto é o mínimo, só nas situações mais desesperadoras). Se você já acha ruim ficar enlatada feito sardinha num vagão quente do metrô, imagine se sentir do mesmo jeito por quatro horas seguidas com pouca roupa no corpo. Ninguém precisa ser assim tão íntimo e pessoal.

3) Pouco me importa se você é o Ricky Martin - nada de Speedo, por favor! Na verdade, especialmente se você é o Ricky Martin. Eca.

4) Alguns têm uma quantidade apavorante de pêlos no peito e nas costas. Depile com cera, esconda-os, ou fique em casa! É simples, seus gorilas.

5) Quando passar protetor solar numa amiga ou algo assim, não fique animadinha demais. Todos vimos meninas ralando com as amigas nos bares para chamar atenção, e todos vimos casais se agarrando em cantos escuros, e os dois atos são ainda mais bregas em plena luz do dia. Confie em mim, há outras maneiras de conseguir que as pessoas notem sua presença. Eu sei muito bem.

### **algumas questões ardentes**

A usina da fofoca não funciona só de festas e piñas coladas, sabem como é - é um emprego de 24 horas por dia. Tá legal, tudo bem, é muito de festas e piña colada. Talvez eu não esteja salvando vidas no pronto-socorro, mas estou salvando a vida social de vocês, gente, e isso é muito mais importante. Para os infieis, vou compartilhar algumas questões que me deixam acordada até de madrugada (quer dizer, quando não estou numa festa):

Será verdade que N se apaixonou por uma mulher mais velha? Ele foi visto dando adeusinho a uma coroa quase sem roupa em Hampton Bays. Que interessante. Pelo que eu soube, não seria a primeira vez... Será também possível que B e S estejam explorando seu lado sáfico... de novo? Ao que parece, elas têm tomado banhos de sol nuas e dividem uma cama. Quem sabe

finalmente seja oficial?

Será que V vai ficar com ciúme? Sempre me perguntei sobre ela e aquele corte de cabelo rasante. E por falar em vôo rasante, a pequena Srta. V tem sido vista nadando tarde da noite com um traje de banho de criança que não a ajuda em nada. Fiquem de olho em seu conjunto de praia abelhão-de-férias, em breve na praia mais perto de você. E então tem o D...

Nem te conto quantos de vocês me mandaram e-mails sobre o salão literário de amanhã à noite. Será que vou perder? Pensei que ler Proust no escuro fosse coisa de meninos pálidos e magricelas com óculos de fundo de garrafa, mas, de acordo com seus e-mails, algumas traças bem interessantes vão aparecer e elas procuram por amor... Seria isto o Grande Embate Nerd? Bom, só porque eu não vou, não quer dizer que não possa dar uma mãozinha. Eu sou generosa pra caramba. Então aqui está, atendendo a pedidos ...

### **etiqueta adequada num salão literário: o que pode e o que não pode**

PODE... entender a expressão corretamente: é salão de literatura, e não aquele lugar na esquina onde todas as mulheres pintam as unhas de vermelho e cortam o cabelo.

PODE... levar alguma coisa forte e interessante para beber; isto significa Pernod, Chartreuse ou ouzo. Deixe sua Bud em casa, obrigada.

PODE... assentir para o que a pessoa diz, mesmo que esteja ocupada demais olhando o poeta nerd e gato do outro lado da sala para ouvir de verdade.

NÃO PODE... ficar em silêncio completo. Isso não é a escola - não existem respostas erradas - então faça alguma coisa para impressionar as pessoas. Ou diga alguma coisa em outra língua. Isso nunca falha.

NÃO PODE... ser inflexível. Se os outros membros lhe pedem para experimentar alguma coisa nova, lembre-se: as almas verdadeiramente artísticas sempre estão dispostas a experimentar.

NÃO PODE... se surpreender se as coisas ficarem quentes. As emoções podem explodir entre uma estrofe e outra.

Muito bem, crianças divirtam-se com seus livros - e me contem como foi. Sabem que sou curiosa, e vocês também sabem o que dizem sobre os nerds? Que eles são umas aberrações na cama. Tchauzinho!

Pra você que me ama,

## gossip girl

### ***parece que v não está mais no kansas***

- Corre, corre! Anda, Vanessa!

Os gêmeos turbulentos de quatro anos quicavam na frente dela, um borrão de cotovelos, cabelos crespos e calções Brooks Brothers cobertos de veleiros minúsculos - Nils de vermelho e Edgar de azul. Eles corriam pelo passadiço de madeira até a praia, lançando um jato de areia no ar.

- Devagar! -Vanessa ajeitou novamente a enorme bolsa de lona rosa-e-verde com monograma cheia de pés-de-pato e máscaras, toalhas de praia Pratesi enroladas, cinco tipos de protetor solar, livros de atividade de Bob, o Construtor, caixas de suco, biscoitos, baldes e pás de plástico, um Frisbee, uma bola de futebol e dois vídeos iPods carregados com programas *Little Einstein*. Em outra mão, carregava um guarda-sol imenso listrado de azul-marinho e creme Smith & Hawken que a Srta. Morgan insistira que ela devia levar. - Eu disse *devagar!* - gritou Vanessa de novo, enquanto a dupla quicante desaparecia atrás da duna. Ela estava prestes a explodir a cabeça suada quando concluiu que não dava a mínima. *Tanto faz. Podem ir. Afoguem-se. Sejam seqüestrados. Nem ligo pra essa droga. Seria uma bênção.* A verdade era que os gêmeos provavelmente conheciam a praia muito bem, como conheciam o parquinho do Central Park. Ela é que estava perdida.

Ela enfim chegou à crista do monte e olhou o cenário: Nils e Edgar desapareceram na moita de corpos que se acotovelavam na praia, que não parecia ter nem um grão de areia disponível. Tropeçando com seus All Stars pretos - ela tirara os cadarços e achou, erroneamente, que ficariam meio confortáveis como chinelos - Vanessa atravessou o labirinto de mantas, cadeiras dobráveis e coisas louras e bronzeadas de vinte e poucos anos com crianças pálidas de quem obviamente cuidavam. Estava exausta até a última reserva de músculo quando por acaso chegou a um trecho de areia de trinta centímetros quadrados. *Graças a Deus.* Ela largou na areia escaldante a bolsa abarrotada e o guarda-sol pesado de lona, depois desabou.

- Só um adorável dia na praia - murmurou para si mesma, imitando com perfeição o sotaque doce da Srta. Morgan enquanto procurava a manta no cesto, que ela espalhou de qualquer jeito diante de si sem sequer se levantar. A bolsa tinha caído de lado, mas Vanessa não se deu ao trabalho de tentar enfiar todo o conteúdo de volta. *Idiota, idiota, idiota*, ela se xingava ao perceber que tinha esquecido de trazer uma coisa para fazer. O que ela não daria para estar em Manhattan,

sentada no frio escuro do Film Forum, vendo o mais recente filme de Todd Solondz. Em vez disso, estava sentada na areia, o sol quente banhando todo o seu corpo, sem nada a fazer a não ser tirar meleca seca das narinas minúsculas dos gêmeos ou ler a última edição de uma revista infantil.

Ler os rótulos do protetor solar seria muito mais divertido.

Vanessa passou os olhos pela praia, procurando por um lampejo dos calções azul e vermelho dos gêmeos. Algumas babás corajosas andavam pelo mar gelado com as crianças, trincando os dentes, mas rindo. Ela viu dois menininhos com calções idênticos aos de Nils e Edgar, e por um momento se perguntou se alguém na casa dos James-Morgan perceberia se ela os levasse no lugar dos dois.

Estava nos Hamptons havia menos de um dia, mas era tempo suficiente para saber que a Srta. Morgan tinha menos interesse do que nunca nos meninos e que a norma diária era um único telefonema do Sr. James Grossman para saber como estavam as coisas. Era como se todos fossem um bando de robôs completos programados para fazer suas tarefas com uma interação zero ou nenhum sentimento pelos outros. Vanessa não era uma sentimentalóide, mas isso já era demais.

Eram só 11h e a praia pertencia às crianças e às suas babás.

Vanessa examinou o exército de colegas perguntando-se se talvez poderia fazer amizade com alguém. Será que as outras babás tinham chefes que tiravam a roupa na frente delas? Ela imaginava que os Hamptons deviam ser cheios de gente como a Srta. Morgan e não se importaria de ter alguém com quem trocar histórias bizarras da patroa. Mas, olhando em volta, não parecia muito provável que alguma daquelas criaturas magras, com seus bronzeados perfeitos, óculos de sol imensos e unhas bem-cuidadas quisesse ter alguma coisa a ver com ela. Ou vice-versa. Basicamente, era como estar de volta à Constance Billard, a escola que a atormentara pelos últimos três anos.

Vanessa olhou o mar infindável, de repente reprimindo o impulso de chorar. Tirou os tênis e cruzou as pernas, procurando por alguma coisa para beber na bagunça que a cercava. Encontrou uma caixinha de suco de maçã e abriu o canudo embrulhado em celofane, enfiando-o com raiva no buraquinho da caixa.

- Você está aí! - Nils pulou para ela pela areia, usando como atalho as toalhas e mantas dos vizinhos.

- Não faça isso - ela o repreendeu. - Ou faça e leve uma bronca. Tanto faz. Cadê o seu irmão?

- Não sei. - Ele se jogou no chão e vasculhou as coisas que estavam espalhadas pela manta. - Vanessa, tem areia no meu biscoito.

- Às vezes a vida é dura. - Vanessa inspecionou os tornozelos brancos como leite e o pé ainda mais pálido. Quase queria ter pensado em fazer as unhas dos pés. Ela os tirou da manta e enterrou na areia. - Por favor, Nils, me diga que não matou seu irmão.

Nils sorriu para ela, inclinou-se para mais perto, colocando as mãozinhas grudadas e cheias de areia nos ombros de Vanessa, e arrotou na cara dela.

Um psicopata superprivilegiado em formação.

- O menino que você *devia* estar vigiando está *ali* - piou uma vozinha fina e conhecida.

Vanessa se virou e viu o olhar gelado de sua antiga colega de turma, Kati Farkas. Kati exibia um bronzeado profissional de spray e um biquíni Gucci preto pequeno demais. Ao lado dela, a melhor amiga, Isabel Coates. Isabel estava de barriga para baixo sem o sutiã do biquíni verde. Uma menina minúscula de cabelo vermelho passava bronzeador Ban de Soleil nas costas dela.

- Ah, ai - respondeu Vanessa com frieza. Outras duas que pareciam manequins se estendiam ao lado de Isabel, sob um guarda-sol listrado de rosa e branco. - Também estão de babá neste verão? - Ela perguntou a Kati, embora soubesse que não podia ser verdade. Kati e Isabel *trabalhando*? Jamais.

Kati revirou os olhos.

- Ela é minha sobrinha. Gosto de cuidar dela. Ela pega coisas pra gente, passa nossa loção, e os meninos acham uma gracinha.

Vanessa assentiu. Não tinha resposta alguma para isso. Depois viu Edgar atravessando a praia, andando até a beira da água e gritando excitado a cada vez que uma onda gelada quebrava aos pés dele. Ela estava prestes a se levantar e pegá-lo, mas ele a viu e começou a correr para Vanessa. Ela se virou para Kati.

- Obrigada pela dica - disse ela meio sarcasticamente.

Talvez, se pedisse aos dois gêmeos para passarem óleo nela, ela ficasse cercada dos surfistas dos Hamptons - bem o tipo dela. Tá legal.

- Maiô bacana - piou Isabel com maldade.

Vanessa sabia que estava ridícula no maiô de listras abelhão Hanna Andersson tamanho 42 de Jenny, mas mal conseguiu resistir ao impulso de chutar areia nos olhos de Isabel. Em vez disso, terminou sua caixa de suco numa sugada gutural.

Ouviu as meninas magricelas ao lado de Isabel dando risadinhas. Babacas. Estava prestes a fuzilar as duas com os olhos quando de repente percebeu que as conhecia! Só que ... *Não*. No início as meninas pareciam exatamente Blair e Serena, mas, quanto mais ela olhava as duas, mais deformadas ficavam. A morena tinha um corte de cabelo desgrehado que emoldurava o rosto e os olhos azuis brilhantes, e dois dentes enormes se projetando entre os lábios. A loura, assustadoramente magra, era quase bonita, a não ser pela veia azularroxeadada que pulsava visivelmente na testa e pelo fato de que um dos olhos quase azul-marinho era meio torto. Além disso, uma menina verdadeiramente bonita como Serena não seria pega nem morta de maiô roxo recortado como o dessa garota. Havia até um buraco ridículo no umbigo.

Ainda assim, por uma fração de segundo, uma onda de alívio passou por ela. Amigas! Ela podia ter amigas reais e humanas aqui! E então percebeu: mesmo que estas versões baratas não fossem pra valer, Blair e Serena *deviam* estar andando em algum lugar por aqui, não é? Aonde mais essas duas iriam no verão?

- Estar com algum problema? - A Blair impostora olhava Vanessa. -Alguna coisa que eu poder fazer por você? - Ah, desculpe - gaguejou Vanessa, constrangida por ter sido flagrada encarando a garota. - É só que ...

- Sim? - perguntou a menina de umjeito cretino.

- É só que você me lembra uma pessoa que eu conheço.

- Essa garota era russa ou só retardada?

- Humm. - A Blair bizarra examinou Vanessa de perto. Depois a versão louca e vagava de Serena, sentada à direita dela, inclinou-se e cochichou alguma coisa na orelha da Blair bizarra, teatralmente.

Mas que simpática.

- Sabe de uma coisa? - A Blair bizarra sorriu para Vanessa e passou os dedos em seu cabelo grosso e castanho na altura dos ombros. - Você me dar idéias muito boas.

- Que bom ser assim. - Vanessa se virou da canga cheia de piranhas e se concentrou nos gêmeos, que agora se revezavam cuspidando um no outro pedaços de biscoito de laranja mastigado.

- Idéia muito boa - repetiu a clone da Blair atrás dela. Ah, sim? E que idéia seria *essa*?

## ***o baita experimento nerd de d***

- Você veio!

Dan olhou nervoso o *hall* do enorme apartamento no Harlem de Greg, onde iam realizar a primeira reunião do Salão Literário Song of Myself.

- Eu vim. - Dan entrou. Hesitou no *hall* escuro, fingindo examinar um enorme quadro a óleo enquanto praticava mental e ansiosamente os comentários de abertura. *Bem-vindos a nossa primeira reunião. Gostaria de começar citando o poeta Uilllce Stevens, que evidentemente tinha muito a dizer sobre o tema da centralidade da literatura na condição humana ... "Sejam os finalistas. O único imperador é o imperador do sorvete."*

- Está tudo bem?

O peso da mão de Greg no ombro sobressaltou Dan. - Oi, desculpe.

Greg riu.

- Nervoso?

- Não, não - mentiu Dan. - Só estou olhando esta tela.

- Ele gesticulou para o quadro imenso pendurado sobre o consolo da lareira do apartamento dos pais de Greg. Eram mais velhos do que Rufus e passavam a maior parte do tempo em Phoenix. Uma espiral de cinza acetinado e tons de pele cintilaram no sol da tarde, que jorrava pelas janelas da empoeirada sala de estar.

- Gosta? - perguntou Greg. - É um dos meus.

- É mesmo? - Dan se virou para examinar o quadro, na verdade vendo-o pela primeira vez.

Quando recuou um passo e depois outro no *hall*, percebeu que estivera encarando um autorretrato em tamanho natural de Greg sentado em uma escadinha mínima, totalmente nu. - Ah, sim. - Ele riu de nervoso. - É claro. Sim. É você.

- Em toda a minha glória. - Greg percebeu a garrafa em formato retangular que Dan segurava como se sua vida dependesse disso. - Você trouxe alguma coisa!

- É, um absinto. - Foi a coisa mais literária que ele pôde encontrar. O tipo de coisa que Rimbaud ou Shelley poderiam ter bebido. E além de tudo, era a única garrafa fechada no armário de dentista com vidro quebrado em que o pai guardava as bebidas.

- Incrível! - Greg pegou a garrafa. - Quer que lhe sirva uma dose antes de todos chegarem?

- Claro. - Dan seguiu seu anfitrião pelo corredor revestido de livros, indo para a sala de estar. - Eu gostaria mesmo de alguma coisa para me soltar.

Mas só uma coisinha, né? Esse troço é tão forte que é ... ilegal.

- Tem algum, quer dizer, alguém, tem ... - atrapalhou se Dan. Sua língua parecia ter o tamanho de uma berinjela. - Campainha, cara. Tem alguém aqui. Tá na hora! - acrescentou ele, tentando se sentar.

- Está na hora! - Greg pulou do sofá baixo de couro marrom em que ele e Dan afundavam enquanto entravam cada vez mais nas doses de absinto. Eles reservaram uma hora para planejar as observações de abertura, mas passaram a maior parte do tempo despejando absinto sobre montes de açúcar, depois tomando a mistura doce e pegajosa de um gole só. Dan pegou a colher de prata do absinto que estavam dividindo e a colocou na boca.

*Gosto de metal na minha língua. Veneno da cor da inveja ...*

*Eu deliro, você delícia, eu delirado e delirante.*

*Estou perdido sem você. Preciso de você.*

Dan sorriu, era verdade - o absinto *inspirava* mesmo. Ele oscilou um pouco ao atravessar o piso de madeira encerada da sala de estar para pegar a mochila, onde seu caderno esperava por ele. Tinha que colocar este fragmento no papel antes de se esquecer dele.

- Olha quem está aqui - gritou Greg. Dan largou a mochila, o fragmento de poesia já esquecido, e tentou se concentrar nos rostos das pessoas que entravam na sala, que de repente parecia estar girando. Como tinham mandado as fotos, ele sentia que já os conhecia. Havia a menina bonita Charlotte Bronte. E o amante insano de vampiros.

-. Peguem uma bebida, todos vocês. - Greg apontou.

- O bar fica bem ali. Tem muito gelo na geladeira. Depois acho que todos podemos nos sentar em roda e nos apresentar. Está bom para você, Dan?

Dan assentiu, de repente incapaz de formar uma só palavra. *Sentar*. Sim, esta parecia uma boa idéia. Ele se balançou pelo grupo surpreendentemente apertado - quantas pessoas estavam à porta? Ou a campainha tocou mais de uma vez? Quanto tempo ele ficou procurando o caderno dentro da mochila, aliás? Ele desabou de novo no sofá de couro.

- Que tal mais um? - Greg apontou para a bandeja de prata montada com uma garrafinha de líquido verde claro e uma tigela de cubos de açúcar. Depois tirou os óculos e Dan percebeu pela primeira vez que Greg tinha milhões de sardas minúsculas em toda a cara.

- Mas ... Meu discurso - murmurou Dan. - Preciso ...

- Você precisa se acalmar. - Greg pegou a colher de prata delicadamente da mão de Dan e a equilibrou na beira do copo. Depositou o cubo de açúcar na colher e despejou um jato fino da

poderosa bebida verde nele.

- Isso estava na minha boca - protestou Dan.

- Eu não me incomodo. - Greg sorriu e usou a colher para dar uma sacudida rápida na bebida, antes de colocá-la entre os lábios. Tirou a colher da boca e a passou na boca de Dan.

Eca, obrigada pelos germes!

Greg tirou os surrados Doc Martens de couro preto e subiu no sofá, quase pisando na coxa de Dan. Ele sacudiu o gelo de seu copo para chamar a atenção do grupo reunido.

- Muito bem, todos, peguem suas bebidas e acomodem se. Temos muito o que cobrir esta noite.

A sala se encheu de vozes, mas Dan tinha problemas para focalizar a audição. Ficou grato por Greg parecer ter tudo sob controle.

- Agora passarei as rédeas a nosso outro líder destemido. - Colocando a mão no ombro de Dan para se equilibrar, Greg pulou do sofá e se sentou no chão de madeira aos pés de Dan.

- Obrigado, Greg. - Dan cambaleou um pouco enquanto examinava o grupo. *É isso. Este é nosso salão. E você é a Gertrude Stein deles.* - Camas e cavalheiros, bem-vindos a nossa primeira reunião de nosso primeiro salão da reunião inaugural de nosso grupo. - Ele arrotou baixinho. - Estou muito feliz em encorajar vocês e lhes falar de excitantes livros. Estas coisas em que acredito e vocês acreditam e todos nós acreditamos sobre os livros e que os livros são bons e mudam nossa vida e nos fazem mais felizes. E isso é importante para nós, não é? É importante mesmo.

Dan parou. Os únicos sons além do tilintar do gelo foram alguns risinhos abafados pela sala. Sua língua estava grossa e seca e ele sabia que tinha problemas com a pronúncia, mas estava decidido a conseguir que a abertura fosse notável. Passou tanto tempo rascunhando a declaração de missão do grupo e mandando e-mails, e ainda fez várias revisões do discurso - não ia estragar tudo só porque tinha bebido um drinque a mais.

Um?

- Vamos começar hoje com a leitura do livro que eu gostei e que encontrei naquele dia na Strand.

É onde eu trabalho. Cadê o livro? Greg, sabe onde eu deixei aquele livro? - Ei, ei. - Greg riu. -

Por que não deixamos a leitura de lado por enquanto e damos um giro pela roda? Assim todos podemos nos apresentar. Dan e eu lemos seus e-mails, mas ansiávamos por uma oportunidade de conhecer vocês pessoalmente. - Greg ajudou a acomodar Dan de novo no sofá. - Por que não começa? - Ele assentiu para uma garota sentada de pernas cruzadas no chão ao lado da mesa de centro. A cabeça dela era meio raspada e ela exibia uma tatuagem de barata no crânio. Parecia ter um corpo muito sarado, mas a cara era estranhamente disforme.

A garota de cara disforme assentiu.

- É, tudo bem, meu nome é Penny - ladrou ela. Livro preferido, *As laranjas não são o único fruto*, totalmente, sabe como é. Acabo de terminar a escola, vou para a Smith no outono, mas estou pirada por estar aqui agora, conhecendo alguns amantes de livros legais, sabiam? - Ela olhou para a ruiva à esquerda, que abraçava os joelhos e bebia timidamente uma taça de vinho

branco barato.

- O-o-oi - sussurrou a ruiva. - Meu nome é Susanna.

Meu livro preferido é *O despertar*. Sou do East Village, estou pensando em ir para a Bennington quando terminar a escola no ano que vem e adoro a Tori Amos.

- Você parece demais com ela - intrometeu-se Penny. Susanna corou, olhando o chão.

- Acho que posso ser o próximo - disse um cara esquelético que parecia ter uns 14 anos, vestido num terno cinza completo, com uma gravata marrom brilhante e sentado numa cadeira de balanço de frente para Dan.

- Sim, por favor - respondeu Greg, passando a Dan uma garrafa de água.

O Senhor Consideração!

- Meu nome é Peter, estou prestes a começar o segundo ano na Universidade de Nova York e meu escritor preferido é definitivamente J. D. Salinger. Na verdade, como monografia, estou pensando em decorar todo *Carpinteiros, levantem bem alto a cumeeira*.

Dan bebeu a água morna. Isso parecia meio familiar - ele meio que se recordava de ter lido um e-mail de um fã dedicado de Salinger, mas por algum motivo tinha dificuldade para se lembrar das coisas.

Como o próprio nome, por exemplo?

- Mas então - continuou Peter -, estou feliz por ter vindo aqui. Dizem nos blogs que este grupo é muito exclusivo.

- Eu soube disso também! - exclamou a menina ao lado dele, uma morena empertigada cuja cara branca feito leite era emoldurada por cachinhos castanhos perfeitos. - E me sinto com muita sorte por vocês estarem dispostos a incluir dois entusiastas de Salinger. Meu nome é Franny e, sim, o nome veio de um livro de Salinger e, sim, *Franny e Zooey* é obviamente meu livro preferido. Vou começar na Vassar no ano que vem e, humm, bom, acho que espero fazer novos amigos hoje.

Será que ela vai conhecer sua Zooey?

- Vanessa - murmurou Dan, passando as mãos no cabelo espetado da nuca da garota enquanto ela o beijava com muita ternura. - Você voltou para mim.

- Er, Dan? Sou eu, Greg. Você está bem?

A voz de Greg trouxe Dan de volta à realidade. Ele se sentou direito e esfregou os olhos.

- Ah, desculpe, acho que dei uma cochilada.

- Está tudo bem. Você dormiu por mais ou menos uma hora.

- Dormi? - Ele se levantou e se sentou de novo rapidamente. Caraca. - Eu estava ouvindo aquela garota falar que gosta de Salinger e essa é a última coisa de que me lembro ...

- Aquela garota? - perguntou Greg, apontando a Franny dos cabelos cacheados, que estava esparramada no chão enquanto Peter, o colega tiete de Salinger, lambia seu pescoço. - Ela, er, se ligou com um amante de livros, como pode ver.

- O que é que tá rolando? - Dan olhou a sala, que tinha ficado consideravelmente mais escura.

Parecia que os 22 participantes do salão estavam no chão aos pares, ou em pequenos grupos. Ninguém parecia falar muito e, se estivessem, certamente não era sobre livros. No outro sofá grande da sala, Dan contou sete pernas e oito braços. A punk meio careca, Penny, recebia um trato amoroso da língua de Susanna nas orelhas cheias de piercing, bem na frente dele. Dan franziu o cenho. Sua reunião da elite literária estava se transformando numa *orgia*. E ele podia jurar que alguém o estava beijando pouco antes de ele acordar. Mas quem? Não havia mais nenhuma garota ali com a cabeça completamente raspada.

- Não se preocupe, Dan - murmurou Greg, passando um braço em seus ombros. - Todos estamos nos divertindo muito, nos conhecendo assim. Sabe de uma coisa, é como nós queríamos, não é?

Dan assentiu. *Era?*

Greg estendeu a mão e pegou o queixo de Dan delicadamente.

Todos somos pessoas apaixonadas, apaixonadas por livros, apaixonadas pela vida. - Apertando o queixo de Dan de brincadeira, Greg puxou a cara dele para mais perto e o beijou, suavemente, na boca.

Dan afastou o rosto. *Como é que é? Que história é essa?* Greg sorriu e beijou Dan novamente, desta vez deixando a língua quente deslizar pelos lábios de Dan. Dan estava prestes a se afastar de novo, mas sua mão involuntariamente percorreu a nuca de Greg e seu cabelo curto e espigado. Havia algo de totalmente familiar e reconfortante em beijar alguém de cabelo curto e espigado. Peraí! Mesmo que esse alguém seja um cara? Sentindo-se inteiramente confuso e extremamente nauseado de repente, Dan reuniu energia suficiente para empurrar Greg e murmurou alguma coisa sobre precisar vomitar, enquanto cambaleava para o banheiro. A culpa era do absinto, garantiu Dan a si mesmo ao se acomodar no chão de ladrilhos brancos na frente da privada.

Pela parte de beijar um cara, ou pela parte do vômito?

### **Air Moil – Par Avion – 11 de julho**

Oi, Dan!

Por que não respondeu a meus postais? Está tudo bem?

Vanessa já pintou meu quarto de preto? Me

escreveeeeeeeee!

Com amor (mas não por muito tempo, se não me escrever logo)

Jenny

## ***a doce vingança de s e b***

- Já está pronta? - Serena bateu na porta de madeira grossa e esbranquiçada do único banheiro da casa de hóspedes, aumentando a voz para ser ouvida por sobre a batida insistente de tecno que tocava lá dentro e o barulho dos convidados rindo e gritando pelo amplo gramado esmeralda.

- Quase. - Blair colocou um leve toque de Viktor & Rolf, seu perfume preferido da hora, atrás dos lóbulos das orelhas, nos pulsos e, só por garantia, no espaço macio entre os seios que eram visíveis pelo decote baixo do algodão amarelo claro e fino do vestido Alberta Ferretti. Ela se olhou no espelho, imaginando como ficaria se alguém, digamos, Nate, aparecesse para dar uma olhada na festa. Com o cabelo amarfanhado de praia e o vestido longo quase branco, ela parecia uma noiva prestes a se casar num veleiro. Um veleiro como o *Charlotte*, o barco que Nate tinha construído naquele primeiro verão em que ficaram juntos.

Que por acaso foi o único veleiro em que ela realmente navegou na vida. Ela estava pensando muito em Nate desde que esbarraram com ele três dias antes, na esperança de que ele lhes visitasse de novo. Ela já sabia por mil pessoas que o romance quente dele, ou seja, lá o que ele teve com aquela caipira, acabara e, se ele rastejasse um pouco, ela podia perdoá-lo por seu retardo amoroso. Sim, ele era um desleixado total, e sim, ele a magoara um milhão de vezes, mas alguma coisa no modo como ele a viu correr, olhando a conhecida forma nua como se fosse uma pintura ou coisa assim, deixara Blair querendo vê-lo o tempo todo.

Girando nos calcanhares de suas sandálias de crocodilo brancas Bailey Winter, Blair abriu teatralmente a porta corrediça do banheiro e entrou no quarto, onde Serena fingia fumar o quarto cigarro que acendera desde que Blair desapareceu no banheiro.

O tédio pode transformar qualquer garota *cool* numa piromaníaca.

- Boa escolha. - Serena assentiu sua aprovação, examinando a roupa de Blair. - Mas temos que fazer nossa grande entrada logo e não tem como eu fazer isso sem você.

- Você-sabe-quem está lá fora? - perguntou Blair. Serena pulou da cama e foi olhar pela janela o que estava acontecendo na piscina. Blair se juntou a ela, vendo as dezenas de silhuetas e a piscina azul brilhando por trás. Ela viu Ibiza e Svetlana ao longe.

- Na cabine do DJ - apontou Serena. - Short bacana - acrescentou ela, fingindo admirar o shortinho vagabundo que revelava a bunda de Ibiza.

Blair bufou, voltando ao banheiro para passar um pouco de seu creme para unhas Aesop nas cutículas - elas pareciam meio secas ultimamente.

Deve ser de todo o trabalho manual.

\_ Droga, Blair, anda logo, o que está fazendo no banheiro de novo?

\_ Já vou, já vou. - Blair tirou o excesso de creme das unhas com uma passada rápida de papel. Ela largou o papel higiênico na lixeira e ficou paralisada. Mas. Que. Droga. O que era aquilo na lixeira?! Ela se curvou e pegou o cesto incrustado de madrepérola, colocando-o na bancada de mármore.-Vem cá.

\_ Você está *ótima*. - Serena se inclinou no banheiro para pegar o braço de Blair. - Agora vamos. Estou morrendo de vontade de beber alguma coisa.

\_ Olha. - Blair sacudiu o cesto com raiva. - Isso não te parece muito suspeito?

Serena olhou o frasco de plástico rosa-bebê dentro da lixeira.

\_ Loção de depilação Nair. - Ela parou. - E daí? Quer dizer, prefiro uma cera, mas quem sabe o que fazem na Letônia ou sei lá onde.

\_ Tem alguma coisa estranha acontecendo por aqui. -

Os olhos de Blair dispararam por todo o banheiro, procurando por sinais de atividade criminosa. Ela se sentia Audrey Hepburn em *Charada*. Simplesmente *sabia* que estava correndo perigo. Ela podia *sentir*. É claro! Enfim ela entendeu e abriu a cortina de linho creme do boxe, provocando um matraquear dos aros dourados no trilho.

\_ Que foi? - Serena bocejou, alisando a cintura do vestido de algodão de micropregas Chloe.

- Eu sabia que elas tinham aprontado alguma. - Blair pegou seu frasco de xampu Kerastase na prateleira do boxe. - E eu sabia que não podia ser nada original. E acho que nós duas sabemos que a história do Nair-no-xampu é o truque mais óbvio do mundo. Lembra daquela vez? Na festinha de dormir de Isabel? Quando a gente tinha, sei lá, 11 anos?

Serena se limitou a encarar a amiga.

- Bom, *eu* me lembro. - Blair abriu a tampa do frasco.

Nem precisou cheirar para perceber que alguém tinha tentado lhe pregar uma peça: o forte fedor de química do depilador era inconfundível. -Vacas! -xingou ela. -Ainda bem que eu quis manter o visual "cabelo de praia". -Ela tocou preocupada as mechas castanhas para se certificar de que ainda estavam ali. -Agora é *guerra!*

Exaltadas e decididas, Blair e Serena irromperam para fora da casa de hóspedes pelas portas francesas e chegaram ao caminho de cascalho branco que levava à piscina. Blair olhou a multidão, vendo agora que eram todos homens. Cada um deles. *Caraca*. Umás cem, talvez cento e cinqüenta pessoas, e as únicas mulheres à vista eram ela e Serena - e Ibiza e Svetlana, é claro.

- Meu pai ia *amar* isso aqui. - Blair quase queria que o fabuloso pai gay, Harold Waldorf, e seu namorado francês muito mais novo, Etienne ou Edouard ou sei lá que nome ele tinha, não estivessem levando a boa vida na França. Ela queria que alguém além de Serena testemunhasse o que estava prestes a acontecer.

- Aqui estão as minhas meninas! - Bailey Winter apareceu de um grupo de homens grisalhos com cara de âncora de noticiário, todos vestindo blazers azuis e calças brancas, apesar do fato de estar fazendo quase 30 graus. O próprio Bailey usava uma roupa parecida, mas com as mangas três quartos e pernas de calça que deixavam à mostra as meias laranja fluorescente e rosa-choque e os nubucks brancos. Pulando até o caminho para encontrar Blair e Serena, ele estendeu a mão gorducha para cada uma delas, a comitiva de cinco pugs saltitantes seguindo de perto nos calcanhares. - Vamos, meninas, façam um sanduíche de Bailey. - Ele riu. - Com sorte, não estarei só neste trio hoje à noite. -Ele sorriu e acenou para o DJ sem camisa.

- Uma linda festa - Blair cumprimentou Bailey, percebendo os muitos garçons pouco vestidos circulando com *flütes* de espumante.

- Obrigado, querido! - guinchou Bailey. - Andem, andem, senhoras. Precisamos pegar umas bebidas! -Ele disparou para o bar, puxando as duas como filhotinhos numa coleira. - Barman! - ladrou ele para o cara que parecia modelo e surfista atrás do balão. Seu uniforme, como o do resto da equipe, consistia em um colete de algodão e *cashmere* com decote baixo Bailey Winter sobre o peito nu perfeitamente definido. - O que minhas filhotas querem? - piou Bailey.

- Dois Negronis. - Blair virou-se para olhar a multidão, um borrão de calças brancas na grama verde, cortes de cabelo perfeitos e músculos impressionantes aparecendo pelas mangas curtas demais.

Depois ela as viu: Ibiza e Svetlana, vestidas de branco.

Imitadoras piranhudas. Svetlana usava um vestido *stretch* assimétrico que destacava seu peito basicamente inexistente. Ibiza se espremera num macaquinho branco curtíssimo sem fundi lhos que parecia algo que a mãe de Blair podia ter usado no Studio 54, trinta anos antes. Que tosco.

Por que não fazer alguma coisa, então?

- Aqui está. - O barman passou a Blair dois copos cheios do líquido laranja e espesso. - Meu nome é Gavin. - Obrigada, Gavin. - Serena bateu as pestanas para ele.

- E aí. .. Vai ficar por aqui o verão todo? - perguntou ela, apoiando-se no balcão de madeira.

- Agora não - rebateu Blair, pegando o braço da amiga.

Ela não tinha paciência para as azarações de Serena, não quando havia um trabalho a fazer.

- Desculpe. - Serena tomou um golinho do coquetel agridoce. - Só queria me divertir um pouco. Ele deve ser o único aqui que não é gay.

- Bailey, gostaria de olhar mais de perto a cabine do DJ - anunciou Blair.

- Ah, meu bem, você leu a minha *mente*. - Bailey guiou as duas pelos cotovelos pelo perímetro da piscina, indo para a tenda branca com listras rosa que fora erguida para a ocasião. - Ele é definitivamente delicioso, não acham? Ah, xô, meninas. - Ele afastou Ibiza e Svetlana, que tinham as patas em engradados cheios de discos. - Ele é *pregado* para fazer isso!

- Nós ajudar - protestou Ibiza, fazendo biquinho e tomando seu chardonnay.

- Claro que sim. -Bailey piscou sarcasticamente para Blair.

- Por que não vamos todos ali para conversar? - Blair apontou a área toda branca ao lado da piscina.

- Sim, sim, vocês, meninas, vão se sentar ... Quer dizer, mandei fazer aquelas almofadas especialmente para esta festa. É a seda italiana alvejada mais divina do mundo. Muito rara. Muito especial. Então recostem-se e fiquem bem bonitas. Vão, andem. - Bailey ergueu a *minúscula flüte* Tiffany de espumante numa saudação. - Vou ficar aqui, de olho em nosso homem da música, não se preocupem!

Ibiza e Svetlana se arrumaram nas almofadas de seda crua superfofas colocadas ao lado da piscina. Blair e Serena ficaram de pé ao lado delas, sorrindo duro.

- Ele é gay, sabia? - Ibiza bebericava o vinho e olhava friamente para Blair.

Blair olhou para ela de cima. Era quase como olhar num espelho distorcido de um parque de diversões.

- É, estou ciente disso, obrigada.

- Só pensei que, sabe como é, você de mão dada com ele, vou te contar, sabe como é, não esperrarr acontecer alguma coisa - continuou Ibiza.

- Por que eu esperaria que alguma coisa acontecesse? Blair olhou inexpressivamente para Serena.

- Sei lá. - Serena deu de ombros.

- Quer dizer, o que pode acontecer? - Blair sorriu, depois de repente tropeçou para frente num espasmo. O coquetel laranja até agora intocado voou no peito de Ibiza. Blair segurou o braço de Serena para se equilibrar, o que levou a bebida de Serena a se derramar em toda a cabeça de Svetlana.

Quem poderia imaginar?

A multidão reunida em volta do quarteto soltou um arfar coletivo de pavor enquanto tudo - os vestidos brancos, as almofadas brancas, o cabelo louro quase branco de Svetlana - assumia uma cor de tangerina bem diante dos olhos deles.

- Ah, meu Deus, o que foi que eu fiz? - Blair usou o guardanapo de coquetel de listras brancas e creme para esfregar delicadamente a frente do vestido de Ibiza.

- Estragou, sua pirranha. É Versace! - Ibiza a afastou, irritada.

- O que houve? - Bailey Winter disparou para elas, as palmas nas bochechas, consternado. Seus cinco pugs latiram inquietos para a multidão. - Qual é o problema? Alguém derramou? Ai, minha nossa! Minhas *almofadas!*

- Elas fazer isso! - ladrou Ibiza, a mancha tangerina se espalhando pelo horrendo macacão antes branco. Entre a mancha, as luzes cor de bronze no cabelo e o bronzeado laranja demais, ela estava começando a parecer uma Oompa Loompa tingida de laranja. - Elas fazer de prropósito!

- É melhor pegar umas toalhas ... - Blair se afastou da cena e entrou na multidão ainda silenciosa e pasma.

- Toalhas. - Serena assentiu, séria. Puxou as próprias mechas louro-claras, prendendo as pontas num nó para mantê-las no lugar.

- Preciso de um minuto a sós, por favor! - Bailey Winter ergueu as mãos e começou a enxotar a todos. - Todo mundo, por favor, voltem para a festa. Finjam que não estou aqui. Essa é boa: ignorar um homem chorão de roupas fluorescentes cercado de cães que não param de latir.

- Vamos lhe dar um minuto. - Blair pegou a mão de Serena e a puxou pela multidão de homens. Quando chegaram ao gramado, as duas estavam quase histéricas de tanto rir. - E agora? - Serena ofegou. - Não podemos voltar lá. Blair largou o copo de cristal no chão, onde ele caiu com um baque.

- Dá para gente pular isso aqui? - Ela ficou na ponta dos pés para examinar mais de perto a cerca de pau-brasil que separava a propriedade de Winter da residência dos Archibald.

É claro que dá. E de saltos.

- Com certeza. - Serena colocou o copo na grama esponjosa e se içou por cima da cerca.

Blair a seguiu, passando o corpo facilmente pela cerca e pousando no gramado depois dela. Ela inspecionou o vestido amarelo-claro - havia uma mancha no corpete, onde tinha tocado na

cerca.

- Mas que saco - xingou ela. Mas nada na vida vem de graça. -

Blair? Serena?

Blair desviou os olhos do vestido arruinado e encontrou o que secretamente esperava no jardim dos Archibald.

- Oi, Nate. - Ela enfiou o cabelo atrás da orelha e sorriu.

- Ouvi alguém gritar. Pensei que fosse um animal selvagem ou coisa assim. - Nate parecia tonto, como se estivesse cochilando.

Ou fumando, mais provavelmente.

- Fiquei preocupado com vocês - continuou ele.

- Que gracinha - piou Blair, estendendo a mão para pegar a de Serena. - Agora leve a gente para casa.

- Como assim? - Nate piscou, olhando as duas como se ainda tentasse entender se elas eram reais ou só uma aparição. - A casa, *aqui*? Claro. Vamos entrar ...

- Não, *para casa!* - Blair e Serena guincharam em uníssono. Depois correram pelo gramado perfeitamente aparado na direção da entrada de carros, onde o orgulho e alegria do pai de Nate, um Aston Martin verde conversível, estava no ar fresco da noite.

oba, viagem de carro!

## ***tudo é uma questão de timing***

- Ora, ora, ora, vejam só a penetra careca. - Chuck Bass deslizou os óculos de sol de titânio Christian Roth pelo nariz e abriu um sorriso torto para Vanessa. Ela mal havia dado dois passos no jardim caro de Bailey Winter quando Chuck se intrometeu em seu caminho e começou a cacarejar para ela. A macaca de estimação dele, Sweetie, estava empoleirada no ombro, vestida numa roupa de marinheiro de lantejoulas, pulando com as perninhas traseiras e puxando a gola da camisa pólo Hugo Boss rosa-claro de Chuck. Ocorreu a Vanessa que era bem possível que Sweetie a estivesse usando como papel higiênico.

- Ah, oi, Chuck. - Ela se lembrava vagamente de que este cara não era boa coisa. Dan não gostava dele por algum motivo, e ela ouviu as fofocas sobre ele, embora nunca se pudesse confiar nisso.

Mas não é verdade?

- Acaba de perder o show, meu bem. - Chuck colocou a gola da camisa pólo no lugar e sorriu, insinuando-se. - Blair e Serena, de volta às boas.

- Ainda bem que elas estão aqui. - Vanessa soltou um suspiro audível de alívio. Afinal, viera especificamente para vê-las, seguindo uma dica da babá do vizinho, uma irlandesa esbelta chamada Siobhan que, apesar de ser uma empregada como Vanessa, parecia estar no centro da cena social dos Hamptons. Ela se sentia meio sem graça por suas roupas: calças capri pretas que não foram cortadas para ela e uma bata de algodão preta e simples que comprara na Club Monaco pouco antes de ir para Amagansett. Mas ela imaginou que não haveria problema algum se as

amigas estivessem aqui.

- Elas *estavam*, meu bem. - Chuck olhava distraído suas mensagens de texto. - Você perdeu total. O furacão Blair deixou danos de verdade ao passar por aqui.

Atrás dele, a cena era um pandemônio: um quase anão muito bronzado estava ajoelhado na beira da piscina chorando histericamente, enquanto um grupo numeroso de gays maravilhosos afastava-se cada vez mais dele. De pé ali perto, no meio de umas almofadas brancas sujas de laranja, havia duas meninas conhecidas.

- Mas ali não são ...

- Blair e Serena? Não se engane, meu bem. Impostoras totais. Olhe mais de perto. - Chuck voltou a digitar no BlackBerry.

Vanessa olhou novamente e percebeu que Chuck tinha razão - a morena e a loura que ela tomara por Blair e Serena não eram tão bonitas, nem pareciam tão saudáveis quanto as originais. O fato de que suas roupas antes brancas estivessem estragadas por manchas escorregadias meio de vômito lhe dava uma certeza ainda maior. Ela semicerrou os olhos para as duas, percebendo que eram as versões falsas que tinha visto na praia horas antes.

Era só do que ela precisava - um lembrete de sua tarde horrorosa com os gêmeos do terror. No resto de seu tempo na praia não houve nada digno de nota, mas no momento em que voltaram para casa, a Srta. Morgan encheu a paciência dela sobre que fator de proteção solar ela usara nos meninos, que livros tinha lido e como realmente preferia que Vanessa não tivesse estragado o jantar deles com salgadinhos. Vanessa assentiu pacientemente, depois correu para o quarto no sótão e rapidamente vestiu uma roupa relativamente apresentável. Em seguida disparou para fora da casa e entrou na noite, recusando-se a se deixar impedir pelo fato menor de que não tinha carteira de motorista nem carro. Ela pegou uma das bicicletas dos gêmeos no abrigo em que estavam suspensas e pedalou para a civilização, imaginando que seria só uma questão de tempo até que topasse com alguém que pudesse guiá-la até Blair e Serena. Por sorte, ela esbarrou em Siobhan depois de uma quadra.

- Sabe aonde elas foram? - Vanessa virou-se e viu Chuck Bass desaparecendo na multidão, a mão erguida no alto da cabeça para evitar que o drinque derramasse.

Que ótimo. Sem Blair, sem Serena e, agora, sem Chuck.

Vanessa teve uma visão dela mesma sozinha, tremendo na praia, tentando evitar as modelos pervertidas e assassinas.

Só mais uma noite em East Hampton.

Bom, só havia uma cura para uma noite de solidão, raciocinou Vanessa enquanto mergulhava na turba, passando por um trio de homens musculosos e sem camisa, indo direto para - onde mais? - o bar.

- Vodca martíni. - Ela sorriu para o barman, dando-lhe o melhor olhar sim-estou-na-lista-de-convidados. Ela quase nunca bebia, mas segurar um martíni podia lhe dar uma nova perspectiva na vida.

O barman foi direito ao trabalho e lhe passou delicadamente uma taça. Segurando a haste, Vanessa virou-se para a multidão, sem saber com quem falar. Ali estava Chuck, rindo numa

conversa com um homem muito alto, e lá estavam as duas impostoras da praia, a carranca fechada e batendo pateticamente as roupas manchadas com guardanapos molhados.

Decisão difícil.

Vanessa passou por um grupo de sujeitos de calça de linho, indo para a beira da piscina.

- Nos encontramos de novo - disse ela à guisa de apresentação. - Meu nome é Vanessa.

A loura a encarou muda, com os olhos meio vesgos toldados de lágrimas.

- Você de novo. - A falsa Blair olhou para ela. - Precisamos trocar de roupa. - A garota pegou a mão da amiga e começou a se afastar de Vanessa. - Talvez você também dever trocar.

Vanessa resistiu ao impulso de jogar a bebida na cara dentuça da garota.

Tirando os chinelos de dedo, ela se sentou e balançou os pés na água azul clara. Tomou seu martíni nervosa, tentando afogar aquela horrível vergonha estou-numa-festa-e-ninguém-está-falando-comigo. Depois olhou o relógio, mexeu na roupa e encarou a superfície plácida da piscina, fingindo estar envolvida em cada tarefa.

- Iuuuu-ruuuu. Com licença, querida. Alguém chamou a segurança?

Vanessa se virou despreocupadamente e ficou cara a cara com Bailey Winter em pessoa, o estilista hipergay com quem ela cruzou algumas vezes no set de *Breakfast at Fred's* na véspera de ser demitida e também anfitrião da festa que ela por acaso acabara de invadir.

- ai! - Ela sorriu com entusiasmo, esperando que ele se esquecesse de que não a tinha convidado para esta *soirée*.

- Ah, querida. - a estilista pegou um lenço de seda floral no bolso do peito do blazer de linho azul-marinho e passou a ponta nos olhos vermelhos. - Estou totalmente desnorteado. Minhas almofadas, está vendo ... Estão arruinadas.

Vanessa franziu a testa para as almofadas marfim manchadas de bebida que estavam empoleiradas na beira da piscina. - Que droga.

- Ah, toda nuvem tem um raio de esperança, meu bem - declarou ele dramaticamente, as lágrimas secando sozinhas.

- E eu diria que acho você positivamente autêntica! Quem é você e de onde veio? É simplesmente uma coisinha deliciosa. - Ainda agarrado ao lenço, Bailey Winter estendeu a mão e afagou a bochecha de Vanessa.

Seda e meleca. Que lindo.

- Eu, humm, estou procurando umas amigas minhas.

Blair e Serena?

- Sim, aquelas duas megeras, bem, quem sabe para onde foram ... E quem liga? - Com a mão pequena, ele a pegou pelo antebraço com força. - Era você que eu estava procurando. Você é o *novo new look*. Até que enfim!

- Como? - Vanessa queria se afastar, mas, se fizesse isso, ia cair na piscina.

- Tem que ficar comigo neste verão - continuou ele, arrebatado. - Sua energia, seu perfil, sua carequice. São positivamente inspiradores! Diga que ficará, meu amor. Passe a noite aqui. Pelo menos uma noite. Por favor. Não faça o titio Bailey implorar.

- Ficar aqui? - Vanessa olhou o cenário mais uma vez: uma mansão moderna de concreto e

vidro, uma piscina cintilante, centenas de homens perfeitamente bem-vestidos e produzidos, martinis gelados ... Parecia um filme de Fellini, se Fellini tivesse feito um filme sobre o verão nos Hamptons. Ela sentiu um ímpeto da criatividade que quase lhe tirou o fôlego. É claro! Um filme, nos Hamptons! Um documentário impressionista, entremeando a festa com entrevistas pessoais, documentando o processo de criação de uma das forças-motrizes do mundo da moda. Era um tanto Robert Altman, um tanto *Crer Cardens*. Para não falar que isso a livrava da patrulha catarrenta da casa dos James-Morgan. - Ficar aqui repetiu ela, assentindo devagar. - Sim, por que não? Eu *adoraria*.

Ela adoraria?



[temas](#) [◀ anterior](#) [próxima ▶](#) [faça uma pergunta](#) [respostas](#)

*Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

## ai, gente!

Tá legal, eu sei que já interrompi sua programação normal para uma mensagem importante, mas isto é uma *emergência*. Estou lançando um AG - que significa alerta geral, caso você não saiba - sobre algumas de nossas pessoas preferidas ...

Desaparecido: um conversível Aston Martin verde. Visto pela última vez saindo acelerado de Georgica Pond pouco depois do pôr-do-sol. Os informes variam, mas minhas melhores fontes dizem que o carro continha pelo menos três pessoas - um homem e duas mulheres - e recebo relatos de que pelo menos uma das mulheres estava de branco. Pode ser alguém fugindo? Por favor, fiquem de olhos arregalados. E agora, de volta a nossa programação normal.

### **informe literário**

Nosso primeiro informe picante afirma o que eu ao mesmo tempo esperava e temia sobre esses nerds de livros: eles são *mesmo* umas aberrações na cama. Dizem que um certo salão intelectual do Harlem passou da troca de idéias literárias para a troca de salivas - e rápido. E vem me falar de uma reunião introdutória para "nos conhecermos melhor". Imagino se era isso que D e o novo amigo dele G tinham em mente quando procuraram por "jovens, homens e mulheres, de mentalidade semelhante" e pediram aos candidatos para anexarem fotos... Mas então, pelo que eu soube, estes *literati* ansiosos foram além dos grilhões da identidade de, humm, gênero e simplesmente abraçaram a alma (e outras coisinhas) da pessoa ao lado deles. Acho que é o que querem dizer com não julgar um livro pela capa.

Quer dizer então que aquela orgiazinha de anormais representa a morte do debate literário? Será que as pessoas não podem mais ficar sentadas em um apartamento em ruínas no Harlem e discutir grandes obras da literatura sem ficar animadinhas? Ou será que isto simboliza a volta das organizações de sexo grupal como o Retiro de Platão? (Só o que posso dizer é ... eca.) Lamento decepcioná-los, mas por ora não tenho certeza. Mas digo a vocês o que isto significa para mim: eu nunca, jamais, passei da rua 100. E nem ligo para o quanto o evento prometa ser "estimulante".

### **pintando o sete**

E por falar em festas com um, arrã, apelo de mesmo sexo, estou muito aborrecida com certo estilista extravagante e seu mais recente caso do design: qual é a do tema tudo branco? Para quem se considera livre-pensador, a idéia em si é tão ... simplezinha (embora talvez eu só esteja com remorsos por minha exclusão da festa, devido ao tema similarmente *simplezinho* de *s6 homens*). Acho que é uma maneira de os ricos e famosos se sentirem chiques e fabulosos - alguém se lembra daquele apartamento do roqueiro de Greenwich Village todo pintado de branco? Até os convidados tinham que combinar com a decoração. E embora possa parecer incrível por cinco minutos, é pouco prático - gente de porre, bebidas coloridas e sofás brancos? Alguém aí pode somar dois com dois? Pessoalmente, prefiro qualquer coisa colorida, em particular no verão. Para provar meu argumento, algumas de minhas coisas (coloridas) preferidas: cosmos rosa-poente, água do mar azul-esverdeada, sorvete de chocolate com chips de chocolate e por último, mas não menos importante ... rapazes bronzeados com camisas em tom pastel. Mas isso é que é uma bela paleta de cores!

### **seu e-mail**

**P:** Cara GG,

- Sou uma linda morena de um país estrangeiro, então talvez haja coisas que não entenda na América. Peço sua ajuda para me explicar isto, por favor: ser careca agora é bonito? Os homens americanos gostam de mulheres assim, com a cabeça raspada? Por favor, me ajude.

- Confusa

**R:** Cara C,

- Acho que você entendeu mal. Careca é lindo quando falamos de depilação brasileira, mas a maioria das pessoas que eu conheço gosta de ter no que passar os dedos. É rara a mulher que possa dispensar um bom corte de cabelo ... Só vi isso dar certo uma vez. Boa sorte!

-GG

**P:** Prezada GG,

- Estou passando o verão na Europa e estou preocupada com meu irmão em Nova York. Ele não respondeu a nenhum de meus postais e, quando liguei para casa há alguns minutos, meu pai disse

que ele tinha "fugido com uma garrafa de absinto". Aaaai! Acha que ele está bem?

- Maninha Preocupada

**R:** Cara Mp,

- Não se preocupe! Seu irmão provavelmente só está curtindo a vida e experimentando coisas novas. Confie em mim, isso é bom. Se você ainda estiver preocupada com o paradeiro dele, me mande a foto do cara ... Se ele for bonito, vou localizá-lo para você!

-GG

### **flagras**

N fazendo seu primeiro aparecimento da temporada na praia com um amigo que mal reconheci - o que tá pegando, A, você andou malhando? Com ótimos resultados! Tirei umas fotos com o celular para provar. Nham. Duas senhoras que correspondiam à descrição de B e S foram vistas mascando chiclete atrás de um posto de gasolina na Main Street, tarde da noite, mas vamos considerar esta notícia com alguma desconfiança porque outro relato também afirma que B e S compravam loção de depilar na Long's, e alguma coisa me diz que essas meninas nunca tentariam uma tarefa doméstica, mesmo numa emergência. Quer dizer, existem especialistas para esse tipo de coisa e, sim, eles atendem em domicílio! V pedalando por East Hampton numa bicicleta de criança com rodinhas. Será que ela está fazendo algum tipo de afirmação ecológica? Que bom para ela. D sendo ele mesmo um bom ambientalista, apesar de ter desmaiado no trem 2 em vez de num táxi. Aliás, K e I: se quiserem invadir uma festa só de homens, ajudará imensamente se vocês rasparem a cabeça e usarem uma roupa unissex. Vários de nossos leitores viram vocês voltando para casa com seus Puccis depois que foram rejeitadas no portão. Desculpe, meninas!

Já chega por enquanto. Vou sair para conhecer um novo amigo meu - é salva-vidas e só fala holandês - e vocês têm um trabalho a fazer: sair daí e criar mais alguma sujeira para mim. Vocês sabem o quanto eu adoro vocês por isso. É claro.

Pra você que me ama,  
**gossip girl**

### ***antes do nascer do sol***

- Aumenta! - Nate colocava a mão em concha na chama do delicado isqueiro de prata de Serena, tentando acender um cigarro enquanto Serena dirigia o conversível pela deserta via expressa de Long Island.

A melhor maneira de fugir do trânsito de verão: saia no meio da noite.

O cigarro acendeu e Nate atirou o isqueiro de volta ao banco do carona vazio diante dele. Serena estendeu a mão e aumentou o volume ao máximo, mas, mesmo com essa altura, os gorjeios característicos de Bob Dylan mal podiam ser ouvidos com o zumbido do vento.

- Estou com frio. Podemos subir a capota? - Blair se abraçava e franzia a testa.

- Não sei como funciona - admitiu Nate. - Mas posso ajudar a esquentar você, se quiser. - Ele passou o braço esquerdo pelo ombro dela, protetoramente.

Como nos velhos tempos.

Blair inclinou-se para a frente do carro e pegou o cardigã que Serena abandonara ali.

- E estou *cansada*. De quem foi a idéia brilhante de parar para jantar? - Ela vestiu o suéter e se encostou no banco de couro caramelo.

Na verdade foi sugestão de Blair que eles fossem jantar.

Ela queria parar para comer no Merritt - ela e o pai sempre paravam ali nas viagens de família a Southampton quando ela era criança - mas eles se perderam, e levaram uma hora e meia para se achar. Nate achou melhor não lembrar Blair desse detalhe.

- Talvez você deva tirar um cochilo - sugeriu ele.

- Vamos chegar logo - intrometeu-se Serena do banco da frente. - Eu quase sinto o cheiro da cidade.

Nate farejou o ar úmido e frio. Não conseguia sentir o cheiro de nada, a não ser a chama acre do cigarro e o aroma de mel e amêndoa do cabelo de Blair. Também não conseguia ver muita coisa, só os contornos vagos do carro e as amigas e o vazio escuro daquela vastidão ao lado da estrada, que mal era iluminada pela fatia fina de lua prateada. Depois de mais algumas paradas - para encher o tanque, para tirar fotos idiotas dos três fazendo careta diante de cenários diferentes, para se abastecer de cigarros, Diet Coke e comida vagabunda eles perderam a maior parte da noite. Nate devia estar subindo naquela bicicleta de merda e aparecendo na casa do treinador Michaels para outro dia de trabalho pesado e assédio sexual.

Imagino que ele vá dizer que está doente. De novo.

- E quais são nossos planos, aliás? - Serena olhou para o banco traseiro por sobre o ombro. - Para onde exatamente estou dirigindo?

- Vamos para o Ritz. - Blair pulava no banco como uma criancinha que queria fazer xixi. - Vamos pegar uma suíte e pedir o serviço de quarto e dormir o dia todo amanhã.

- Que tal irmos direto para a *coffee shop* Three Guys e nos entupirmos de panqueca? - sugeriu Serena.

Nate pesou as alternativas: um quarto de hotel dividido com Blair e Serena ou um café-da-manhã gorduroso.

Decisões, decisões.

Mas Nate tinha seus próprios planos. Agora já os havia repassado em sua cabeça havia dias, desde que Anthony lhe disse para aproveitar o dia. E ele sabia muito bem o que queria: um cruzeiro de verão improvisado no barco do pai. Podia até imaginar. Ia navegar para fora do porto de Nova York, o sol nascendo acima do East River. Eles iriam para o norte, para o Cape, e por

fim para a casa dos pais em Mt. Desert Island, no Maine. Passariam o resto do verão estendidos no convés banhado de sol, só de roupas íntimas. Eles mergulhariam embaixo do barco e espirrariam água fria como crianças. Iam parar em cidades pequenas para ele poder comprar cigarros e cerveja, e Blair comprar revistas e o que mais ela precisasse. Depois, quando eles matassem a fome de pescar, ou de nadar, ou de fazer amor, ele e Blair assaltariam a cozinha bem abastecida, comendo coração de alcachofra com os dedos direto do pote.

Não está se esquecendo de ninguém?

Esse era o verão que ele devia ter, e aí sim ele ia aproveitar o dia. O único problema era ... bom ... Serena. Não importava que ele e Blair não fossem novamente um casal. Eles tinham altos e baixos há muito tempo, desde que se conheciam, mas sempre voltavam ao mesmo ponto: eles deviam ficar juntos. E esse ponto estava chegando de novo. Este ponto era no *Charlotte*. Nate fechou os olhos, tentando desesperadamente pensar em um cara que eles pudessem levar em sua grande viagem para manter Serena ocupada enquanto ele reconquistava Blair. Jeremy? Anthony? Não, ela não fazia a linha deles.

Ele atirou o cigarro para fora do carro e deu um pigarro. - Já sei - anunciou Nate. - Vamos pegar o *Charlotte*.

Depois vamos velejar por aí.

- Demais! - Serena tirou as duas mãos do volante e bateu palmas. - Nate, você é um gênio!

- Não sei não. - Blair se sentou direito. - Eu estou com vontade de tomar um banho e ir para a cama.

Blair se remexeu no banco, o joelho roçando o de Nate.

Será que estava fazendo isso de propósito? Provocou um impulso palpável de eletricidade pelo corpo dele. Ele se sentia com a cabeça mais limpa e consciente do que estivera em meses. Era como se tudo o que lhe aconteceu ultimamente - meter-se numa encrenca e quase não se formar, ser despachado para trabalho escravo nos Hamptons, ter aquele romance esquisito e de vida curta com Tawny - o tivessem levado bem ali, a este momento. Pouco importava que ele fosse matar o trabalho em questão de horas, pouco importava que ele tivesse roubado a posse mais valorizada do pai, pouco importava que ele não conseguisse o diploma - ele estava com Blair e, quando eles estavam juntos, era como se tudo no mundo fosse simplesmente ... *certo*.

- Tem um chuveiro a bordo - Serena lembrou a Blair, sentindo o celular Nokia vibrando e piscando em seu colo.

- Não seja infantil- gritou ela por sobre o ombro. - Alô? - ela atendeu no celular. Quem diabos estava ligando às 4h?

- Oi, Serena. Como está? É o Jason. Sabe quem é, seu vizinho de baixo na casa da rua 71?

Serena sorriu baixinho para a estrada. Blair não estava esperando este telefonema.

- Ei! - respondeu ela com o tom de voz mais simpático e mais animado. Jason era uma graça mas totalmente esquecível. Depois da festa de encerramento de *Breakfast at Fred's*, foi exatamente o que as duas meninas fizeram: esqueceram. Mas Serena não era a garota de que Jason estava a fim. - Acho que quer falar com Blair. - Ela engrenou a quarta numa curva apertada na estrada.

- Mais ou menos - admitiu Jason.

- Peraí. - Serena atirou o celular para trás, batendo por acidente no nariz de Blair.

Blair havia se abrigado satisfeita em um de seus devaneios épicos cinematográficos estrelado por ela e Nate, nus, numa praia em St. Barts, beijando-se na areia enquanto as ondas batiam no corpo, exatamente como Deborah Kerr e Burt Lancaster em *A um passo da eternidade*. Ela pegou o telefone. Provavelmente era a mãe, perguntando por que havia uma conta de dez mil dólares da Tod's no AmEx dela.

- Alô? - disse ela com alguma irritação. A perna de Nate estava tão quente junto da dela. Ela pousou a cabeça no ombro dele, procurando conforto enquanto se preparava para ter uma conversa extremamente irritante. - O que é agora, mãe?

- Não, sou eu, o Jason - respondeu uma voz de homem áspera do outro lado.

Blair levantou a cabeça do ombro de Nate e afastou o fone da cara. *Quem?*

Ela olhou o perfil de Nate. Ele começava a cochilar e ela queria agarrá-lo e passar as mãos por baixo da camisa dele, só para sentir sua pele quente nos dedos.

- Alô? Blair? - A voz de Jason guinchava no celular de Serena. Blair fechou o telefone e o atirou no banco do carona. - Blair! - repreendeu Serena. As duas meninas riram, dividindo um olhar pelo reflexo do retrovisor.

Nate se mexeu no banco.

- Qual é a graça? - murmurou ele, fazendo-as rir ainda mais.

Depois Blair se virou, pegando o olhar de Nate nela. Mas antes que ele pudesse se afastar, constrangido, ela deu a piscadela mais sexy e mais inesperada que Nate vira na vida.

- Posso fumar? - perguntou ela finalmente, mordendo com delicadeza o lábio inferior pintado de rosa.

- Claro. -Ele procurou o maço no bolso. *Para você, tudo. Ai.*

O sol deve ter nascido nos quatro minutos que eles levaram para passar à toda pelo Midtown Tunnel e entrar na cidade: o céu estava roxo escuro quando Serena levou o carro para a entrada do túnel e, quando o pequeno conversível saiu nas ruas de Manhattan, o sol estava alto, os carros buzonavam e já começava a esquentar.

Nate procurou não ficar olhando Blair de maneira tão óbvia, o que era difícil, porque ela estava tão perto que ele sentia o cheiro dela, podia imaginar o peso de seu corpo no dele se ela por acaso caísse no sono, podia conjurar a sensação macia de seus lábios e sua língua nele caso eles comessem a se agarrar bem ali no banco traseiro.

*Pare. Concentre-se.*

- Vamos para o centro. - Nate viu os olhos de Serena no retrovisor. *Será que ela sabe o ele estava pensando? Será que viu alguma coisa?*

Mas ela não era deselegante o bastante para dizer alguma coisa.

- Sim, senhor capitão. - Serena entrou à direita na FD R Drive, o que fez com que Nate e Blair tombassem para a esquerda.

- Não mate a gente. - Blair enfiou o cabelo batido pelo vento atrás das orelhas.

- Não se preocupe. - Nate apertou o joelho direito dela de um jeito tranqüilizador.

Blair olhou para ele, os olhos vidrados e sonolentos mas com o mesmo brilho azul que sempre tiveram. Ela sorriu e pousou a cabeça no ombro de Nate, sem tirar os olhos dele.

Nate também sorriu, sentindo-se bobo e meio constrangido, como se tivesse 15 anos de novo. Ele se perdeu na sensação do vento no cabelo, o zumbido monótono da estrada abaixo dele, o cheiro da garota que amava encostada nele. Serena precisou de dez minutos para costurar pelo trânsito da via expressa no início da manhã, e de cinco minutos para percorrer as ruas tortuosas antes de chegarem às docas em Battery Park, onde o capitão Archibald mantinha o *Charlotte* ancorado.

- Chegamos, crianças - anunciou Serena, bancando a mamãe enquanto levava o carrinho para uma vaga no estacionamento junto ao meio-fio e desligava a ignição. - Prontos para velejar?

Nate abriu a porta e cambaleou para fora do banco traseiro. Respirou o cheiro de trânsito com água salgada e asfalto quente; era uma mistura de tudo o que ele adorava - a cidade, em especial no início da manhã, e o mar, onde ele passou as semanas mais felizes de sua vida. Talvez ele tenha ficado engaiolado no minúsculo banco traseiro por tempo demais, ou talvez só estivesse empolgado com a idéia de um cruzeiro ilícito que estava prestes a fazer, mas, qualquer que fosse o motivo, Nate realmente começou a correr, esbarrando nos pedestres e pulando o portão baixo que separava as docas da rua. As solas de borracha dos chinelos de dedo batiam ruidosamente nas tábuas de madeira cinzenta das docas. Seu coração martelava nos ouvidos: verdadeira e finalmente estava acontecendo - o verão enfim começava. Depois que ele e Blair subissem a bordo do barco, tudo iria mudar.

- Senhor? Senhor? - Um empregado uniformizado das docas corria pelo píer atrás de Nate, agitando as mãos no alto como se estivesse sendo atacado por abelhas. - Isto é propriedade particular, senhor, terá que sair daqui.

- Estou procurando meu barco - explicou Nate, olhando a floresta de mastros em busca do perfil familiar. Ele ajudara o pai a construir essa coisa, tinha que reconhecer o barco em qualquer lugar. - O *Charlotte*. Está por aqui em algum lugar. Quero sair com ele.

- O *Charlotte*? - O empregado, um cara em idade universitária que parecia bem legal, encarou Nate, claramente confuso. - O barco dos Archibald?

- É. - Nate assentiu, olhando para trás: Blair e Serena estavam empoleiradas no portão de segurança, balançando as pernas no ar e rindo de alguma coisa. - É o barco de minha família. Pode me dar o número do píer?

- Desculpe, cara. - O empregado sacudiu a cabeça devagar. - Não está aqui. O capitão Archibald navegou para Newport no começo de junho ... Ele me disse que pretendia deixar o barco lá a temporada toda.

*Droga.* Nate franziu a testa para o empregado das docas, depois olhou para Blair mais uma vez. Ela chutava as perninhas bronzeadas no alto quando uma lufada repentina de vento fez seu vestido voar até a cintura. Por baixo, usava uma calcinha de algodão rosa-claro. Ele pôde distinguir as bolinhas brancas que a decoravam.

O barco que se danasse: agora, só o que ele queria era se deitar ao lado dela, de mãos dadas, e nunca mais soltar.

## *a verdade se revela ... e d também*

- Comendo. Me comendo. Me comendo.

Dan gemia e se revirava nos lençóis macios que um dia foram brancos e agora eram manchados de café e nicotina de sua cama. *Me comendo?* Suando profusamente, ele virava a cabeça de um lado para outro.

- Já acordou aí? - Rufus Humphrey, pai turbulento e excêntrico editor de poetas Beat nada conhecidos, bateu à porta com urgência. - Encomenda! Encomenda! Está ouvindo? - Encomenda!  
- Dan se sentou na cama. *Encomenda, seu idiota, e não me comendo.* - Estou acordado - anunciou ele, com a voz rouca.

- Lembre-me de contar a você sobre o passarinho e a minhoca um dia desses! - Rufus irrompeu todo decidido no quarto de Dan, vestido nos trajes tipicamente insensatos: calça de carpinteiro com espirros da mesma tinta branca suja que cobria as paredes do apartamento, o que significava que a calça tinha uns 19 anos de idade, e um casaco da equipe de produção de *Breakfast at FredJs* que ele deve ter surrupiado da pilha de roupa suja de Vanessa. Estava aberto, revelando um peito cheio de pêlos grisalhos. Ele segurava uma caixa de papelão enorme que alguém tinha fechado de qualquer jeito com papel pardo, plástico bolha e dois tipos de fita adesiva. A palavra FRÁGIL estava rabiscada em toda a caixa em cinco línguas diferentes. Rufus largou o pacote na cama. - Encomenda para você.

- Meu Deus. - Dan pegou a caixa desajeitado. Podia atirá-la no ar, de tão leve que era. - Nem parece ter alguma coisa *dentro* dela.

- Abra, abra - insistiu Rufus. - Sua irmã mandou de longe e a postagem não deve ter sido barata, então acho que tem alguma coisa boa aí.

- Claro. - Dan começou a desfazer o embrulho.

- Não ouvi você chegar ontem à noite. - Rufus sorria duro para Dan. - Imagino que sua primeira reunião foi muito boa, hein? Ficou acordado até tarde, debatendo os méritos das peças menores de Shakespeare, não é?

- Mais ou menos. - Dan tirou outra camada de papel antes de finalmente chegar às abas da caixa de papelão. Se houve algum debate em toda a noite anterior, ele não se lembrava. Mal conseguia se lembrar de alguma coisa, a não ser a sensação da língua de Greg nele, a penugem de pêlos faciais de Greg em seus próprios pêlos.

Ai.

- Eu me lembro dos salões dos velhos tempos. - Rufus se empoleirou no peitoril da janela e olhou o filho mergulhar nas profundezas da caixa. Dan pegava um punhado de jornal amassado depois de outro. - Tivemos uns tempos bem doidos naquela época.

- Não foi assim tão doido - respondeu Dan, na defensiva. Enfim sua mão pegou alguma coisa firme dentro do emaranhado de jornal. Segurando com força, ele puxou o objeto estreito até que saísse e a casca de papelão mole caiu no chão, espalhando bolas de jornal em toda parte.

Rufus riu.

- Que pena. A garotada de hoje. Sem paixão, sem coragem. Eu me lembro de quando tinha a sua idade, eu e uns amigos íamos para os lagos, na Nova Inglaterra. Acampar, escrever poesia, ficar acordado a noite toda.

Dan meio que ouvia enquanto ponderava sobre o objeto nas mãos: tinha uns sessenta centímetros de comprimento e estava envolto num casulo de plástico bolha e fita adesiva. Ele enfiou a unha no embrulho, repassando ansiosamente os acontecimentos da noite anterior. Até que ponto exatamente ele foi com Greg? Como voltou para casa? Quase não tinha lembrança de se colocar na cama. E acordara com a cueca sambacação Gap preferida - ele a estava usando ontem? Não conseguia se lembrar.

Rufus tinha um olhar distante e continuou.

- Eu me lembro de uma tarde, no lago, quando as coisas ficaram bem quentes. Estávamos todos nadando nus e eu tinha uma discussão muito apaixonada com Crews Whitestone ... Sabe quem é, o dramaturgo. Estávamos debatendo sobre a natureza elementar da verdade e as coisas ficaram tão acaloradas, nem imagina, que de repente estávamos lá, rolando pela praia, lutando no chão, cada um tentando conseguir que o outro admitisse que sua concepção da verdade era a superior.

Dan meio que ouvia os murmúrios pornográficos do pai.

Encontrou um espaço no plástico bolha e o arrancou daquele ... troço comprido de cerâmica.

- É, suas reuniões literárias de hoje devem ser muito mais dignas, não é? - continuou Rufus. - Mas era assim que gostávamos na época: nus, vibrantes, arrancando a verdade. Meu Deus, bons tempos aqueles.

Ainda tentando se desligar do pai, Dan atirou o embrulho excessivo de lado e considerou o vaso nas mãos: era uma coluna comprida e oca de cerâmica branca, com um convidativo acabamento macio e vitrificado. Tinha uns 45 centímetros de altura e era aberta no alto, então devia ser um vaso. Na base, havia duas peças pequenas e redondas, uma de cada lado, que ajudavam a estabilizar a haste central e alta. Era um vaso. Era alguma coisa. Era ... Bom, era um pênis lindamente esmaltado.

Era *esta* a idéia que a irmã fazia de um presente? Ele colocou o vaso - ou o que fosse - na mesa-de-cabeceira e o olhou cautelosamente.

- Ora essa, eu reconheceria isso em qualquer lugar. Rufus riu, interrompendo as reminiscências. Pegou o vaso e o afagou delicadamente. - Sabe quem fez, não é? Sua mãe. É obra dela.

- É mesmo? - Dan tirou o vaso das mãos do pai e o examinou com mais cuidado. Talvez estivesse enganado: talvez fosse um foguete em pleno vôo, ou um alienígena, ou talvez fosse uma representação abstrata de uma mãe terra flanqueada por seus filhos.

Nada disse. Não importava quanto semicerrasse os olhos ou virasse a cabeça, continuava parecendo um pênis dos grandes.

Ele virou o vaso para ver a base, onde encontrou uma inscrição minúscula à mão: "Um totem para meu filho. Dado com amor."

Um *totem*? O que diabos isso significava? Será que sua mãe estava tentando lhe dizer alguma coisa, algo sobre ele que Dan nunca conseguiu deduzir? Ele não via a mãe havia anos e agora essa - um vaso em formato de pênis, por coincidência, aparecia pelo correio horas depois de ele ter se agarrado com um cara? Mas ele não era gay. Como podia ser gay? Ele adorava mulheres. Ele amara Serena van der Woodsen. Ele amara Bree. E ele amava Vanessa acima de tudo.

Tá legal: a garota que parecia um homem.

Seria possível que ele fosse gaye todo mundo, menos ele, soubesse disso o tempo todo? Será que ele foi um daqueles garotinhos obviamente gays que gostavam de tomar chá de mentirinha com os bichos de pelúcia e levavam para a escola as bolsas que a mãe não queria mais?

Suspirando ao colocar o vaso no chão do quarto, Dan olhou o pai, que estava perdido em pensamentos.

- Então, estava me falando de nadar nus e discussão literária. - Dan parou. - E isso era, humm, normal? Que suas conversas literárias terminassem ... com você nu com outro cara?

- Normal! - Rufus riu com vontade. - Pode acreditar, quando se trata de literatura, não há nada mais normal. Paixão. Fogo. Quando se é jovem, você está cheio disso. Precisa extravasar de alguma forma.

Dan assentiu, o cenho franzido.

Então está me dizendo que, de acordo com sua experiência, não é incomum que um salão literário se transforme numa orgia de gente do mesmo sexo?

- É mais comum do que você pensa, filhinho. - Rufus afagou com afeto o cabelo amassado do filho. - É uma pena que os tempos tenham mudado.

É, é uma pena mesmo.

## ***a verdade - mais estranha do que a ficção, afinal***

- Agora vire a cabeça, só um centímetro para a esquerda ... Mais um centímetro ... -Vanessa consentia, virando a cabeça ligeiramente para a esquerda para permitir que Bailey Winter tivesse uma visão desimpedida de seu perfil.

- Meu Deus, não é uma delícia? - Bailey não falava com ninguém em particular ao rabiscar furiosamente em seu bloco de desenho com capa de crocodilo, brandindo o lápis e virando as páginas como um louco. - Sim, sim, Vanessa, meu bem, é isso, você realmente sacou. Agora você faz com que Gisele, Kate e todas aquelas outras corram atrás do dinheiro, não é, meu amor? Hummm!

Só meio que ouvindo e sem saber quem eram Gisele e Kate, Vanessa remexeu-se, com a câmera empoleirada em seu colo como um gatinho. Estava reclinada em um divã de pedra comprido, coberto de almofadas e peles para deixá-lo bem confortável, mas quente para uma tarde de julho, com uma visão clara e desobstruída da piscina. Ela olhava Chuck Bass brincando na extremidade sombreada, vestido somente num calção de estampa floral e estilo europeu que não deixava nada para a imaginação, enquanto sua macaca empoleirava-se na prancha de

mergulho, comendo uma tigela de uvas.

Mas que erótico.

Ela não devia se mexer muito, então não podia examinar a cena pelo visor da câmera, mas estava confiante de que era puro ouro cinematográfico: ali estava Chuck, vadeando pela água na altura da cintura, batendo papo nos fones do Bluetooth com Sweetie mastigando ao fundo. Atrás dele, Stefan, o empregado magrela, varria o caminho de lajotas que levava das quadras de tênis à casa principal, tentando não bater por acidente nas cinco pugs mimadas que atacavam a vassoura com raiva. De vez em quando, Vanessa deslizava a câmera no colo para apontar para o próprio Bailey Winter, que usava um traje cáqui de menino - calças curtas e tudo - que ele refez para acomodar a cintura. Era matéria-prima para um documentário de cair o queixo.

- Não se mexa muito, querida - cacarejou Bailey, reprovando-a.

Vanessa sorriu placidamente e virou a câmera para a ação na piscina. Enquanto estava sentada ali, imóvel daquele jeito, sua mente vagou preguiçosamente sobre o turbilhão das últimas semanas. Ela passou de participante de Hollywood a serva sem amigos nos Hamptons e depois a mulher de coronel. Era tudo muito empolgante, de certa forma, mas o caso era que sentia falta de alguém para dividir isso.

Vanessa se surpreendeu quando percebeu que não só estava encarando o vazio: estava admirando o torso perfeitamente tonificado de Chuck Bass, o ondular suave de seus músculos enquanto ele passava os dedos pelo cabelo molhado mas ainda assim com o gel perfeito. Esquecendo-se por um minuto de tudo o que sabia sobre o cara, de cada interação que tinha com ele e todos os boatos maldosos que ela tentava ignorar, ela meio que queria estender a mão e ... tocar nele. Ela lambeu os lábios involuntariamente.

- Isso! - Bailey Winter atirou o lápis na piscina próxima, depois pegou outro. -Você está incrível. Parece satisfeita e faminta ao mesmo tempo. Como se estivesse pronta para a sobremesa, embora tenha feito a refeição mais saborosa do mundo!

Vanessa corou, constrangida, e depois lembrou a si mesma que não estava admirando necessariamente ChuckBáss, só seus variados atributos físicos. A verdade era que o tipo dela era um pouco mais magro e pálido do que Chuck. Pensar em Dan de repente fez os cantos de sua boca se virarem para baixo.

- Levante o queixo, querida! Para onde foi aquele sorriso? - Bailey Winter bateu palmas uma, duas, três vezes, como um líder de torcida demente.

Vanessa tentou colocar um sorriso no rosto, mas pensar em Dan de algum modo tinha maculado tudo. Ela sentia falta dele. E o peito carnudo de ChuckBass não era substituto para o amor. Vanessa suspirou, dando uma panorâmica no gramado verde-esmeralda com a câmera. Mais uma vez, só o que ela realmente tinha era sua arte.

Ela apontou a câmera para Chuck de novo, que agora estava encostado na beira da piscina, conversando com Stefan. Sweetie pulava atrás dele, implicando com as pugs, que latiam coléricas.

- Meninas! Por favor! Silêncio! - Bailey colocou os dedos na boca e soltou um assovio estridente e surpreendentemente alto. - Papai está trabalhando! Não consigo me concentrar com toda essa algazarra!

- Desculpe, Bailey. - Chuck se virou e sorriu por sobre o ombro. - Vou tentar fazer com que Sweetie não as incomode.

- E o que é que esse monstro está fazendo na minha piscina, aliás? - guinchou Bailey, a pele indo do bronze ao escarlate.

Vanessa apontou a câmera para o outro lado da piscina e ficou imediatamente claro de que peste Bailey estava falando: o lápis descartado de Bailey não era a única coisa que boiava na superfície.

- Me diga que não é o que eu estou pensando! - agora Bailey definitivamente gritava.

- Desculpe, Bailey. Às vezes Sweetie não consegue se controlar.

- Saia! Saia! Não quero meu santuário sagrado transformado num esgoto! Estamos em East Hampton, e não em Calcutá!

Vanessa se endireitou no divã, usando as duas mãos para equilibrar a câmera e dar um zoom rápido. Isto era uma *mina de ouro* do cinema.

É, ou uma mina terrestre.

### **Air Mail – Par Avion – 12 de julho**

Querida Jenny,

Eu sou gay.

Com amor,

Dan

## ***voltando no tempo***

- Chegaaaaaaamooooos! -A voz de Serena ecoou pelo hall e mergulhou no apartamento dos pais, que ela viu, assim que abriu a porta, que estava vazio. O lugar tinha aquele aspecto escuro e silencioso de uma casa sem ninguém, o que não era surpreendente, uma vez que os pais passavam mais tempo no campo do que enroscados no sofá. Ela nem tinha certeza de quando os vira pela última vez naquele sofá.

- Meu Deus, preciso fazer xixi. - Blair disparou por ela e entrou no apartamento, acendendo as luzes ao passar - o apartamento de cobertura de Serena era tão conhecido para ela quanto a própria casa. Ela desapareceu no corredor em galeria, indo direito para o quarto de Serena. Nate arrastou os pés atrás das duas, fechando a porta com força demais. O barulho da porta foi

amplificado nos cômodos sinistramente silenciosos.

- Desculpe. - Ele abriu um sorriso torto para Serena.

- Está tudo bem. - Serena atirou as chaves na mesa de mogno, onde caíram com um ruído. -

Vamos achar alguma coisa para comer. - Ela levou Nate pelo apartamento e pelas portas de vaivém da cozinha.

Olhando a Sub-Zero quase estéril, Serena pensou nas opções que tinham.

- Temos umas azeitonas - anunciou ela. - Um saco de cenouras baby. Acho que tem um pouco de queijo. Talvez possa encontrar uns biscoitos ou coisa assim por aí. Não sei onde a empregada nova guarda as coisas.

É tão difícil encontrar uma boa empregada.

- Vou cuidar disso. - Nate partiu para a despensa e começou a saqueá-la, tirando vidros e recipientes e colocando-os com um ruído na bancada de travertino.

- Acho que vou guardar os suprimentos. - O único motivo para eles voltarem ao apartamento dos van der Woodsen foi dar uma parada, antes de embarcarem numa viagem de carro para encontrar o *Charlotte*, e se abastecer de itens de necessidade básica: roupas e bebida.

Serena foi até o armário de bebidas que os pais nunca se preocupavam em trancar, colocando na bolsa Hermes garrafas de Grey Goose, Hendrick's, Havana Club e Patrón. Havia alguma coisa na invasão do esconderijo dos pais, enquanto Nate e Blair andavam pela casa, que lembrava Serena de tempos passados. Nada mudara e tudo tinha mudado. Essa idéia a deixou inesperadamente triste.

Todos nós ficamos meio melancólicos perto de nosso aniversário.

Serena entrou na biblioteca do pai e afundou na cadeira giratória Aeron dele. Pegou o telefone na mesa e discou um dos poucos números que sabia de cor.

- Alô? - A voz do irmão Erik parecia meio desconfiada. Afinal, eram 6h da manhã.

- Sou eu. - Serena se recostou, colocando os pés descalços na mesa de mogno antiga do pai.

- Mas que merda, Serena. Apareceu o número de casa ...

Por um minuto, fiquei preocupado. - O irmão riu.

- Eles não estão aqui. - Ela olhou as paredes revestidas de livros, examinando as fotos de família: Erik jogando tênis, Serena montada num cavalo preto, os pais bronzeados bebendo Campari com refrigerante em um café ao ar livre na costa de Amalfi. - Wimbledon – disseram Serena e o irmão em uníssono.

- Eles são tão previsíveis. - zombou Erik. - O que está fazendo em casa, aliás?

- Só planejando uma saidinha de verão. Pensei em ligar para o meu maninho. E onde você está exatamente?

- Connecticut - disse-lhe Erik. - Pensei que papai podia estar me ligando para dizer que eles vinham para cá.

Serena olhou pelas portas francesas para a sala de estar, onde Nate perseguia Blair por um sofá de couro com botões, tentando prender cereais matinais nas orelhas dela.

- Vamos fazer uma viagem de carro - disse-lhe Serena. - Quer vir? Temos espaço no carro para mais um.

E quem sabe assim ela deixaria de pensar que estava segurando vela?

- É tentador. Mas estou preso por aqui. Que tal uma parada em Ridgefield?

Ela fez um rápido planejamento mental: eles podiam ficar aqui hoje e sair amanhã de manhã, então talvez ela pudesse convencer Blair e Nate a passar a noite em Ridgefield, e com sorte alguém perceberia que no dia seguinte era aniversário dela.

- Acho que posso conseguir isso.

Serena se despediu do irmão, recolocando o telefone na mesa. Olhou o closet, perguntando-se preguiçosamente se os pais tinham escondido um presente surpresa de aniversário para ela em algum lugar do apartamento.

Mas as surpresas não são sempre as mais divertidas?

Blair bocejou - o tipo de bocejo fundo que você sente em todo o corpo - e passou rudemente a escova Mason Pearson de Serena no cabelo. Nunca foi do tipo que dá mil escovadas no cabelo antes de ir para a cama, mas, ainda assim, não podia fazer mal. Eram só 8h e o sol jorrava pela janela, mas parecia que se passaram anos, e não horas, desde que ela dormira uma noite de sono decente.

- Nem acredito em como estou cansada. - Serena desabou na planície ampla de sua cama, os braços e as pernas esticados em volta dela.

- É. - Nate hesitou ao pé da cama, olhando para Blair, que estava diante do espelho, e depois para Serena, deitada diante dele.

- Estou arrasada. - Serena desabotoou os jeans e os tirou sem se levantar. - Não consigo nem me enfiar debaixo do cobertor.

Blair olhou as pernas compridas e esguias de Serena e depois para Nate, que olhava as mesmas pernas. Sentiu a pontada familiar de ciúme dentro do peito. Ela amava e tinha ciúme de Serena por tanto tempo que parecia uma eternidade. Mas as coisas finalmente estavam diferentes. O ano foi cheio de altos e baixos, mas enfim era verão, eles iam para Yale juntos no outono e tinham o resto da vida pela frente como grandes amigos. E Blair tinha Nate, bem ali, naquele exato momento, bem na frente dela.

*Ora essa, quem está se esquecendo de alguém?*

Blair tirou pela cabeça a camisa pólo Lacoste rosa-claro emprestada e estendeu os braços para trás para desafivelar o sutiã, que deixou cair no chão casualmente.

- Nate, posso dormir com sua camiseta? - perguntou ela com timidez.

- Claro. - Ele assentiu ansioso, tentando desviar os olhos. Tirou a camiseta de algodão e a lançou para Blair.

Ela a vestiu pela cabeça, parando dentro da escuridão da roupa para sentir o cheiro dominador: as axilas dele, e o detergente de lavanderia, com um toque de maconha e pasta de dente.

Bom até para comer.

Quando passou a cabeça pela gola da camiseta ainda quente, Nate tinha tirado as calças cáqui e se jogava na cama ao lado de Serena com uma cueca samba-canção engraçada de

estampa de palmeiras que Blair tinha certeza absoluta de ter dado de presente a ele.

Ela apagou a luz do quarto. O sol da manhã de verão entrava pela janela, iluminando os corpos dos amigos. Ela foi descalça até a cama, depois meteu-se com cuidado entre Serena, que já dormia, a respiração longa e silenciosa como de um bebê, e um Nate quase nu.

- Boa noite - sussurrou Nate.

\_ Boa noite - repetiu ela baixinho. Com o coração martelando nos ouvidos, Blair de repente se sentiu totalmente desperta. Olhou os painéis delicadamente moldados com ameias do teto de Serena enquanto ouvia o leve ressonar da melhor amiga e tentava ignorar a pele macia do outro grande amigo: o único cara que ela realmente amou e cujo braço a afagava tão de leve. Como é que ela *podia* dormir assim?

Depois ela sentiu dedos passando por seu braço, com tanta delicadeza que deu cócegas. A mão de Nate deslizou para sua cintura, depois passou pela palma de sua mão, apertando-a suavemente.

Soltando um suspiro, parecia que ela estava exalando algo que nem sabia que tinha dentro de si. A frustração, o ciúme, a preocupação com o que ia acontecer. Ela se virou para olhar Nate, mas os olhos dele estavam cerrados e logo os dela também se fecharam. E assim eles dormiram, pelo resto do dia, entrando pela noite.



gossipgirl.net

temas < anterior próxima > faça uma pergunta respostas

*Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

## ai, gente!

Sabe de quem eu sempre tenho um pouco de pena? Daquela galera que faz aniversário no verão. Eles nunca têm festinhas de sorvete na Serendipity porque todos os amigos foram para o campo ou estão passando a temporada em Amagansett. Eles nunca compram bolinhos Magnolia com glacê de creme amanteigado para toda a turma curtir. Nunca têm a desejada festinha de chá no Plaza com todas as melhores amigas. Só porque por acaso nasceram durante os três meses do ano em que a última coisa em que qualquer um quer pensar é no outro. Não *queremos* ser egoístas, é só que ... Está no ar. Mas isso não quer dizer que ninguém se sinta mal com isso. É sério. Então isto é para você, meninas aniversariantes ...

Três maneiras de dizer "*Me desculpe, esqueci seu aniversá<sup>ri</sup>o enquanto ficava com meu amor de*

*verão incrivelmente gato":*

1) Leve-a à Barneys e deixe que ela use seu cartão de crédito pelos muitos minutos de idade que ela tiver. Quando sua mãe receber a conta, assuma a responsabilidade, porque é para isso que servem as amigas.

2) Desculpe-se por estar mais interessada em seu romance de verão do que no rito de passagem dela e convide-a para se juntar a você e seu novo *beau* num encontro duplo com o irmão mais novo dele, meio vesgo mas quase igualmente gracinha.

3) É verão, lembre-se, então a manutenção de todo o corpo é mais importante do que o de costume. Refestele-se numa experiência completa no spa Bliss (mas não só um combo idiota manicure-pedicure de presente-da-titia Susie, por favor) para que sua melhor amiga possa ficar bronzeadada, depilada e mimada como você já está.

### **seu e-mail**

**P:** Cara GG,

- Estou com medo de ter virado gay. Sabe se existe algum sinal de alerta?
- Garoto Triste

**R:** Cara GT,

- Os sinais de alerta são muitos:

- 1) *Você* se refere a coisas como "fabulosas" ou "geniais" e tem usado a palavra *fashion* nas últimas 24 horas.
- 2) Sua melhor amiga é uma garota pesadona interessada em teatro.
- 3) O toque de seu celular é uma música de Gwen Stefani.
- 4) Quando o clima fica quente, você prefere ficar olhando os patinadores sem camisa do que as banhistas de topless no Sheep Meadow.
- 5) *Você* escreve a uma autoridade sábia porque quer que ela lhe conte a novidade que você já sabe, mas não consegue admitir: você é gay. Tudo bem, sem problema!

Ame a vida. Ame os meninos. Ame a si mesmo.

-GG

**P:** Cara GG,  
Prezada GG,

Isso não é bem uma carta, mas um anúncio: estou planejando uma baita festa na minha casa de veraneio para comemorar o aniversário de 18 anos de minha irmã mais nova. Então, se estiver em Connecticut ou saindo numa viagem de carro, faça uma visita a seus velhos amigos que passam o

verão nesta ótima casa. Se eu for um deles, você está na lista de convidados.

- Festa na Piscina em Connecticut

**R:** Cara FPeC,

Connecticut fica meio fora de meu raio habitual de festas, mas acho que ir para lá já é metade da diversão - afinal, viajar de carro é uma ótima tradição americana. O vento no cabelo, o sol quente no asfalto, a liberdade de ir para o lado que se quiser - sentimentos mais memoravelmente capturados por Jack Kerouac em *On the Road*. Mas sinceramente, só o que me lembro do livro é de um monte de drogas e um monte de casualidades. E ainda falam em se guir a estrada dos tijolos amarelos! Mas se sua "festa" for tão grande quanto promete, estou doida para ver sua Cidade das Esmeraldas. Será que é tão obscena como penso que seja? Ops. De qualquer forma, considere a festa anunciada!

-GG

**P:** Cara GG,

Estou totalmente infeliz, porque meus pais disseram que tenho que arrumar um emprego neste verão. Mas eu estava pensando nisso e percebi que trabalhar não precisa ser um porre - *você mesma* tem o emprego mais legal do mundo! Então eu me perguntei, está precisando de estagiárias?

- Por Favor Me Contrate!

**R:** Cara PFMC,

Obrigada pelos elogios e, pode acreditar, você não está errada - este é *mesmo* o emprego mais legal do mundo. Mas a verdade é que eu realmente não penso nele como emprego, mas um serviço de utilidade pública. Meio como ser uma super-heroína: Bat Girl, Super Girl, Gossip Girl... Você entendeu direitinho. Infelizmente, porém, só existe espaço para uma Gossip Girl neste iBook. Boa sorte na procura de um estágio em outro lugar! Soube que a *Vogue* está contratando faxineiras ... Brincadeirinha.

-GG

### **contas, contas, contas**

O último e-mail me fez pensar que, para uns poucos infelizes de vocês, a expressão "emprego de verão" não é só um fenômeno visto nos filmes, mas uma realidade cotidiana. Sinto muito por vocês, é sério. Mas não é assim *totalmente* ruim. Aqui estão alguns pontos positivos a se ter em mente quando estiver batendo o relógio de ponto:

1) A melhor maneira de conhecer gente é no trabalho, quer seja um colega bonitinho ou um cliente bonitinho. (Alguém ai se lembra de como O topou com aquela garota da ioga? Vou te contar, não foi

entrando numa aula do Bikram ... )

2) Que melhor maneira de aprender o valor de um dia de trabalho árduo e sentir a satisfação de ganhar seu próprio dinheiro? Rá! Ainda contam essas mentiras por aí?

3) Soube que o trabalho queima uma tonelada de calorias!

Então, PFMC, levante a cabeça e faça sua propaganda! Por enquanto é só, meus amores. Esta abelhinha operária precisa refazer a maquiagem, recarregar a bateria do laptop e preparar as malas para uma viagemzinha de carro ...

Pra você que me ama,

**gossip girl**

## ***d, entediado e com calor de novo***

- Davey, Humphrey, Bogart, sei lá o seu nome, acelere.

Todos os gerentes da Strand ladravam do mesmo jeito autoritário e nunca deixaram de fazer com que Dan endireitasse um pouco o corpo. Ele olhou os dois lados, mas não sabia de onde tinha vindo o comando.

- Está esperando por um convite gravado, madame? Phil, um careca que se candidatou a doutorado mas tomou bomba e adorava fazer do turno da tarde um inferno, enfiou a cabeça pela estante velha de metal enferrujado.

- Babaca - murmurou Dan ao empurrar o barulhento carrinho de livros a serem arrumados.

Mas ele não está muito sensível?

As rodas de borracha rachadas guinchavam e estalavam enquanto Dan empurrava o carrinho frágil pelo corredor comprido e estreito, passando pelos guias de viagem ultrapassados. Ele respirou fundo, mergulhando no ritmo familiar de pegar um livro, ver o sobrenome do autor e localizar seu lugar na estante. Era uma maneira segura de deixar o subconsciente falar por ele:

*Beijos peludos - ardem em meu queixo ○*

*sabor enjoado de absinto na garganta*

*Fundo em minha goela; lábios feridos e*

*Murros nas tripas*

*Cantos cegos virados e agora estou em lugar nenhum ...*

Sua livre associação poética foi interrompida quando um livro enorme escorregou do carrinho. Ele se curvou para pega-lo, lendo o título: *Tudo o que você sempre quis saber (vamos admita!) sobre sexo gay*, de Melvin Lloyd e o Dr. Stephen Furman.

O desenho a bico de pena na capa mostrava duas formas masculinas se abraçando castamente. Como irmãos. Ou jogadores de beisebol depois de uma partida. Totalmente normal. Olhando em

volta para ver se havia alguém por perto como sempre, ninguém estava interessado nos guias de viagem à Nova Zelândia publicados na década de 1970 - Dan abriu o livro, assoviando, todo despreocupado.

Valeu a tentativa.

As páginas lisas escorregaram por seus dedos, revelando mais desenhos a bico de pena de dois camaradas musculosos em abraços variados, os braços e línguas posicionados aqui e ali. Havia vários itens e listas de o que fazer e o que não fazer. Ele passou os olhos no livro, o coração martelando, pegando só pedaços de frases como "Insira sua língua" e alguns parceiros acham útil o uso de um cotovelo" e "Lembre-se de escovar os dentes".

Parando novamente para se certificar de que estava sozinho, Dan pulou para o final do livro, onde um papel mais pesado só podia significar uma coisa: fotos. E ali estavam elas, em toda sua glória multicolor: dois homens, realizando o que à primeira vista parecia uma rotina de ginástica.

A garganta de Dan de repente ficou muito seca. Ele fechou o livro num baque e o enfiou no fundo da pilha. Nunca precisou tão desesperadamente de um cigarro como agora.

*Respir, respire.*

Tremendo um pouco, Dan inalou fundo um amado Camel e saiu da Strand. Precisava dar uma caminhada para tirar de sua cabeça as imagens daqueles dois sujeitos de pescoço grosso e cara de lutadores em poses inimagináveis. Não que ele tivesse algum tipo de problema com os gays, é claro. *Eles estão aqui, são bichas, é incrível.* Mas havia algumas coisas que as pessoas não deviam fazer com o corpo. Como correr. E ioga. E ... Seja lá que nome tiver o troço que tinha visto descrito no livro.

Ioga. Ele teve uma passagem rápida por esse negócio foi o mais perto que chegou de contorcer o corpo numa forma parecida com a dos caras no livro, e ele não estava ansioso para voltar a esta posição específica tão cedo. Antes de mais nada, o único motivo para ele ter se incomodado com a ioga foi por uma garota. Ele ficou tão louco por Bree que experimentou todo tipo de birutice: ioga, corrida, suco de fruta orgânico. Quem sabe a mesma coisa estava acontecendo com Greg? Ele nunca conheceu ninguém que adorasse livros como ele. Quem sabe ele só estava confundindo tudo? Talvez fosse só como o pai dissera e ele só estivesse transferindo sua paixão pelos livros para a amizade dos dois.

É - tal pai quase gay, tal filho quase gay.

Evitando o tráfego de turistas de verão na calçada, Dan apagou o cigarro e enfiou as mãos nos bolsos da calça de veludo cotelê marrom e puída. *Uocê não pode ser gay.* A imagem de Bree nua e cintilando de suor naquele estúdio de ioga superquente lhe veio à mente, e de súbito ele se sentiu sem fôlego. Meio tonto. Que sensação era essa? Parecia familiar e estranha ao mesmo tempo. E ele também sentia outra coisa - uma ereção. Em plena luz do dia, como um garotinho. Olhando para baixo, ele não pôde deixar de sorrir. Era a melhor ereção que ele já vira! Foi pensar em Bree, em sua pele nua e molhada de suor enquanto ela arqueava as costas e plantava as palmas das mãos no chão, e seu coração disparou.

Ele acendeu outro cigarro para comemorar o fato de que tinha evidências biológicas para provar que ele, Dan Humphrey, com a máxima certeza, não era gay. Teve que reprimir a vontade de pular no ar e bater os calcanhares.

Ah, mas *isso* não é nada gay mesmo.

## ***O fantasma da escola***

- Garotas! Tem garotas aqui! - gritou um cara que Serena não reconheceu. Ele desceu a escada de pedra, vindo do hall para a entrada de carros, segurando uma *das flûtes* de cristal antigo da mãe. Ergueu a taça numa saudação enquanto ela saía do Aston Martin, derramando espumante em toda a escada.

- Cara, essa é minha irmã. - Erik van der Woodsen empurrou do caminho o sujeito que cambaleava e correu para Serena. Vestia uma camisa azul amarrotada, os três botões de cima abertos, e uma calça cáqui que tinha começado a puir na bainha. O cabelo louro claro estava com gel e os enormes olhos azuis eram injetados, mas ele estava mais lindo do que nunca. -Eaí, mana?

- Pelo visto a festa já começou. - Serena abraçou o irmão, toda animada. - Caso tenha se esquecido, meu aniversário é só amanhã.

- Só se faz 18 anos uma vez. - Ele atirou os braços nela e a ergueu com facilidade. - Feliz quase aniversário.

- Isso é para mim? - perguntou Serena, um sorriso se espalhando pela cara. Tá legal, então não era *exatamente* a idéia que Serena tinha de festa de aniversário, mas era uma gracinha que o irmão tivesse se lembrado. Mesmo que provavelmente tenha sido uma desculpa para uma festa doída.

Provavelmente?

Atrás dela, Blair e Nate se arrastavam do banco traseiro.

Serena tinha se oferecido para dirigir porque sabia melhor como chegar ali e Blair não sabia dirigir carro de câmbio manual, mas eles precisavam mesmo ter vindo juntos no banco de trás *de novo*? E ela era o quê, a motorista?

Parece que sim.

- E aí, galera? - Erik os cumprimentou.

- Oi. - Nate assentiu para Erik. - Boa idéia dar uma festa. Quase esqueci que amanhã é seu aniversário - disse ele, virando-se para Serena.

Blair passou a mão na melhor amiga.

- Que tal um coquetel adequado à tarde, aniversariante? Existe algum que *não* seja adequado?

A cena perto da piscina parecia ter saído de uma comédia de universitários pirados. Um grupo de meninos de calção e obviamente bêbados se atirava na água, molhando os colegas sentados perto dali. Uma multidão estava perto das portas francesas de altura dupla que levavam à biblioteca - e ao bar bem abastecido. E havia algumas poucas garotas à vista - duas esticadas em espreguiçadeiras perto da prancha de mergulho e um trio de meninas risonhas experimentando algum tipo de jogo de bebida - e onde quer que elas congregassem, havia um grupo de meninos babões por perto. Alguém tinha plugado um iPod no sistema de som dos van der Woodsen e a batida insistente do novo disco dos Arctic Monkeys enchia o ar.

- Finalmente está começando a parecer férias de verão.

- Blair tirou os chinelos de couro branco Prada e os colocou na beira da mesa de jardim de ferro batido. Ela girava o gelo no Bloody Mary distraidamente.

- Parecido com isso. - Serena se recostou na cadeira desconfortável e olhou a multidão que se reunira, supostamente, para comemorar seu aniversário. A proporção de meninos para meninas era de uns 10 milhões para uma e, embora ela reconhecesse alguns, os antigos colegas de tênis de Erik, o colega de quarto na Brown, não viu muitos rostos familiares na turba. Podia ser a aniversariante, mas ela se perguntava se alguém ali sabia quem ela era.

A festa era dela e, se quisesse, ela ia fazer birra.

- Merda. - Blair tombou a cabeça para trás e secou o copo. - Acho que estava com sede.

Quer outro?

Serena sacudiu a cabeça, quase derramando o Cosmopolitan intocado.

- Eu tô legal.

- Já volto.

Por trás dos óculos Selima de aviador, Serena viu Blair sair da cadeira e andar para o bar. Erik presidia as garrafas de bebida enfileiradas como soldadinhos de chumbo no balcão de mogno de entalhe elaborado. Nate andava pela beira da multidão, as mãos no fundo dos bolsos da bermuda cáqui surrada. Serena viu quando ele fingiu não ver Blair pulando pela multidão na direção dele.

Que interessante.

Ela acordou esta manhã com o som dos risos de Blair, mas, quando perguntou qual era a graça, Blair suspirou e disse, "Só o Natie". *Natie?* Depois, no carro, ela ficava olhando para eles pelo retrovisor, mas sempre Blair só estava encarando placidamente pela janela e Nate descansava os olhos. Nada demais. Então por que ela se sentia tão ... estranha?

Ela ergueu o copo e tomou um golinho do coquetel ácido, enfim reconhecendo alguém na multidão: um cara de peito largo e cabelo castanho crespo que estava sentado na beira da piscina, as pernas penduradas na água. Os olhos castanhos tinham um brilho familiar enquanto ele olhava a cena em volta, tamborilando os dedos longos e finos no gargalo da garrafa de cerveja. A mais leve sugestão de sorriso brincava em seus lábios grossos e Serena sabia que por trás daqueles lábios havia duas filas brilhantes de dentes brancos. Ela podia imaginar seu sorriso, podia praticamente ouvir o som trêmulo de sua voz enquanto ele sussurrava as palavras de que ela havia

fugido. Aquela foi a última vez em que ela o viu, exatamente há um ano.

Henry era baixista da banda de jazz da Hanover. Era alto e bonito, com cachos escuros que caíam pelos olhos e um sorriso malicioso. O quarto de alojamento de Serena ficava bem abaixo do dele e, tarde da noite, ela atirava os livros no teto, querendo que ele respondesse batendo alguma coisa pesada no chão. Às vezes - na verdade, muitas vezes -, eles ficavam juntos no terraço, tomavam uísque e fumavam cigarros. Eram bons amigos, e depois o ano terminou e eles foram para Ridgefield juntos - a família dele morava aqui o ano todo e era aqui que ela passava verão. Na noite antes de seu aniversário de 17 anos, ela e Henry ficaram acordados até tarde, bebendo e conversando, e se deitaram de costas na quadra de tênis, esperando por estrelas cadentes e por fim se beijando. Depois, Henry disse: "Eu amo você." Em vez de dizer a mesma coisa, Serena fugiu para a casa, reservou uma passagem de avião para Paris a fim de se juntar ao irmão Erik em suas viagens e nunca mais voltou a falar com Henry. Não que ela não gostasse dele. Sinceramente, ela gostava. Mas o amor era inconfundível e, naquela época, só havia um cara que ela podia amar verdadeiramente. Mas talvez agora também ...

Serena virou o copo de novo e engoliu seu conteúdo, as mãos tremendo. *Só me falta ter um colapso nervoso na véspera de meu aniversário de 18 anos*, pensou ela.

- Oi. Lembra de mim?

Ela se assustou um pouco com a voz de Henry.

- Eu estava me perguntando quando é que você ia aparecer para dar um alô. - Ela levou os joelhos ao peito e sorriu para ele.

- Eu podia dizer a mesma coisa. - As pernas da cadeira arranharam ruidosamente o concreto quando ele a puxou para se sentar. - Você está ótima.

- Obrigada. - Ela sorriu timidamente, tomando um gole da bebida. Atrapalhou-se nervosa com os cigarros, que estavam na mesa, ao lado do cabo do guarda-sol enorme.

Henry acendeu o Gauloise trêmulo de Serena e se serviu do maço. Serena exalou uma longa nuvem de fumaça, que dançou na brisa.

- O que aconteceu com você, aliás? - Henry sorria pensativamente, examinando o rosto de Serena. - Quer dizer ... Você simplesmente *sumiu*.

Serena desviou os olhos.

- Eu te mandei alguns e-mails - continuou Henry. Nunca mais soube de você ... E quando tentei novamente, sua matrícula na escola tinha sido trancada.

- Acho que eu precisava ficar sozinha por um tempo para organizar as coisas. E depois voltei para Nova York. - Ela tirou uma mecha de cabelo de trás da orelha e brincou distraída com ela, dando um sorriso triste. - É uma longa história. - Uma história que nem ela compreendia e que ela não contou a ninguém.

Será verdade?

Serena olhou por sobre o ombro de Henry para a multidão de convidados: alguns seminus tomando banho de sol, outros dançando totalmente fora do ritmo da música. E lá estava Blair, tomando outro Bloody Mary e sorrindo timidamente para Nate, que se agarrava a uma cerveja,

sorrindo feito um idiota. Serena olhou novamente para Henry. Era como uma dobra do tempo: Blair e Nate completamente esquecidos dela e Henry encarando-a com devoção do outro lado da mesa, como se nada tivesse mudado.

- Sabia que é minha festa de aniversário? - disse ela por fim.

- Acha que não sei disso? - Henry estendeu o braço e pegou a mão dela com os dedos meio calejados de músico. Foi por isso que eu vim. É nosso aniversário -. - Serena engoliu em seco.

Feliz aniversário!

## ***nos bastidores***

- Agora estamos dentro do aviário. - Vanessa praticamente gritava para ser ouvida em meio aos gorjeios e gritos das aves de cores vivas que rodavam freneticamente pelo espaço envidraçado. Vanessa estabilizou a câmera e virou para ter uma panorâmica completa do ambiente enorme e cheio de plantas. Aves de todas as cores, do amarelo gema ao azul Tiffany e vermelho Bloody Mary, tremulavam com as asas aparadas, pulando de galho em galho numa tentativa patética do vôo que nunca mais fariam de novo. - Me disseram que é aqui que Bailey Winter faz a maioria dos esboços preliminares - continuou Vanessa. - Na realidade, os que conhecem bem seu trabalho podem reconhecer as cores da mais recente coleção de alta costura. - Ela apontou a câmera para um passarinho que piava nos galhos de uma bananeira num vaso.

A imagem parecia tão viva - as aves coloridas girando e flutuando por todo lado no aviário de teto alto, o sol se derramando em grandes fochos de luz. A composição era impecável, simétrica e, no entanto, dinâmica. Ela começou a planejar mentalmente toda uma série de documentários sobre o processo de criação de diferentes artistas. Talvez fizesse um sobre Dan e realmente capturasse a vida do escritor. E um de Ken Mogul, para explorar como era ser um cineasta famoso em todo o mundo.

E um esquisitão.

A mesa de cana-da-índia com tampo de vidro estava cheia de folhas de papel rabiscado, lápis e taças de martíni pela metade. Vanessa foi até a estação de trabalho e focalizou a lente em alguns esboços inacabados.

- Daqui a alguns meses estes desenhos a lápis terão sido transformados em chiffon e seda. - Vanessa tentava ao máximo se lembrar dos nomes dos tecidos que ouvira Blair mencionar durante sua curta vida de colegas de apartamento. - Pense só nisso: agora mesmo estas idéias são apenas rabiscos, mas logo poderão estar andando pelo tapete vermelho da noite do Oscar.

Vanessa ajustou o foco para capturar com mais clareza os desenhos de traço fraco.

- E agora vemos, ainda mais claramente, como funciona o processo de criação do estilista Bailey Winter. Começa com alguma coisa simples, como a cor de uma plumagem. Depois de alguns esboços a lápis e alguns martínis ... - Ela parou, porque na verdade não fazia idéia de como descrever vestidos ou moda, ou se chiffon era realmente o nome de um tecido. Será que era uma sobremesa? -A única coisa que não posso lhes mostrar é o que existe dentro da mente do

estilista. Este é o verdadeiro processo de criação. - *Ou o verdadeiro processo de embriaguez.* Ela apontou a câmera para a tropa de taças pela metade.

- Ai. Meu. Deus.

Vanessa girou o corpo, instintivamente escondendo a câmera nas costas.

Êpa.

- Mas *o que* você está fazendo aqui? - Bailey bateu a porta de vidro para evitar que alguns de seus preciosos pássaros escapassem para o jardim. - Vanessa, Vanessa - cacarejou ele, parecendo exatamente uma galinha. - O aviário é estritamente proibido. *É* aqui que venho pensar e me inspirar! Você vai perturbar o equilíbrio da energia criativa simplesmente com sua presença aqui!

É claro! O equilíbrio de energia!

- Por favor, querida, recue um pouco. Os desenhos, não.

Ninguém pode vê-los antes de eu terminar os esboços preliminares.

- Desculpe. - Vanessa recuou claudicante, tentando parecer arrependida. Um periquito pintado de azul-claro passou grasnando violentamente por seu ouvido. - Acho que só estava tentando me sentir à vontade. Sabe como é, como você sugeriu.

- Bom, uma coisa é ser uma boa hóspede, outra é a mera intrusão. - Bailey fez uma carranca, abraçando os papéis no peito e protegendo-os da vista de Vanessa. - Pode ir ao lugar que quiser na propriedade, *menos* este aviário. É meu espaço sagrado, meu bem. Eu fico espiritualmente nu quando passo por estas portas.

Bom, desde que ele *literalmente* fique com as roupas ...

- Terei mais cuidado no futuro -prometeu-lhe Vanessa, afastando-se lentamente, ainda mantendo a câmera escondida nas costas.

- Sim, sim, sei que terá - respondeu Bailey, voltando a colocar os papéis na mesa, mas abrigando-os com os braços gorduchos e esticados. - Está tudo perdoado.

- Tá legal, então eu vou andando. - Vanessa se virou rapidamente e começou a sair do aviário.

- Aaaaaaaiiii! - O grito de Bailey provocou um frenesi nas aves. De repente, centenas de estorninhos assustados dispararam para a segurança, voando para o teto ao máximo que permitiam as asas aparadas.

- Sim? - perguntou Vanessa, ainda tentando esconder a câmera nas mãos.

- I-i-isso é ... uma *câmera*? Mas que observação brilhante.

- Bailey, eu posso explicar. - Vanessa sentiu o rosto ficar vermelho. - *É* que eu esperava, quer dizer, eu só estava interessada, eu precisava, sabe como é, eu queria documentar o processo de criação, como as idéias por trás, e o que faz parte, quer dizer, toda a história de ...

Bailey saltou da cadeira e ficou de pé, tremendo, encarando Vanessa.

- Diga. Eu preciso saber ... Você? Não. Quer dizer, você *não filmou* aqui, não é? -

Humm,não? Boa defesa.

- Estes desenhos são altamente confidenciais! Ah, minha nossa. Meu Deus. Sabe o que aconteceria se eles vazassem? Sabe quanto as pessoas pagariam para ... Bom, não sei quanto, mas elas pagariam muito para dar uma olhada, para ter só uma *pista* do que planejo para as próximas

temporadas.

Eu simplesmente não posso me arriscar com a concorrência. - Ele parecia estar a ponto de desmaiar. - Ah, meu ...

- Bailey, eu prometo, eu não ia vender seus segredos nem nada disso. Sou só uma cineasta, sabe como é, e pensei que seria um ótimo tema para um documentário. - Vanessa sorriu para ele, cheia de esperança. Uma arara cor de lima pousou no ombro dele e Bailey a enxotou. - Talvez eu deva ir embora ... - sugeriu Vanessa, preocupada de repente que Bailey exigisse que ela entregasse todo o filme que fizera nos últimos dias.

- Sim, vá para o seu quarto. - Bailey parecia estar à beira das lágrimas. - Preciso de um momento para organizar os pensamentos. Vamos discutir o que fazer sobre seu comportamento no jantar.

- Tudo bem. - Vanessa franziu a testa. Será que ele *realmente* a estava mandando para o quarto? Isso não aconteceu com ela ... Bom, nunca. Ninguém na vida mandou Vanessa Abrams para o quarto! Ela ia para o quarto, ia sim; ia para o quarto fazer as malas. Com ou sem documentário, já estava cheia dos Hamptons e dos absurdos de Bailey, tinha o suficiente para a vida toda. Quanto ao jantar, bom, se tudo corresse bem, a essa altura ela estaria segura em um trem a caminho de Nova York e do único lugar em que se sentia em casa: o apartamento de Dan Humphrey.

O lar é onde está seu coração!

## ***aquelas três palavrinhas***

- Mais uma dose?

Blair sacudiu a cabeça e apontou as orelhas para indicar que não conseguia ouvir bem Nate com o rugido da festa, que se tornara consideravelmente mais animada à medida que o dia terminava. O sol da tarde ainda estava alto, mas os convidados estavam quentes, famintos e bêbados. Erik preparara prestativamente o enorme grill a gás e despachou os convidados ainda meio sóbrios para o mercadinho. Aquele cheiro distintamente de verão do churrasco vagava pelo ar, deixando a cabeça de Blair tonta.

Ou talvez fossem os quatro Bloody Marys. Nate se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

- Perguntei se queria outra dose. Quer alguma coisa? Seu hálito quente pinicou o pescoço de Blair e ela fechou os olhos para manter a sala estável.

- Vou ficar só com um copo d'água.

- Tranquilo. - Nate a pegou pelo braço, levou-a para a biblioteca e a sentou no sofá de camurça marrom antes de ir à cozinha pegar a bebida.

Blair bocejou. As longas viagens de carro sempre a deixavam sonolenta, e a noite anterior não foi exatamente repousante, mesmo que eles basicamente tenham dormido por 24 horas. Como Blair poderia dormir com Nate respirando bem ao lado dela a noite toda? Sempre que queria se virar ou arrumar os travesseiros, ela não conseguia, não se para isso tivesse que soltar a

mão de Nate. Ela fechou os olhos, pensando nisso.

- Ei, bela adormecida. - Blair sentiu um par de lábios macios roçando a testa. Ela sorriu, mantendo os olhos bem fechados. Parecia ter passado uma eternidade desde que sentira esses lábios no rosto. Mas quando finalmente abriu as pálpebras pesadas, Blair ofegou. Os lábios não pertenciam a Nate, mas a Erik van der Woodsen. Sua face sorridente assomava acima dela. Um príncipe lindo, mas não o príncipe certo.

Príncipes demais, tempo de menos ...

- ai, Erik. - Blair pegou uma almofada próxima e a abraçou no peito. Ele era igualzinho a Serena, só que era homem. Do cabelo louro ao andar despreocupado de "tudo está bem no mundo" e à ruguinha engraçada que se formava no canto do olho quase azul-marinho quando ele sorria. Parecia que o lance deles fora há um milhão de anos.

Falou a voz da experiência.

- Que correria. - Erik se jogou ao lado dela, passando o braço comprido no encosto do sofá. Ele suspirou fundo. Essa festa está tão descontrolada que nem tive a chance de falar com ninguém.

- Sinal de que é uma boa festa - observou Blair sonolenta. Ela olhou a porta aberta, procurando por Nate, mas ele fora engolido por todos os convidados que esperavam para pegar mais bebida no bar.

- Cara, quer dizer, nem vejo você desde, sei lá, foi naquela vez em Sun Valley? - Blair percebeu que as palavras dele estavam começando a se embaralhar. Ele estava ainda mais arrasado do que ela.

- Acho que sim - respondeu Blair distraída, embora eles tenham se visto de passagem na formatura dela e de Serena na Constance Billard só há algumas semanas. Não parecia valer a pena lembrar disso agora. - Na verdade, ela só conseguia pensar em sair dessa conversa, e não prolongá-la.

Minha nossa, como os tempos mudaram.

- Você está tão bonita. - Ele afagou o cabelo de Blair com a mão bronzeada e sorriu para ela de porre e meio sugestivamente.

- Aqui está a sua água. - Nate apareceu aparentemente do nada, estendendo uma garrafa de Pellegrino gelada.

Blair se sentou um pouco mais reta. Seu cavalheiro na armadura reluzente. Ou calça cáqui desbotada.

- E aí, Nate? - balbuciou Erik, inclinando-se para Blair. - Está se divertindo?

- É, muito - concordou Nate. - Mas acho que está todo mundo com fome. Aqueles caras voltaram do mercado, mas não conseguem descobrir como acender o grill.

- Eu sou o mestre do grill, cara. - Erik se levantou e bocejou, esticando os braços. - Blair, a gente se vê depois? - Ele deu um tapinha no ombro de Nate e desapareceu porta afora, entrando na multidão.

- O brigada por isso. - Blair bebeu ansiosamente a água gelada.

Nate sorriu.

- Ele tá um trapo. Parecia que você precisava ser salva. *Você sempre vai aparecer para me salvar?* Ela quase disse isso em voz alta quando pensou. Era uma frase de *Breakfast at Fred's*. Ela repassou o texto com Serena tantas vezes que decorou o roteiro todo. No filme que era a vida dela, Nate era o lindo protagonista que sempre surgiria do nada para resgatá-la.

Ele se acomodou no sofá - ainda quente do corpo pesado de Erik - e pegou o isqueiro no bolso, que ele acendeu preguiçosamente. Ele estreitou os olhos verdes de pontinhos dourados, concentrado; um gesto que Blair sabia que significava que ou ele estava imerso em pensamentos, ou chapado de *marijuana*. Por fim, ele olhou para ela, encontrando seu olhar. Blair ficou surpresa ao sentir a respiração presa em sua garganta.

- Acha que de repente a gente pode subir ... E ... - ele parou.

- Subir? - Ela tomou um gole de água. Estivera com Nate um milhão de vezes, conversara com ele um milhão de vezes, beijara Nate um milhão de vezes. Não havia nada de novo nisso, e no entanto alguma coisa parecia completamente diferente.

- É - murmurou ele, riscando nervoso o isqueiro. Pensei que de repente a gente podia subir e ... conversar?

- Conversar - repetiu ela. A música mudou de alguma coisa da banda Clap Your Hands Say Yeah para "Hey Ya". Embora a música fosse totalmente antiga, a casa começou a tremer com toda aquela gente dançando do lado de fora e na sala dos van der Woodsen.

- Eu só ... - começou ele, acendendo o isqueiro de novo.

-Eu ...

Blair de repente se levantou e pegou a mão de Nate, puxando-o do sofá. Ela realmente queria ouvir o que quer que ele estivesse tentando dizer, e ela queria ser capaz de ouvi-lo. Ela puxou Nate da biblioteca e pela sala abarrotada, segurando sua mão para não perdê-lo no meio da turba. Blair passou por Serena no pé da escada sem dizer nada. De todas as pessoas do mundo, ela compreenderia. Blair estava a meio caminho na escada ampla de mogno encerado quando sentiu Nate parar atrás dela.

- Que foi? - perguntou ela, virando-se.

- Eu ... Eu ... Tenho que dizer uma coisa - gaguejou Nate.

- Lá em cima - insistiu ela, puxando o braço de Nate.

Ele não cedeu, então ela se virou de novo, olhando para ele do degrau mais alto. Eles estavam quase da mesma altura. - É só que ... - gaguejou Nate. Depois ele levantou a cabeça e encontrou o olhar dela. - Eu amo você - sussurrou ele por fim.

*Até que enfim.*

## ***espere até a meia-noite***

- Eu amo você.

A voz era inconfundivelmente a de Nate e as palavras eram claras como o dia para ela,

mesmo com a gritaria da garota caipira e hippie que girava agitando os braços com "Hey Ya" ao bater as trancinhas compridas com cheiro de óleo essencial na cara de Serena.

Ele amava Blair.

Serena nunca adivinharia que Nate Archibald estivesse em contato tão íntimo com suas emoções, mas ela sabia que era verdade - ele amava Blair. Ela vira os olhares expressivos que Nate e Blair trocaram desde a saída ousada da casa de Bailey Winter. E no dia anterior, o modo como Blair tinha se espremido entre eles quando os três foram para a cama tinha sido tão *óbvio*. Serena sentiu o estômago afundar, como quando a estrada cai debaixo do carro mais rápido do que você esperava: era o aniversário *dela* - quer dizer, quase - e era a festa *dela* - quer dizer, tecnicamente. Era ela quem merecia um pouco de amor e carinho, não era?

Ela hesitou. Empoleirada entre a parede com papel delicado e um relógio do vovô enorme, Serena tinha a cobertura perfeita para observar um pouco.

Espionar?

Ela olhou de trás do relógio e viu Nate e Blair na escada, fitando-se nos olhos de forma intensa e silenciosa. Depois Blair entrelaçou os dedos nos de Nate e os dois desapareceram escada acima, entrando à esquerda no patamar. Estavam indo para a suíte master dos pais de Serena. Serena fechou os olhos, abrindo caminho pela multidão até o bar. Sempre haveria uísque, Henry e cigarros. Não necessariamente nesta ordem.

- Aqui está você. - Serena cambaleava um pouco mas manteve o aperto firme no copo de cristal que enchera, de novo, com o uísque Oban da garrafa do pai que ela escondeu do resto dos convidados. Era o aniversário dela e a casa dela, por que não poupar as coisas boas para si mesma?

- Serena. -A voz familiar de Henry cortou a noite. Parecia um abraço só saber que ele estava perto. Ele era tão lindo e talvez ainda a amasse ...

E talvez ela só estivesse um pouco *bêbada*?

Alguém conseguira acender uma fogueira no jardim dos fundos dos van der Woodsen, e Henry e três caras que Serena não reconheceu estavam em volta, aquecendo-se na noite surpreendentemente fria de verão. A não ser pelas chamas bruxuleantes e as estrelas no alto, a noite estava escura. Era um tipo de escuridão reconfortante e familiar. Serena passou muitas noites de verão aqui, como a noite em que fugiu de Henry.

Andei procurando por você. - Serena se acomodou ao seu lado, em um dos bancos de pedra baixos que cercavam a fogueira. Ela usava calças Seven cortadas e velhas e ele ainda estava com o calção de banho. Os joelhos nus dos dois quase se tocaram.

- Bom, você me achou. - Ele usou a minúscula ponta do cigarro que estava fumando para acender outro.

- É sua festa de aniversário, né? - perguntou um dos outros caras, que Serena reconheceu como um dos colegas do ano de calouro do irmão na Brown, embora não conseguisse lembrar do nome.

- Meu aniversário é amanhã. - Serena olhou o relógio Chanel fino. -Em aproximadamente 97 minutos, na verdade. E é também o Dia da Bastilha.

- *Vive la France*. - Henry ergueu a garrafa de tequila Corzo e bateu no copo dela.

- *Vive la France*. - Serena recuou o copo, secando o uísque num gole só. - Senti sua falta - acrescentou ela, embora fosse quase uma inverdade. Assim que voltasse a Nova York, ia se esquecer completamente de Henry.

- Senti sua falta também. - Henry abriu a garrafa e serviu o copo dela e o dele, depois passou a garrafa para a esquerda. - Vamos ter nossa própria festinha pré-aniversário.

Serena olhou as estrelas cintilantes no alto. Tudo em volta dela a levava de volta a um ano antes e depois a dois anos antes, quando tudo foi tão diferente mas também exatamente igual. Ela virou a cabeça, encontrando o olhar de Henry. Queria que ele a distraísse de novo. Precisava que ele a distraísse para ela poder tentar esquecer o que devia estar acontecendo neste exato momento na cama dos pais.

- E o que acontece à meia-noite? - perguntou ela, cheirando a tequila, insegura.

- À meia-noite? - Henry bateu o copo no dela e atirou a bebida na garganta. - É quando você ganha seu presente.

Se ela conseguir ficar acordada até lá.

## *love is in the air*

- Está tudo bem aí, rapazes? - Rufus Humphrey meteu a cabeça de cabelo doido na sala. - Querem que eu traga mais alguma coisa? Tenho uma pasta de amêndoa e lentilha no liquidificador.

- Não, Sr. Humphrey, já está sendo gentil demais! Greg sorriu graciosamente e se virou para Dan. - Seu pai é uma peça.

Dan respirou fundo e usou o controle remoto para aumentar o volume da televisão velha dos Humphrey, sintonizada em um documentário sobre os Beats. Embora não se lembrasse disso, ao que parecia ele estendera um convite de bêbado para Greg ver TV com ele.

Quem sabe o que mais ele propôs naquele porre?

- Humm. - Dan colocou pipoca na boca, pensativo e ansioso para ter o que fazer com as mãos. - Obrigado por trazer isso.

- Tudo bem. - Greg estendeu o braço para a tigela de plástico, os dedos roçando a mão de Dan ao pegar um punha do. - Você falou que seu pai não é muito de cozinhar, então pensei que devia estar preparado.

*Eu falei isso?*

- É, bom, foi uma boa idéia. - Dan riu nervoso, percebendo agora que o pai tinha exposto o monstruoso vaso de pênis numa estante repleta de livros. A tinta da sala esfarelenta parecia particularmente manchada de umidade.

- *In vino veritas*. - Greg riu.

Dan reconheceu a expressão em latim que sugeria que é mais provável que as pessoas digam o que realmente sentem quando estão bêbadas. No *vinho está a verdade*. Seu pai dizia isso o tempo todo antes de virar uma garrafa inteira de Merlot.

- Cara, olha só o Kerouac. Ele é tão ... eletrizante - observou Greg.

Dan examinou os escritores famosos na tela bruxuleante.

Ele era eletrizante, não era? Ele era quase ... bonito. Seria totalmente gay pensar assim? Dan sentiu o estômago oscilar. Havia alguma coisa de desagradavelmente familiar nesta cena: sentado no sofá, o calor e o peso de outro corpo ao lado do dele, um documentário intelectual na tela. Do que é que isso o lembrava?

Do quê? Ou *de quem*?

Dan podia ser totalmente sem noção, mas sabia o que viria a seguir: as luzes seriam reduzidas, a televisão ficaria viva com histórias de escritores farristas e foras-da-lei levianos, a noite era quente, o sofá era aconchegante: só havia uma maneira de isso terminar e era com uma sessão de amassos.

*Mais uma* sessão de amassos, para ser mais específica.

- Não consigo enxergar muito bem. E você? - Dan estendeu a mão à esquerda e ligou o abajur de cerâmica lascado da mesa, ajudando a quebrar um pouco o clima de romantismo na sala.

- Agora dá para ver você melhor. - Greg sorriu maliciosamente para Dan.

- Tá. - Dan tirou a tigela de plástico imensa do colo e a colocou no pequeno espaço entre ele e Greg. - Isso vai facilitar seu acesso - explicou ele.

Dan deu tapinhas ansiosos nos bolsos. Estava morrendo de vontade de fumar ... Mas ousaria se arriscar a isso? Dan tinha certeza absoluta de que não havia nada mais sexy do que fumar: a pequena explosão de chama ao riscar o fósforo, o exalar langoroso de longas nuvens de fumaça. Ele não queria mandar a mensagem errada a Greg.

Ah, é, todos nós adoramos bafo de cigarro. Ou não. Houve alguns minutos de silêncio durante os quais Dan tentou se concentrar na televisão, mas não conseguia parar de controlar cada movimento de Greg com a visão periférica. Greg ficava passando a mão no cabelo curto e macio, e mordendo o lábio inferior meio rachado.

- Não gosta do filme? - Greg flagrou Dan olhando. Ele pegou o controle remoto e abaixou o volume o bastante para que a televisão não passasse de um ruído de fundo no ambiente. - Não, não, não é isso - gaguejou Dan. - Eu só estava ...

Pensando no que devemos fazer na próxima reunião do salão. - Acho que podemos abordar os Beats. - Greg levou o pé para cima do sofá e pousou o queixo nos joelhos. Tinha uma camada de pêlos louros no rosto que pareciam macios.

- A gente pode até exibir esse documentário ... Quer dizer, se você quiser.

Dan olhou o filme em preto-e-branco de alguns poetas sem camisa bebendo garrafas de cerveja e fumando cigarros. Ele assentiu, infeliz. Não tinha utilidade nenhuma lutar contra o destino, não é? Agora ele era gay - para onde quer que se virasse, via sinais do universo lhe dizendo para continuar. Então por que não conseguia simplesmente passar o braço pelos

ombros de Greg e se aninhar em seu pescoço? Não parecia errado, mas também não parecia lá muito certo.

- Kerouac! Meu Deus, não fica cada vez melhor? - Ao que parecia, Rufus Humphrey tinha entrado na sala sem ser visto. Estava de pé atrás do sofá, bafejando em cima da cabeça dos dois.

Graças a Deus existem pais enxeridos.

Rufus inclinou-se para sussurrar no ouvido de Dan.

- Era uma época diferente, posso dizer. Não tínhamos respeito algum pelas regras nem por definições rígidas de sociedade. Nós simplesmente ... existíamos. Sabe o que quero dizer?

- Parece incrível- concordou Greg, inclinando-se para mais perto de Dan. Ele tinha cheiro de pipoca e detergente de lavanderia. Um cheiro delicioso. De uma forma nada gay.

- Pai! Senta aqui com a gente! - Dan se afastou, agarrando o braço do sofá como se fosse um salva-vidas. Ele pegou a tigela de pipoca e deu um tapinha no vazio que ficou no sofá. - Tem muito espaço para mais um!

- É mesmo? - exclamou Rufus. Depois, num movimento surpreendentemente gracioso para um homem tão grande, ele pulou as costas do sofá e pousou espremido ente os dois meninos.

- Não me importaria de fazer isso!

Dan soltou a respiração. Nunca na vida ficou tão feliz por ver o pai.

- É, assista com a gente. E talvez depois você possa nos contar todas as suas histórias sobre os bons velhos tempos.

Rufus olhou para o filho com desconfiança. Sua camiseta verde fluorescente estava apertada na barriga e enfiada num short de ginástica azul-marinho de Dan.

- Quer ouvir minhas histórias velhas?

- Mas é claro que sim. - Dan assentiu, todo animado. - Tenho certeza de que Greg também quer!

- Claro. - Greg assentiu educadamente.

- Sim, conte *tudo*. - Dan sorriu. As histórias do pai sempre eram intermináveis e absurdas. E não tinham nada de românticas.

## ***vamos transar***

- Então. - Blair soltou o ar sensualmente, a voz rouca e grave. Perdeu a conta de quantos coquetéis tinha tomado, mas agora se sentia totalmente sóbria. *Eu amo você. Eu amo você.* Ele a amava. Ela se recostou nos travesseiros Frette amarelo-claros na cama da tranqüila suíte mas ter dos van der Woodsen. A música que bombava no primeiro andar e os sons dos convidados bêbados do lado de fora eram silenciados pelo zumbido suave do ar-condicionado.

- Então. - Nate estava ao pé da cama, sorrindo excitado para ela. Seu rosto estava corado e os

olhos verdes cintilavam. Ele passou o peso do corpo de um pé para o outro, mais parecendo estar esperando numa fila do banheiro do que esperando para cair em cima dela.

Blair deu uns tapinhas no edredom macio de penas ao lado. - Vem pra cá - disse ela com um sorriso malicioso. Sim, mamãe.

Nate tirou os sapatos de lona cinza-azulados aos chutes e pulou na cama. Ele quicou para ver se o teto era alto o bastante para ele pular sem bater a cabeça. Depois começou a saltar como um louco.

\_ Pára! Pára! - gritou Blair. Ela ficou de pé e pegou as mãos de Nate, e eles pularam juntos como duas crianças dementes e gigantes.

Depois Nate parou de pular, sério de repente.

\_ E aí, hum, isso significa alguma coisa?

Blair segurava as mãos dele, balançando-as de um lado para outro.

\_ Se significa alguma coisa? - perguntou ela. - Que estamos juntos de novo?

Nate deu de ombros.

-É.

Blair corou mais uma vez, desta vez com mais intensidade.

\_ Bom, é melhor que seja assim, porque eu também amo você. \_ Nate sorriu e avançou um passo aos pulos para que o queixo roçasse na testa de Blair. Ela jogou a cabeça para trás. Os olhos verdes dele faiscaram. E depois ele a beijou.

Eles não tinham muito mais a dizer mesmo.



[gossipgirl.net](http://gossipgirl.net)

[temas](#) [◀ anterior](#) [próxima ▶](#) [faça uma pergunta](#) [respostas](#)

*Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

## ai, gente!

O destino não é engraçado? Você acha que tem algum controle sobre as coisas, acha que toma conta da sua vida, mas na verdade, o que é isso - todos simplesmente estamos à mercê do universo. Quer dizer, todos lemos nossos horóscopos, não é? E todos nós sabemos que existem pessoas que são simplesmente ... conectadas. Nem sempre isso faz sentido, mas não vale a pena combater. Então fico feliz em contar o flagra de um passarinho: B saindo da suíte master dos van der Woodsen para pegar

uma garrafa de água, vestida na camisa pólo verde-oliva de N (e nada mais). É só o destino, gente. Acostumem-se com isso.

Os e-mails pós-festa começam a chegar e parece que a festança foi tão acidentada quanto uma noite de gala do Costume Institute. Tirando os vestidos - ou qualquer roupa, aliás. Mas o assunto na boca de todos é a aniversariante e o rapaz que deveria ser o presente dela ... Então, meus fiéis leitores, tenho um teste para vocês:

Você esbarra numa antiga paixão. O que você faz?

- a) Adota um sotaque meio russo e cai de boca na vodca.
- b) Fica com o quase lindinho mais próximo - não há nada como uma nova paixão para deixá-lo com ciúme.
- c) Lembra dos velhos tempos ... E depois mostra a ele todos os truques novos.
- d) Liga para S e pede conselhos - ela já fez tudo, sabe de tudo!

É verdade: parece que não só N e B andaram se reencontrando, como S se reuniu com um velho amigo, H. Ou mais do que amigo: ele foi visto carregando-a para o quarto dela pouco antes do amanhecer. Aiiii. Que gracinha! Agora me contem a parte suja. Quem é ele e qual é a história? Estou morrendo de vontade de ter as respostas e eu sei que vocês também!

## seu e-mail

**P:** Cara GG,  
CaraGG,

Só uma resposta a seu AG: eu vi um conversível enquanto estava correndo de manhã. Estava estacionado numa entrada de carros de cascalho branco e parecia que tinha gente dormindo nele. Ai!  
- 5K

**R:** Cara 5K,

- Meus parabéns por obedecer a seu regime matinal e obrigada pela dica quente. Mas, como sempre, estou bem à frente no jogo. O trio errante foi localizado e estou completamente concentrada no que vai rolar. Vamos esperar que nossas belas adormecidas acordem antes de eles voltarem!  
-GG

## um conselheirinho de amiga

Como moradores de Nova York, estamos acostumados a acordar em nossas próprias camas. Você pode se divertir em qualquer lugar, a noite toda, e um táxi está esperando para levar você de volta à cobertura ou a sua casa. Mas no campo é diferente. Todo mundo simplesmente ... *dorme na casa dos outros*. Eu sei, seu

sei. Parece meio nojento - acordar numa casa desconhecida, muito provavelmente com uma ficada desconhecida babando no seu cangote. E sim, pode ser estranho ver todo mundo à luz implacável do dia, sem o benefício dos óculos escuros. Mas estou com um humor generoso (perai. quando é que não estou?) e tenho alguns conselhos a dar ...

### **cinco observações para a manhã seguinte**

- 1) As casas de veraneio têm os melhores banheiros. Tome um bom banho quente e sinta-se à vontade para levar um amigo. O chuveiro é grande para dois, e dividir é cuidar!
- 2) Sim, você está um horror. Então fique à vontade para pegar alguma coisa emprestada da anfitriã. Mas se pegar alguma calcinha, fique com ela. Será nosso segredo.
- 3) Dor de cabeça? Tome o espumante que sobrou e coloque um pouco de Kahlúa na cafeteira espresso. Pode ser que a festa recomece.
- 4) Sirva-se dos produtos de beleza da dona da casa. As mães sempre têm os melhores cremes para os olhos.
- 5) Ainda não se sente melhor? Pode haver algum Motrin de tarja preta sobrando no armário do vovô. Ei, ressaca *dói*

Muito bem, crianças, hora de eu aceitar meu próprio conselho e segui-lo com um mergulhinho na piscina. Que piscina? Ah, você não gostaria de saber?

Pra você que me ama,

**gossip girl**

## ***depressão de aniversário***

- Parabéns para mim. - Serena sussurrava, a voz rouca e áspera. Ela deslizou para fora da amarfanhada cama de dossel e bocejou miseravelmente. Tinha acordado a noite toda, incapaz de ter um sono profundo com Henry aninhado ao lado dela. As palavras de N ate ficavam se repetindo em sua cabeça. *eu amo você, eu amo você, eu amo você.*

Colocando os pés nos chinelos de borracha rosa-choque, ela se arrastou para o banheiro. Não havia necessidade de ir na ponta dos pés - Henry roncava sonoramente e ela podia até fazer uma rotina de aeróbica na cama que não o acordaria.

O corredor estava silencioso e o sol claro de início de manhã aparecia através das janelas enormes. Ela parou por um tempo junto à vidraça, olhando a vista: o trecho de gramado amplo, o brilho calmo da piscina, o céu azul claro sem uma sugestão sequer de nuvem. Seria outro dia lindo, mas de algum modo o belo clima só a deixava ainda mais infeliz.

Quem poderia saber que no fundo a moça tinha um veio dramático?

Envolvendo-se nos braços nus, Serena desceu a grande escada principal até o saguão de piso de mármore, olhando os danos da festa: copos de vidro com os restos pegajosos de coquetéis quase acabados enfileirando-se na mesa da entrada, pontas de cigarro amassadas no chão, pratos de papel abandonados cheios de hambúrgueres semi consumidos espalhados de qualquer maneira na mesa de centro. Indo para a sala, ela olhou os convidados recostados e dormindo apaticamente nos sofás de couro, as garrafas de bebida vazias deitadas ao lado deles.

Só espero que a empregada venha hoje!

Ela examinou as caras dos convidados adormecidos dormindo e tranqüilos, e no entanto sem saber da ressaca horrenda que os esperava em seu futuro imediato. Todo mundo parecia tão doce e inocente. Só algumas horas antes, todos tinham feito um coro de porre de "Parabéns pra você". Ela fingiu não perceber como eles murmuravam quando tinham que dizer seu nome. Além de Erik e Henry, as únicas pessoas na festa que sabiam seu nome estavam ocupadas demais no segundo andar para cantar.

Ela achou um copo limpo na cozinha e o encheu de água gelada, bebendo ansiosa para tirar o gosto de bafo matinal da língua.

Nham.

Subindo na bancada, ela ficou empoleirada ali por um tempo, sentindo-se a última pessoa viva depois de uma bomba nuclear ou outro desastre. Mas o silêncio ajudou a clarear sua mente. Hoje era seu aniversário de 18 anos, mas ela não estava pensando no que ia fazer. Pela primeira vez em muito tempo, não conseguia parar de pensar no passado.

Todo mundo sempre achava que ela era tão despreocupada quanto aparentava, mas a verdade era que ela atuava *mesmo*. Pelo menos, de vez em quando. Afinal, até ela ficava um lixo quando chorava. E, naqueles primeiros dias na Hanover, ela chorou *muito*.

Ela pulou da bancada e voltou à biblioteca, abrindo as muitas gavetas da escrivaninha de madeira do pai até encontrar papel de carta. Depois, em vez de se sentar na cadeira gigante de couro, ela se meteu debaixo da mesa. Era um de seus esconderijos preferidos quando era pequena. Escuro, aconchegante e seguro, com o cheiro úmido de madeira antiga. Ela puxou a cadeira giratória para ficar completamente escondida e começou a escrever. Depois de dizer tudo o que precisava, tinha enchido três páginas do papel Crane marfim.

Saindo do esconderijo, Serena colocou as folhas num envelope e o selou com duas lambidas. Rabiscou um nome na frente e depois, andando rapidamente para não perder o ímpeto nem pensar duas vezes, ela saiu correndo da casa e foi para a entrada de carros. Dezenas de carros estavam estacionados no meio do gramado, mas foi fácil localizar o Aston Martin verde, a capota arriada, cheio de orvalho e cintilante na luz cinza-dourada da manhã. Ela andou até ele decidida, abriu o porta-luvas e deixou o envelope ali, de cara para cima.

Alguém ia ter uma grande surpresa.

### **Air Mail - Par Avion - 14 de julho**

Querido Dan,

Caraca - que baita novidade! Quem sabe não podemos fazer compras juntos quando eu voltar? Ou patinar no gelo? Agora você gosta dessas coisas?

Estava falando com a mamãe sobre isso e ela disse que, quando você era pequeno, sempre se escondia no armário dela, experimentando os vestidos de lantejola dos anos 1970. Não é engraçado? Meus parabéns por finalmente assumir!

Eu te amo !

Jenny

### ***a gata pegou o trem da manhã***

- Cheguei em casa - sussurrou Vanessa ao entrar rapidamente no grande apartamento de Dan no Upper West Side. Ela colocou com cuidado a mochila em uma poltrona cheia de casacos de inverno, embora fosse verão. Eram só 8h e não parecia justo acordar a casa toda só para anunciar seu retorno sem dúvida nada triunfante. Quantas vezes entrou de fininho ali? Era basicamente o único lugar que tinha no mundo que podia chamar de casa, e já precisara se retirar para lá um número perturbador de vezes nas últimas semanas: primeiro, depois de ser expulsa sem a menor cerimônia do apartamento em Williamsburg, em seguida depois de ser demitida de seu primeiro emprego de verdade em *Breakfast at Fred's*, e agora depois da fase curta como babá descuidada e então musa insípida de um Bailey Winter loucamente entusiasmado.

Que verão!

- Quem está aí?

Meio assustada ao ouvir a voz de Dan - pelo menos *parecia* a de Dan - tão cedo de manhã, Vanessa pestanejou no corredor ainda escuro.

- Dan? Sou eu. Vanessa.

- Vanessa - murmurou Dan com tristeza. Estava mais pálido do que o de costume e as bochechas tinham uma sujeira de barba irregular, como se ele tivesse começado a se barbear e depois tivesse mudado de idéia. Círculos cor de berinjela contornavam seus olhos e ele estava agarrado a um cigarro como se tivesse se esquecido de acender e depois esquecido de que estava ali.

Caraca - alguém realmente não é uma pessoa matinal. - Dan? Você está tão ... - ela parou, vendo seu cabelo oleoso e grudado de sujo. De repente ela foi dominada pela sensação de querer levá-lo para o banho e preparar um mingau de aveia para ele. Vanessa saltou para a frente, pegando-o nos braços. Ele tinha cheiro de cigarro rançoso e suor, mas por algum motivo Vanessa ainda achava isso reconfortante. Mas assim que ela se aproximou um pouco mais, cheirando seu pescoço mal barbeado, ele se afastou de seu abraço. - Você está bem? - perguntou ela preocupada.

- Não sei. - Dan colocou o cigarro apagado no canto da boca e bateu nos bolsos. - Não consigo encontrar meu isqueiro. - Ele parecia quase à beira das lágrimas.

- Seu isqueiro? - Não parecia ser este o único problema. Coitado do Dan, às vezes ele levava a imitação de Keats meio longe demais.

- Não importa. - Dan tirou o cigarro da boca e o colocou atrás da orelha, onde uma massa de seu cabelo sujo e pegajoso o manteve no lugar. - Vou fazer um café. Quer?

Na verdade, só o que ela queria era desmaiar na cama, possivelmente com Dan, mas ele estava agindo de um jeito totalmente estranho. E além disso o cheiro dele era estranho.

- Um café seria ótimo. - Vanessa colocou o braço delicadamente nos ombros de Dan, como se ele fosse um bichinho delicado que precisava de conforto. Ela o levou para a cozinha pelo corredor cor de arroz integral. - De repente *eu* posso fazer, e você só fica sentado lá e me conta por que está tão mal.

Dan se arrastou pelo corredor atrás dela, mas nem tinham chegado na cozinha quando as palavras saíram dele num rompante.

- Deixei aquele cara que conheci na Strand me beijar.

Criamos um salão juntos. Eu sou gay. Meu pai disse que fez umas coisas de gay quando saía com poetas naquela época, mas eu ... Eu sou gay de verdade.

Vanessa passou por ele e entrou na cozinha. Na bancada, ela abriu a tampa do vidro tamanho comercial de café Folgers. Dan se sentou à mesa velha de fórmica e afundou a cabeça nas mãos.

- Como assim, "criaram um salão"? - perguntou ela, ignorando totalmente a parte gay da equação. - Você é o Sr. Nunca cortei o cabelo. O que você sabe sobre salões?

Dan teve que sorrir.

- Não, um salão literário. Um *salão* - repetiu ele, com ênfase. Ele parou de sorrir. Meu Deus, ele parecia gay. - Teve um monte de garotas bonitas na nossa primeira reunião e elas estavam se beijando também. - Ele franziu a testa, totalmente confuso. - Mas eu beijei o Greg.

Vanessa colocou a água no microondas e a despejou em duas canecas que não combinavam, mexendo colheradas de café instantâneo. Ela tomou um gole e fez uma careta. Meu Deus, depois

do café maravilhoso que ela andou tomando nos Hamptons, o Folgers tinha um terrível gosto de xixi de cachorro.

- Deixa ver se entendi direito. - Ela tomou outro gole do café ácido e olhou a cozinha, passando os olhos pela montanha de pratos sujos e a tigela de bananas em decomposição até o banquinho frágil em que Dan se empoleirava miseravelmente. - Então ... Você é gay. Dan Humphrey. Gay. Não gay de feliz. Gay-gay. Gay do "tipo gosto de beijar homens". Vanessa ergueu em dúvida as sobrancelhas escuras.

- Eu não diria que *gosto* de beijar homens. - Dan franziu o cenho. - Mas beije.

Meu Deus. Ela só se afastara por três dias e Dan já havia conhecido outra pessoa. Mulher, homem, macaco. Parecia meio rápido demais.

- Bom, eu comi uma salada ontem. Não quer dizer que sou vegetariana.

- Não é assim tão simples. Recebi um postal da Jenny, que disse que minha mãe contou que eu costumava colocar os vestidos dela quando era criança. - Dan passou os dedos no cabelo, destruindo sem querer o cigarro que tinha colocado atrás da orelha só alguns minutos antes. - Que droga.

- É simples *sim*, Dan. Olha só, ou você é gay, ou não é.

Ou ... - Vanessa parou, pensando na terceira opção. - Ou é bi. Talvez seja isso. Você só está ... explorando. Descobrimo a si mesmo.

- Você acha isso? - A cara de Dan se iluminou por um momento. - Quer dizer, Greg é legal. Gostamos das mesmas coisas. Mas ontem à noite, quando ele estava aqui, eu pirei total. E não beije o cara de novo. Simplesmente não pude.

Parte de Vanessa ainda queria ficar irritada com Dan por ter beijado alguém enquanto ela estava, *ai*, considerando Chuck Bass um substituto para Dan, mas ela não conseguiu deixar de se comover com o estado patético de confusão dele. O franzido na testa parecia estar ali há dias e os ombros tombados de derrota a faziam querer levá-lo para o quarto e colocá-lo na cama como um bebê. E depois transar com ele.

Mas ela deixou essa idéia de lado por um instante. Dan era gay, ou talvez bi. Mas ele também foi um monte de outras coisas em épocas diferentes: uma sensação celebrada da literatura, um deus do rock por uma noite, um orador rebelde de formatura, um pirado em exercícios. Agora ele era gay. Esta fase não podia durar mais do que as outras, e quando ele se cansasse de ser gay ou percebesse que ser gay significava realmente beijar homens e não mulheres - ela em particular -, bom, ela estaria no quarto ao lado.

- Olha, Dan. - Vanessa despejou o resto do café amargo na pia abarrotada e deixou a caneca na bancada. - Você precisa parar de ser tão rígido consigo mesmo. Quer dizer, não há nada de *errado* em ser gay, há?

- Claro que não! Thomas Mann era gay. E ele ganhou o prêmio Nobel.

- É verdade. - Vanessa sorriu, satisfeita por ouvir Dan parecer um pouco mais com ele mesmo. Tão previsível, tão facilmente influenciado. Ele que tirasse essa história de gay do sistema; ela podia esperar. - Então ... eu adoraria conhecer esse gay, o Greg.

- É? - respondeu Dan, todo cético. - É mesmo?

- É. - Vanessa deu de ombros. Agora que Dan era gay, ela podia fazer coisas como sentar no colo dele, né? Ela decidiu tentar. - É mesmo - acrescentou ela, empoleirando-se no joelho ossudo de Dan. Dan passou os braços nela e enterrou o nariz entre suas omoplatas.

- Obrigado - disse ele, a voz abafada. -Você é minha heroína.

Ei, talvez ele *seja mesmo* gay.

## *lindo endereço de e-mail.amigo ...*

PARA: Song of Myself <undisclosed recipients>

DE: Greg P. <[wilde\\_and\\_out@rainbowmail.net](mailto:wilde_and_out@rainbowmail.net)>

Re: Próxima Reunião da Song Of Myself!

Caros amigos,

Espero que tenham gostado da reunião tanto quanto eu. Fico feliz em dizer que nosso primeiro encontro já resultou em alguns romances florescentes - uma conseqüência feliz de reunir tantos indivíduos de mente criativa. Espero podermos continuar a inspirar e animar uns aos outros em todas as nossas reuniões!

Para nosso próximo encontro, por favor, levem sua obra preferida de Shakespeare e vamos nos revezar para ler em voz alta. Mostre-me a sua que eu mostro a minha!

Com amor e pentâmetro iâmbico,

Greg

## *na estrada de novo*

- Encosta!

- Quê? - A única desvantagem do conversível do pai dele era que tornava uma conversa quase

impossível enquanto se dirigia. Nate virou-se e viu Blair apontando freneticamente para uma placa anunciando um daqueles mirantes bregas em que já havia algumas minivans estacionadas sob um abrigo.

Mas que té-di-o.

- Quer que eu pare? - Nate já estava reduzindo e encostando. Ele sabia muito bem que não devia discutir com Blair.

- Vai ser divertido. - Blair revirou a bolsa de palha Coach que encheu apressadamente e desenterrou uma câmera digital. - Roubei da casa de Serena. Espero que ela não fique brava demais.

Nate franziu o cenho à menção do nome de Serena. Ele ainda se sentia meio culpado por escapular da casa dela sem se despedir - e no aniversário dela. Blair o convencera de que Serena não ia querer ser lembrada por um telefonema de manhã, fosse ou não seu aniversário, e era provável que ela nem tivesse ido para a cama sozinha. E aquela era a casa dela, então eles não a largaram no meio do nada.

Diga o que quiser, se precisa se convencer.

Antes mesmo de Nate desligar o carro, Blair já havia saído de seu banco e pulado para o murinho de pedra que separava a área de estacionamento da queda drástica em um vale profundo e cheio de árvores. Ela estava com o menor short branco que ele já vira e ele deixava as pernas de Blair ridiculamente pegáveis. Ela pulou no murinho e fez um bico.

- Tire uma foto!

Sorrindo e excitado ao mesmo tempo, Nate se atrapalhou com o cinto de segurança e saiu do carro num rompante, contendo-se para não correr até o muro de pedra e enfiar as mãos por baixo daquele short minúsculo. Ele pegou a câmera da mão estendida de Blair.

- Diga giz.

Blair colocou a língua para fora e ficou vesga.

- Linda. - Nate riu para a Blair bronzeada, feliz e bonita na telinha de LCD.

Blair bateu no muro ao lado dela. - Tire uma de nós dois juntos.

Nate subiu no murinho e segurou a câmera na frente dos dois. Blair apertou o rosto macio no dele. O cheiro dela o deixou tonto e ele estendeu o braço livre para se equilibrar.

Cuidado aí, pegador.

- Quero que todo nosso verão seja exatamente assim. Blair passou o braço pelo dele e suspirou. - Nós dois, sozinhos no mar aberto. Sem gente, sem preocupações. Será perfeito. - Exatamente como no filme em reprise constante em sua cabeça.

Nate assentiu.

- Estou louco para sair no mar. - A imagem mental de Blair de biquíni, recostada no convés do *Charlotte*, o tomou. Até que enfim estava acontecendo. Começava o verão de verdade que ele queria ter, e tudo estava se encaixando. Dirigir para o nordeste naquela tarde tranqüila de verão, para o mar, para a liberdade, com Blair bem ao lado dele ... Nate podia sentir que saía de seus ombros o peso de todos os erros que cometeu no passado. Ele nunca roubou aquele Viagra do treinador; não teve o diploma suspenso; não ficou com Tawny; nunca passou pomada na tatuagem de Babs. Só tinha passado a noite com Blair e estava prestes a passar o resto do verão

com ela e talvez o resto da vida. Tudo estava como devia no Universo.

- Tá legal. Hora de dirigir. - Era quase como se Blair estivesse lendo sua mente. Ela pulou do muro, pegando a câmera da mão de Nate para ver as fotos que ele tinha tirado. - Só preciso dar mais uma parada. - Ele assentiu na direção do bangalô de concreto que abrigava os banheiros no acostamento.

- Mas seja rápido. - Blair lhe deu um beijo no rosto antes de pular no banco do carona.

Dentro do banheiro fedendo a química, Nate se concentrou no que aconteceria dali a algumas horas, quando eles enfim chegassem a seu destino. Ele fechou os olhos, imaginando Blair pulando na frente dele, na prancha e no iate, mostrando aquele short branco mínimo ao prosseguir.

Enquanto lavava as mãos, Nate sentiu o tranco conhecido do celular vibrando no bolso da bermuda cargo. Devia ser Blair, dizendo-lhe para se apressar. Ele sorriu. Algumas coisas jamais mudavam - como a impaciência de Blair. Ele discou a caixa-postal, esperando ouvir a mensagem sexy que ela deixara para ele enquanto secava as mãos. O telefone estava empoleirado precariamente entre sua orelha e o ombro e ele quase o deixou cair na pia quando, em vez de ouvir a voz maliciosa e alegre de Blair, ouviu o rosnado furioso do treinador Michaels.

“Archibald, não sei que diabos pensa que está fazendo, mas é melhor que esteja em seu leito de morte agora. Achou que minha mulher ia lhe dar cobertura? Pode esquecer, garoto. Ela disse que você estava fumando maconha na droga do sótão. Debaixo da droga do meu teto. Você pensa que eu estava blefando, Archibald? Vou ligar para o seu pai no minuto em que desligar esse telefone. Acabou, garoto. Nunca mais vai ver seu diploma. Vale? Não vai acontecer. Um grande erro, garoto, mexer comigo. Um erro dos grandes. E ainda não acabei com você.”

Nate terminou de secar as mãos na bermuda, depois pegou o telefone, martelando o botão que apagaria essa mensagem para sempre. Ele o colocou no bolso de trás e examinou seu rosto no espelho rachado. Tinha que dar o fora dali.

Falou como um verdadeiro foragido.

## ***a carta furtada***

- Oi, é a Blair. Só queria ligar e dizer, sabe como é, feliz aniversário. Desculpe a gente ter ido embora. Vou ligar mais tarde e contar tudo.

Fechando o telefone e atirando-o na bolsa, Blair se recostou no couro quente do banco e bateu o pé com impaciência. Por que estava demorando tanto? Quanto mais cedo pegassem a estrada, mais cedo chegariam ao *Charlotte* e mais cedo ela se esticaria no convés de madeira, tomando sol só de calcinha, bebendo limonada batizada e alimentando Nate com lascas de ostras cruas com os dedos. Era assim que ela pretendia passar cada minuto do resto do verão.

Não é um plano ruim!

Ela virou o retrovisor para examinar o rosto: seus olhos estavam brilhantes e claros, a

pele banhada de sol e impecável, o cabelo pontilhado de ouro. Ela sorriu para si mesma. Todo o estresse do verão tinha desaparecido: ela nunca iria a Londres com Lorde Marcus; não seria escada para Serena na estréia do filme; não veria Nate de mãos dadas com uma caipira brega de Long Island. Tudo estava como devia ser: ela e Nate, apaixonados, para sempre.

Blair mexeu preguiçosamente no som, mas Nate estava com a chave do carro no bolso, então ele não funcionou. **Impaciente**, ela abriu o porta-luvas. Ele revelou um envelope branco com um nome escrito numa letra que ela conhecia.

*Nate.*

- Mas o que é isso? - disse Blair em voz alta. Ela pegou o envelope. Por que Serena deixou um envelope para Nate? Olhando o banheiro para confirmar que Nate ainda estava lá dentro, ela passou a unha sob a aba do envelope. Abriu o papel e começou a ler os rabiscos maníacos de Serena.

*Nate: acabo defazer 18 anos ha algumas horas. Quando o relógio bateu, eu olhei em volta e não encontrei você. Sei que estava com Blair e, se vocês realmente estão felizes, então fico feliz por vocês. Como poderia não querer que alguém que você ama seja feliz? Mas esse é o problema) Nate ... Acho que eu amo você. Sei que parece loucura) e houve tantas outras vezes em que eu devia ter falado isso) mas só me ocorreu ontem à noite) e se eu não disser isso agora) quando é que vou fazer? É só que - sempre foi você. Já se perguntou por que eu voltei no putono passado? Ontem à noite) quando ...*

Blair parou no meio da frase, folheando impaciente os papéis, três páginas completamente cobertas da letra torta e grande de Serena. Seu coração martelava no peito. Não havia dúvida do que fazer. Ela olhou para os lados para confirmar que estava sozinha, depois saiu do carro e voltou ao mirante.

Com cuidado, rasgou a primeira página da carta ao meio, depois a metade em quartos, e continuou rasgando até que só o que restou foi um punhado de confete, que ela manteve na mão em concha. A brisa quente ergueu as tiras de papel de sua mão e as mandou numa chuva pelo vale. Ela fez o mesmo com as outras duas páginas e o envelope também, rasgando-o em pedacinhos para que a letra de Serena ficasse só uma confusão de formas sem significado, que o vento ergueu e mandou voando vale abaixo.

Blair voltou ao carro e pegou o celular na bolsa. Examinou o telefone por um momento. Deveria ligar para Serena? Dizer a ela que sabia tudo sobre a carta, que ela sabia como sua supostamente melhor amiga realmente se sentia com relação a seu namorado? Ou deveria só bancar a inocente, ignorar a piranha duas caras e se concentrar no verão perfeito que se estendia diante dela? De repente ela não se sentiu tão mal por fugir de Serena no aniversário dela.

Sério.

- Pronta para ir? - Nate deslizou para o banco do motorista, um sorriso infantil se abrindo na cara perfeita.

- Pronta. - Blair colocou o cinto de segurança. Apertem os cintos - vai ser uma viagem muito doida!

## ***antes tarde do que nunca?***

Mais uma vez Serena estava deitada na cama toda branca encarando o teto, tentando dormir, agora que finalmente admitia como se sentia. O teto estava marcado onde ela colocara, pouco antes de ir para a Europa, dezenas de estrelas que brilham no escuro, e ela contava as estrelas restantes pelas últimas três horas, desde que deixara a carta no Aston Martin. Ela perdia a conta e recomeçava. E talvez tenha dormido, ou talvez não. Henry se mexeu ao lado, colocando o braço em seu peito. Parecia pesado e sufocante. Ela já estivera neste exato lugar, exatamente um ano antes: apaixonada por Nate, mas deitada ao lado de Henry. Ela mesma admitia isso e tinha tirado o peso do peito, mas por que não conseguia dormir?

Andou pensando melhor?

Ela saiu da cama pela segunda vez naquela manhã e andou pelo corredor. No térreo, algumas pessoas colocavam garrafas na lixeira e sussurravam sobre a dor de cabeça. Do relógio do vovô embaixo ela ouviu que não era mais manhã: era exatamente meio dia. Ela arrancou a camiseta branca que vestia. Dizia BROWN em letras maiúsculas no peito e caía abaixo dos joelhos.

Ela nem sabia por onde estava andando até que chegou lá, mas logo se viu diante da porta fechada do quarto dos pais. Sabia que Blair e Nate estavam lá dentro. Provavelmente eles fizeram um forte com os muitos travesseiros enormes na cama, que Blair apelidou de Toca do Beijo ou alguma coisa brega ... Ou totalmente adorável, se você estivesse apaixonada. Que era o caso de Nate. Por Blair.

Então por que Serena estava declarando seu amor por ele agora? Houve tantas outras ocasiões no ano anterior em que ela podia ter dito isso a ele. Como quando eles ficaram quase nus em uma sala de provas na Bergdorf. Ou quando eles se beijaram na banheira da casa de Isabel Coates nos Hamptons. Ou quando ela decidiu não voltar para o internato e em vez disso foi para Nova York. Mas ela não disse. Não disse a ele em nenhuma daqueles vezes principalmente porque ficou com medo. De que ele não a amasse também, e não amava. Ele amava Blair.

Ela recuou da pesada porta de madeira que levava ao quarto dos pais e foi para a escada, onde Nate dissera a Blair que a amava naquela mesma noite. Então por que ela de repente declarou o amor *dela* por Nate, agora, no pior momento possível?

- Ei, você é a aniversariante. - Um cara que ela nunca tinha visto olhou para ela do pé da escada. O cabelo castanho desgrenhado estava num coque confuso no alto da cabeça. Selima, né?

- Serena - disse-lhe ela.

- Tá, acha que pode me dar uma carona para a estação de trem? - Ele colocou a mão sob a camisa pólo manchada de suor e roída de traças para se coçar, revelando um pedaço da barriga cabeluda.

Eca.

Serena desceu um degrau da escada, deixando que a mão deslizesse no corrimão de madeira.

- Acho que as pessoas vão começar a acordar logo. Alguém vai levar você.

- Legal. - Ele espreguiçou os braços para cima, bocejou alto e voltou para a sala, onde as pessoas ainda se esparramavam por cada superfície macia. Ela ouviu alguém murmurar "Caaaara" enquanto desabava no antigo sofá de couro com botões.

Serena passou pelo saguão de mármore até a porta e se demorou ali por um momento, a mão na maçaneta, antes de abrir a porta e sair. A frente da casa estava bem sombreada e fresca, e ela passou os braços pelo corpo para se proteger ao olhar a entrada de carros.

Não tinha certeza se estava mesmo reconsiderando, ou não, ou se queria voltar de fininho até o carro e pegar o envelope que tinha deixado ali. Mas a decisão já fora tomada por ela. O Aston Martin não estava em lugar algum. Nate - e presumivelmente Blair - tinham ido embora.

E levavam um material de leitura bem picante com eles.

## ***velejando para o pôr-da-sol***

Blair se ajoelhava no banco do carro enquanto Nate reduzia o Aston Martin e parava na frente do caiado Iate Clube de Newport. O porto cintilava no sol de meio-dia. Blair respirou o ar salgado e quente do mar. Ficou sacudindo a cabeça, deixando que as mechas sopradas pelo vento girassem nos ombros, o que ela esperava parecer sensual. Na verdade, ela só tentava tirar da cabeça a carta de Serena. Sinceramente, que droga foi aquela?

- Nem acredito que estamos mesmo aqui. -A voz de Nate chamou sua atenção. Apesar de terem dirigido por centenas de quilômetros só para chegar ali, Nate não parecia nada ansioso para sair do carro. Ele abriu o cinto de segurança e ficou sentado no banco, olhando, pelo pára-brisa mínimo do carro, a floresta de mastros no porto.

- Qual é o problema? - Blair abriu a porta e pulou para que o sangue voltasse a fluir pelas pernas.

- Quê? Ah, nada. - Nate pareceu sobressaltado.

Blair colocou os punhos nos quadris. Sua blusa de voile de algodão flutuava no vento.

- Tem certeza de que está tudo bem? Você parece meio ... distraído.

- Não, não, tá tudo bem. - Nate se levantou e bateu a porta do carro. - Mas acho que temos

que fazer alguma coisa com o carro. - Ele franziu a testa.

Blair ajustou a bolsa e se empoleirou no capô ainda quente do Aston Martin verde. Nate parecia mais do que distraído. Dava a impressão de que ia vomitar. Havia alguma possibilidade de ele saber da carta? Ou será que Serena ligou para ele enquanto ele estava no banheiro? Por que é que ele demorou tanto? Blair se remexeu, impaciente. O que é que estava pegando?

- Nate, tem alguma coisa que queira me dizer?

- Quê? Não - respondeu ele, colocando a chave no bolso. - Estamos mesmo fazendo isso, né?

- Estamos mesmo fazendo isso! - Deixando a bolsa no capô do carro, Blair correu até Nate e se atirou nos braços dele. Uma gaivota branca sobrevoou o estacionamento. - Você parece preocupado.

- Não estou não. Só estou ... Pensando em tudo. Não se torture.

Respirando o cheiro delicioso de Nate - o desodorante dele, um toque de sabonete de lavanda do banheiro do quarto dos pais de Serena, o cheiro do mar que de alguma maneira já se infiltrara em sua camiseta - Blair fechou os olhos.

- Não se preocupe, Natie. É verão. E estamos juntos. É tudo o que importa, né?

Nate se afastou o suficiente para olhar seu rosto. Blair sorriu para ele, esperando por um momento que eles naufragassem em algum lugar e que nunca tivessem que ver Serena de novo. Eles iam morar numa cabana de bambu, procurar por comida e ficar nus o tempo todo. Quem precisava de roupas quando se tinha um ao outro?

Ela devia estar completamente louca.

- Tem razão. Que se dane. Que se danem tudo e todos.

- Depois ele se inclinou e apertou a boca deliciosa na dela.

- Vamos dar o fora daqui.

Mas não deixem de mandar um postal.



gossipgirl.net

[temas](#) [◀ anterior](#) [próxima ▶](#) [faça uma pergunta](#) [respostas](#)

*Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

## ai, gente!

Sabe o que é totalmente idiota? Finais felizes. É sério. Como quando estou no cinema e vejo uma garota corajosa e decidida finalmente ficar com o protagonista - e nas últimas duas horas eu sabia que ela ia

terminar com ele mesmo - e eu só quero arrancar fora os olhos dela. A vida real é terrivelmente confusa e complicada e nada simplesmente *termina* ... Quer dizer, se vocês me permitirem ficar toda filosófica por um minuto, todo final é na verdade outro começo, não é? Tá legal, agora vou calar a boca.

Então, enquanto B e N podem estar velejando para o sol poente, algo me diz que esta história está longe de acabar. Em especial quando há tantas perguntas esperando por uma resposta. Por exemplo:

Será que B vai contar a N da carta de S?

S vai encontrar N e dizer ela mesma?

B vai atirá-la para fora do barco se ela fizer isso?

Será que D realmente vai ficar com outro homem? De novo. E eles vão mais além?!

V realmente vai dar força para ele, se ele fizer isso?

E, sejamos realistas, quanto tempo esses dois podem dividir o apartamento e não a cama? Talvez ele seja bi, afinal.

E é claro que há a maior pergunta de todas: Quem sou *eu*? Sei que vocês estão totalmente loucos por mais sujeiras minhas, então aqui está um petisco interessante sobre sua amada (e não venham me dizer que nunca lhes disse nada): nunca consegui guardar um segredo, quer dizer, a não ser o segredo de quem eu sou, é claro. Mas segredos como o de S, sendo guardados por todos esses anos? Tiro o chapéu para ela! Posso entender que tenha enganado os amigos e até a família, mas se você consegue me deixar no escuro, bom, bravo! Então, o que mais ela está escondendo? Tenho a sensação de que há muito mais para ser descoberto aqui ...

Sei que estão morrendo de vontade de saber as respostas. Bom, eu também. E vocês sabem que eu sempre consigo o que quero.

Pra você que me ama,  
gossip girl

**FIM**

**Créditos:** <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>